

Gentil virgem, ¡que magos destinos  
Te fadou no baptismo o Permesseo!  
Es principio do eterno progresso  
Nãõ te negue taes foros ninguem.

Goes, 18 de Maio de 1859

A. CESAR DA SILVA MATTOS

### DISPOSIÇÕES TESTAMENTARIAS

Vi hoje, ao sair da porta,  
Um cortejo funeral;  
¡Nunca vi coisa mais torta,  
Que me par'cesse tam mal!..  
¡Acho esquisito tributo  
De fingir mentido luto,  
Que não sente o coração!..  
— ¡É pranto o dobre do sino  
Quando o sineiro mofino  
Ri de ganhar um tostão!..

Os crepes que ostenta a egreja  
São tambem signaes de dor,  
No entretanto festeja  
Seus ganhos o armador;  
O padre, que entõa a prece,  
Esse tambem não se esquece  
Do lucro, que o leva alli;  
E, se a bolsa do herdeiro  
Chora a cera;— ¡o cereeiro  
De tal despesa se ri!..

Eu, portanto, julgo asneira  
Dispender 'nisto tostões,  
E ao meu herdeiro ou herdeira  
Vou dar minhas instrucções:  
Nem quero que arrede um passo  
Da norma, que aqui lhe traço,  
Quando souber que morri;  
Pois quero ao deixar o mundo  
Continuar tam jucundo  
¡Como o hei sido até aqui!..

Nãõ quero preces vendidas,  
Que não sei o que isso faz,  
Quero poucas, mas sentidas,  
Pela minha eterna paz;  
Em vez das preces do rito,  
Eu quero um *requiem* so dito

Por quem de mim se lembrar;  
Mas lembrança de saudade,  
Em tributo de amisade,  
E ¡nãõ por eu lhe pagar!..

Saiba tambem o herdeiro.  
Que eu não quero ir de caixão,  
Pois ¡p'ra que é gastar dinheiro  
'Naquelle nicho ratão?!  
¡Ver-me alli bem como um'ave  
Mettido, fechado á chave  
Na gaiola sepulchral!..  
¡Nada!.. irei desaffrontado  
Nem quero archotes ao lado  
Porque o fumo faz-me mal!..

Nãõ quero ir de carruagem,  
Nem com moços de libré,  
Que eu andei sempre sem pagem,  
E andei sempre por meu pe:  
Quero so que algum amigo  
Entãõ carregue comigo  
Embrulhado 'num lençol;  
E quero que atraz da tumba  
Me vãõ tocando zabumba,  
Pandeiro e gaita de fol.

¡Que são estes instrumentos  
Da minha maior paixão!  
Por isso 'nesses momentos  
De praser p'ra mim serãõ!..  
Que as moças levem violas;  
E as galantes castanholas  
Nãõ falem a moço algum,  
Que eu a ter força de perna,  
La mesmo na vida eterna  
Inda dançava o londum...

Se pozerem uma lousa  
Sobre o pobre corpo meu,  
Que lhe escrevam:— *Aqui pousa  
Quem sempre alegre viveu;  
Quem zombou de falsos prantos,  
E que sempre nos seus cantos  
De vãõ tristesas se riu;  
E a final, rindo de tudo,  
Acabou tão larachudo  
Como na terra existiu...*

## LOGOGRIPO

A primeira conta tres,  
 Por uma somente val — 1  
 A segunda duas tem,  
 Estão ambas no plural — 1

A terceira encerra tres  
 E segunda tambem é;  
 Além d'isso é singular,  
 Plural póde ser até.

O todo tem tres e sete,  
 Com cinco apenas se faz,  
 Entre appellidos procura  
 De certo adivinharás.

Fevereiro de 1859.

J. P. PARENTE

## CHARADAS

Musica — 1 } Dança.  
 Musica — 1 }  
 MELLO

Em teu aposento }  
 Eu sirvo de ornato. } 1

Homem inconstante }  
 Assim se appellida. } 3

¡Triumphaste, synagoga!  
 ¡Eia pois! Nada de pranto:  
 Busquemos o logar onde  
 Morreu o tres vezes sancto.

Eis o logar, ó mortais,  
 Onde pereceu um Deus,  
 Remindo com sua morte  
 Os crimes vossos e meus.

¡Logar sancto! eu te saúdo,  
 Á tristesa consagrado!:  
 Tu és o medianeiro  
 Entre a graça e o peccado.

Sexta-Feira de Paixão de 1859

JOÃO B. V. P. DE B. E VEIGA

## HISTORIA DE LA GUERRA DE ITALIA

## LA LECTURA PARA TODOS

SEMENARIO ILUSTRADO

Sale todos los sábados en 16 páginas de á folio con  
 48 columnas y 4 grabados.

Desde el sábado 21 de mayo ha empezado á publicar la **Historia de la guerra de Italia, ilustrada**. El número de hoy contiene dos grandes y magníficas láminas. Cada semana dedicará algunas columnas á esta interesante y palpitante historia, la cual irá acompañada de sus correspondientes grabados.

LA LECTURA PARA TODOS, con sus *novelas*, el *Curso de literatura*, de Lamartine, y su parte *científica y recreativa*, es el periódico mejor, mas instructivo é interesante, y el **mas barato** de los conocidos hasta el dia, y que mas circula: baste decir que en menos de cuatro meses ha obtenido mas de 8,000 suscritores. Prueba de ello es, que hoy paga mas de timbre que ningun otro periódico, y que cada semana tiene que aumentar considerablemente la tirada.

*Ventajas importantes para los suscritores*: el que pierda ó estropee un número, podrá siempre obtenerlo suelto por cuatro cuartos: todo el que quiera suscribirse desde el principio, lo puede hacer, pues hay colecciones completas.

**Precios**: Madrid, tres meses, 8 rs.; seis meses, 15; un año, 28. En provincias, franco de porte, tres meses, 12; seis, 21; un año, 38.

**Se suscribe** en Madrid en la librería extranjera y nacional de D. Carlos *Bailli-Bailliere*, librero de Cámara de SS. MM. y de la Universidad central, calle del Príncipe, núm. 11, y en todas las librerías y administraciones de correos del reino.

O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra, tambem recebe assignaturas para este excellente jornal. O preço para Portugal é o mesmo, que se acha marcado para as provincias de Hespanha.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## REVISTA

Uma revista no genero da que vamos escrever— não será talvez de grande interesse para a geração actual, e muito menos para os que são completamente estranhos ao movimento da sociedade de Coimbra; todavia, como o movimento de qualquer sociedade se traduz em usos e costumes, em civilisação e progresso — pouco será preciso reflectir para reconhecer desde logo a importancia d'um escripto, que, em epochas mais afastadas, possa dizer aos que nos succederem, com imparcialidade, e quando as paixões houverem cedido o campo á reflexão, o que fizemos de bom, para o proseguir, ou o que practicámos de mau, para o evitar.

Se, ha 20 ou 30 annos, se referissem os acontecimentos, que tiveram logar em Coimbra por aquelles tempos, com todos os seus horrores, com todas as suas maravilhas — a sensação, que elles produziriam seria apenas momentanea e debil, porque aquelles acontecimentos *caracterisavam* a epocha, que esta sociedade atravessava: o vulgo suppõe sempre um *limite*, ou uma *necessidade* no bem e no mal, que practica: mais alem está o ridiculo, o impossivel; ou o vicio, o crime, que não é dado ao homem nem corrigir, nem desviar de sua natureza corrompida...

Hoje, porém, que tudo mudou — gerações e costumes, civilisação e progresso — a narração d'esses acontecimentos tem-nos, por assim dizer, enlevado o espirito por longo tempo na confrontação das duas epochas, na apreciação do passado pelo presente, na cogitação de novos meios, para fazer reviver o que era grande, para desterrar o

1859—Julho

que é mesquinho e pusillanime aos olhos d'um mundo mais civilisado.

Poucos, bem poucos têm sido os estudantes, que em Coimbra, ou mesmo nas suas localidades, não tenham consumido de bom grado algumas horas d'ocio, ouvindo ou lendo nas paginas dispersas da velha academia os seus feitos passados, sempre tam intimamente presos com as situações mais ou menos favoraveis dos povos, com que ella fizera a sua primeira educação; e bem poucos são ainda os que não tenham aproveitado d'essas paginas um exemplo a seguir, ou um defeito a emendar, segundo a sua indole e a intensidade das impressões recebidas.

Sendo assim, os nossos leitores d'hoje poder-nos-hão alcunhar de *maçadores*, mas de *inuteis* — não.

Falaremos pois de tudo.

O que mais seriamente occupa ainda a attenção não so da academia, mas de todos, que desejam pertencer-lhe, é o resultado dos actos e exames, tanto na Universidade como no Lyceu; e a julgarmos com a opinião publica — nem tudo tem corrido bem, nem tudo mal.

As reprovações e os RR têm sido frequentes, mais talvez do que nos annos anteriores. Diz-se, que são os preliminares d'um certo rigor desde ha pouco aconselhado para as habilitações futuras.

Seria, porém, para desejar, que antes da applicação d'um tal *systema* se adoptasse um *methodo*, que o não tornasse odioso: nem sempre as reprovações e os RR provam ignorancia da parte do examinando...; ás vezes tambem dizem injustiça, levandade, capricho da parte dos examinadores.

Entendemos, que os professores dispõem

N.º 16

de todos os meios, de que carecem para conhecer o aproveitamento e a capacidade dos seus discipulos; e, por conseguinte, difficilmente se lhes perdoará, quando se souber, que homens *sensivelmente* inferiores foram collocados, por sua apreciação, acima d'outros, que a opinião publica considera bem em circumstancias de lhes poder servir de mestres...

Desejámos, que, para remediar este mal, se não desse nas aulas mais preferencia a uns do que aos outros: o numero de licções deve ser *equal* para todos; e estas, por maior que seja o curso, não devem nunca ser inferiores a cinco ou seis. Julgar d'um estudante por uma licção apenas, e ás vezes *so* pelo acto — é comprometter tanto a reputação d'este, como a probidade do professor.

Se ha individuos, que, dotados d'um sangue frio admiravel, d'uma *facilidade* de exposição pasmosa, possam fazer valer todos os seus conhecimentos 'num so quarto d'hora..., ha outros, que, dispondo d'equal fundo, e muitas vezes superior, se sentem de tal sorte *constrangidos*, que não podem senão arriscar a sua situação á força de a quererem salvar...

Em qualquer dos casos, portanto, julgámos, que não basta essa unica prova para decidir do merito ou inmerito do estudante; porque no primeiro — as suas vantagens podem muito bem ter sido filhas d'um *feliz acaso*, e mais nada; em quanto que no segundo — os seus revezes podem nascer do *natural acanhamento*, que nos limita, quando *temos consciencia* do pouco, que sabemos, para satisfazer a expectativa d'uns e a lisongeira apreciação dos outros, apreciação que tam immediatamente tem d'influir no resultado final de cada anno de fatigas e de sacrificios...

Quizeramos tambem, a exemplo do que temos visto e experimentado em terras mais civilizadas, que não existisse entre o mestre e o discipulo essa barreira, que geralmente os separa em Coimbra, e a que uns chamam de *prepotencia* e outros de *terror*. Não reconhecemos outra separação, que não seja a do respeito, que todos se devem, e a das *conveniencias* aconselhadas por uma

franca e modesta civilidade: é a unica, que a razão admite, e que fórma a *verdadeira distincção*.

Quando isto acontecer, quando o estudante não vir no mestre senão um *amigo*, e este no estudante um *como filho*, então a apreciação será a mais justa possivel; e o conselho, em tempo opportuno, conselho que se nos deve por todos os titulos — fará com que, em muitos casos, se alcance o que o susto ou a ameaça não seguiu ainda...

Para suavisar a mágoa d'uns e *entreter* o aborrecimento dos outros, não tem faltado, 'nestes ultimos tempos, nem festas de igreja, nem procissões, nem arraiaes, nem recitas nos theatros: até a guerra da Italia preocupa por aqui os animos com especial attenção; tal ha, que se dá ao trabalho de decorar as partes thegraphicas em cada jornal, para as impingir, como saudação, ao primeiro conhecido, que lhe apparece...: são uma especie de *boletins ambulantes*, que se encontram desde manhã até á noite nos passeios, nos cafés — em toda parte!

Sem guardarmos a ordem chronologica, passaremos em revista o que de tudo isto nos parece ter valido mais a pena.

O *Espirito-Sancto*, apesar de chuvoso, não esteve pouco animado: durante os tres dias de festa não faltaram romeiros em *Sancto Antonio*, que dançassem, comessem e se embebedassem... Não somos inimigos dos folguedos populares; pelo contrario, julgámol-os uma especie de narcotico para o povo opprimido pelo trabalho e por mil pesares, que lhe *aspéram* a vida; todavia, quizeramos, que para a capella so se fosse orar, deixando a motivos profanos o pretexto d'essas festas, com que as coisas divinas tam mal se ajustam, se não repugnam completamente.

Na procissão do *Corpo de Deus* vimos o mesmo, que costumámos ver em quasi todas as procissões: muita gente e pouca devoção... Os cavallos emplumados, e S. Jorge com o seu capacete, a sua lança, o o seu escudo, etc., poderiam, 'nalgum tempo, dar um ar mais solemne áquelle acto desafiar mesmo a piedade dos fieis; mas hoje..., que as coisas da igreja têm de accomodar-se tanto com as do estado de

desenvolvimento da nossa sociedade — são inuteis, se não ridiculas e impias. Todos o conhecem, todos o sentem; todavia a *rotina* posterga ainda a razão e o sentimento!

A festa do *Sanctissimo Sacramento*, na Sé-Velha, foi feita com sufficiente pompa; e a procissão, por isso mesmo que não levava *andores*, nem *mascaras*, nem *trombetas* — despertou o respeito e a piedade, e fez dobrar o joelho a todos com o temor religioso, que nos bons christãos infunde sempre a idea *pura e simples* d'um Deus grande, creador do Universo. É para mencionar a oração, que na mesma Sé e por essa occasião fizera o Sr. Dr. Motta Veiga. Joven ainda, progressista sem irreverencia, cheio de talento e d'aspirações, — possuido pela fe e pelo amor — o Sr. Motta Veiga comprehendêra, que não é o *cantado* ou o *chorado* da phrase, nem o comico accionado dos velhos pregadores, que fala hoje ao coração do auditorio: o povo está mais illustrado; e precisa da naturalidade, da profunda convicção do sabio para commover-se, ouvindo-o com favor e mesmo com aproveitamento. O Sr. Dr. Motta Veiga é hoje um dos raros ornamentos do pulpito de Coimbra.

Tanto as fogueiras de *S. João* como as de *S. Pedro* estiveram 'neste anno bem alimentadas de lenha, e concorridas de espectadores e dançantes. Quebraram-se muitas cordas de viola, cantou-se com frenesi o *ladrão*, bebeu-se-lhe soffrivelmente; e não obstante um tripudiar de mais de 7 ou 8 horas — ainda de manhã estudantes e *futricas*, formando com as bellas cachopas bisarros grupos, se dirigiam cantando e dançando á *Fonte do Castanheiro* e do *Cidral*.

Dos theatros pouco poderemos dizer, que lhes seja favoravel. O *academico* consideramolo em *ruinas* tanto no corpo como na alma. As tentativas succedem-se, é verdade, mas sempre com o mesmo resultado; o que nos faz crer, que a arte dramatica não sympathisa nada com os rapazes, nem com as sciencias...; com os rapazes, porque a tractam, como as creanças costumam tractar os soldados de chumbo, com

que brincam; isto é, feita a primeira evolução cortam-lhes a cabeça...; com as sciencias, porque um juriconsulto, um medico, um mathematico, um theologo, etc. do que menos cura, na sua vida pública, é de civilisar o povo pelo palco.

Parece-nos, portanto, que se não faria pouco serviço, tanto á academia como ao publico em geral, em abrir aquelle velho edificio, depois de concertado e reformado, ás companhias, que de Lisboa ou Porto alli quizessem vir declamar ou cantar. A casa presta-se para isso, emquanto que os outros theatros são tam acanhados em tudo, que mal podem soffrer uma recita regular.

O Sr. *Ciciliani & C.<sup>a</sup>* tambem contribuiu a seu modo para a animação d'estes ultimos dias. A concorrência ao principio foi regular, mas depois tornou-se quasi nenhuma. Esta especie de divertimentos ja pouca acceitação têm entre nós; é preciso que elles toquem o maravilhoso, para que os preferâmos a um bom *cavaco*, ou a um passeio a *S. Francisco*, onde os *ares* correm hoje tam *frescos*, tam *perfumados*, que so com pena se abandona, ao anoitecer, aquellas paragens *enseiteçadas*: cavallinhos, jogos icarios, danças sobre a corda, grupos mythologicos, etc. — são na actualidade mais da expectativa da aldêa, do que da cidade.

Mas o que, sobre tudo, não podêmos perdoar ao Sr. *Ciciliani*, é o descoco com que nos quiz fazer crer 'num dos effeitos do magnetismo animal, a transmissão das ideas, servindo-se d'um ridiculo embuste. Que o Sr. *Ciciliani* nos dissesse, que tudo aquillo era uma feliz e ao mesmo tempo complicadissima combinação de palavras, na maneira de formular as perguntas — va; admirariamos o trabalho e a arte; mas que ousasse, com um charlatanismo pouco disfarçado, ultrajar assim um dos mais ricos mysterios da nossa alma, das nossas forças — era para ser horrivelmente assobiado!

As theses do Sr. Manuel de Carvalho e Vasconcellos, bem como as do Sr. Mira-beau, encheram-nos agradavelmente algumas horas. É um dos actos mais solemnes da nossa Universidade. Pena é que participe, como quasi tudo que é velho, de certo ridiculo, que tudo disvirtua: a *charamella*,

esse cherivari de notas musicas em dias de carnaval, seria ouvida com gosto, por extravagancia, 'num gyro de cavallinhos de pau, em que a ouvimos, pela primeira vez, em Madrid, no caminho da *Fuente-castilana*; mas 'numas theses, no seculo xix... já triste coisa!..

Continuam as obras emprendidas pela camara, para melhoramento e aformoseamento da cidade; e posto que nenhuma d'ellas se ache ainda concluida — as suas vantagens ja se fazem sentir muito favoravelmente para os habitantes de Coimbra: é para lastimar que, segundo as nossas impressões, ellas não satisfaçam completamente o seu duplicado fim: quizeramos encontrar-lhes alguma coisa mais, que nos contentasse a vista: a sua falta de gosto e d'harmonia — torna-se bem sensivel; e com tudo, acreditamos que a reunião d'esta qualidade mais em nada teria aggravado as despesas do concelho. Não basta so attender ao goso material da coisa; é preciso que ella seja tal, que possa tambem falar com agrado ao sentimento.

Resta-nos ainda dizer alguma coisa da *Floresta do Mondego*, creação nova e de gosto.

A Floresta do Mondego tem a forma d'um parallelogrammo: está dividida em diversos *salões*, cortada por um grande numero de ruas, entapetada, em partes, por alguns canteiros de verdura, e sombreada pela densa copa das laranjeiras, que com os seus fructos e as suas flores muito embellezam aquelles sitios, e perfumam a sua fresca atmospheria. Collocada entre o *Mondego* e o *Hotel* do mesmo nome, offerece, principalmente no verão, um delicioso abrigo, aos que, no *Caes-novo*, demandam, ao cair da tarde, as suaves exalações d'aquelle rio, que passa murmurando ao lado d'este espaçoso passeio.

É ao Sr. Domingos Maria Pereira, que os habitantes de Coimbra devem uma das melhores distracções, de que gosa hoje esta terra: é o *rendez-vous* do mundo-elegante, o salão commum da nossa sociedade escolhida. Tudo o que é de gosto alli apparece nos domingos ou dias sanctos, em que o interesse sóbe de ponto: a *Philharmonica*,

fazendo vibrar os ares com seus harmoniosos instrumentos — parece falar a todos os corações...: ora triste, ora alegre — a alma ou se rodea de doce melancolia, ou vai perder-se no redemoinho dos mil prazeres, que ella desperta... | A musica é a linguagem dos anjos!..

Perto de dois mil bicos de gaz illuminam aquelle recinto, e fazem brilhar, com seus fogos vivos, as variadas cores dos vestidos e enfeites de elegantes *Senhoritas*, que prepassam e se escondem por entre os caramanchões ou na volta d'uma rua, deixando após si doces perfumes, deliciosas impressões...

Grinaldas e coroas de flores, com seus aromas e suas folhas de veludo e de setim... , bandeiras tremulando aqui e acolá, algumas arvores de fogo, que se queimam de espaço a espaço, e cujas chammas encarnadas, verdes ou asues dão a tudo um ar phantastico... , o redemoinhar dos criados, as bandeijas cobertas de refrescos, o brilho dos copos, o estampido das garrafas de serveja, que se abrem, o rumorejar produzido pela voz dos que conversam ou se riem — tudo concorre para tornar verdadeiramente bello e poetico aquelle sitio, em que parece so habitar a felicidade.....

Oxalá que todos comprehendessem, como o Sr. Domingos Maria Pereira, as necessidades d'uma sociedade como a de Coimbra, ja na maior parte acostumada na capital a estes gosos, que tanto fazem esquecer as penas e adoçar os costumes.

O general *Maldonado*, ex-governador civil de Coimbra, saiu no dia 4 d'este mez para Lisboa. Se o governo, que o exonerou, tivesse assistido á sua entrada na mala-posta, se tivesse visto correr, de saudade e gratidão, algumas lagrimas pelas faces tanto do bravo e generoso militar, como dos que lhe foram dar o ultimo abraço de despedida, que eram *muitos*, o governo maldiria a politica ou a intriga, que o *arrastou* a separar do serviço publico um dos melhores dos seus agentes.

Por ultimo, esta quadra teria sido das melhores de Coimbra, se a morte, que tam ciosa se mostra pela nossa felicidade, não viesse ainda arrancar dos primeiros sonhos

da vida a dois mancebos, que muito deveram viver ainda — um para protecção d'uma familia, que á custa dos maiores sacrificios, quicá, creára 'nelle todo o seu futuro; o outro para que perpetuasse com o seu saber e as suas virtudes o esplendor d'uma casa illustre. O primeiro ; querendo salvar a vida a um pobre homem, que o acompanhára, morreu com elle!

¡ E foi o Mondego, que os asphyxiou a todos! ¡ o *Mondego* — que deve os melhores dos seus cantos, das suas glorias á lyra academica!..

¡ Antonio de Freitas Trindade d'Araujo, estudante do 4.º anno theologico, Francisco Maria Cardoso e Menezes, estudante de preparatorios e Antonio d'Almeida, criado do theatro anatomico — ja não existem: ¡ o Mondego os afogou!

V. DA SILVEIRA

### A TERCEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS

(Continuado dos numeros 4 e 6).

A obra em que tomára corpo o engenho de Camões, a obra, cujo merito não traduz a mais arrojada hyperbole, reos de lesa litteratura, os jesuitas adulteraram-na.

O ferrete, que por escripta aqui pômos, e atraz irrogámos áquelles religiosos, ha mistér de que o validem inconcussos testemunhos, — corre-nos a obrigação de tambem os publicar.

Na segunda e terceira edição, que dos *Lusiadas* tiraram a lume os jesuitas, le-se:

CANTO I. ESTANCIA XXIII.

Em luzentes assentos marchetados  
D'ouro e perlas mais abaixo estavam  
Os outros *Idolos* todos assentados.

Sendo, que tanto na edição do Faria, que em Madrid víra e copiára dois manuscritos do Poema, como em todas as edições posteriores áquella, excepto a de Craesbeeck e a de Jose da Fonseca, se le:

Em luzentes assentos marchetados  
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam  
Os outros *Deuses* todos assentados,

E na de Jose da Fonseca, que seguiu a

Craesbeeck, e que para mim tenho por mais correctá, le-se:

D'ouro e de perlas mais abaixo estavam  
Os outros *Deuses* todos assentados,

Assim que, os jesuitas não so erraram um verso, mas ao termo congruente substituíram outro, que desentoa da geral affinação d'este episodio.

No Canto IV, estancia XL, debuxando a batalha d'Aljubarrota, pinta Camões em dicção nervosa e colorida a morte dos *Pereiras* no ardor do conflicto; e diz:

Os *Pereiras* tambem arrenegados  
Morrem, arrenegando o ceo, e os fados.

Versos, que os editores jesuitas passaram para prosa ruim, d'est'arte:

Os *Pereiras*, que tambem são *rebellados*  
Finalmente são aqui desbaratados.

Com mentirem ao sentido, addiram uma syllaba ao primeiro verso, e usaram de *rebellar* numa accepção não portugueza! Continuemos.

Uma das mais imaginosas pinturas, d'entre as muitas, em que abundam os *Lusiadas*, é a da ida de Venus á presença de Jupiter, para interceder pelos seus portuguezes, detidos, ao entrar em Mombaça, pelas *Nereidas*, que lhes tolhiam o passo: o *primor e consonancia* da phrase rivalisa com a sublimidade dos conceitos: não o entenderam assim os jesuitas, que, so movidos do odio entranhado, o calaram e substituíram por uma voz sobre natural, que ao Gama responde em inintelligivel algaravia. Eis um fragmento:

Orava o illustre Gama d'esta sorte,  
Quando uma voz ouvio, que d'alto vinha,  
Dizendo-lhe, não temas ver a Morte  
Tão propinqua a ti e tão visinha:  
Anime-te, e esforce-te, Varão forte,  
Que tal empreza a tal Varão convinha.  
Ouvindo isto o Gama attento estava,  
E a voz, que bem ouvia, assim soava:  
«Famosos Portuguezes não temaes  
Perigo algum — jamais em Luzitanos;  
Nem que nenhum que elles possa mais  
Em quanto gerações houver d'humanos.  
Que eu vos fico, amigos, que vejaes  
Esquecerem-se Gregos e Romanos.  
Pelos illustres feitos, que esta Gente  
Ha de fazer nas partes do Oriente.»

Cujas estancias correspondentes são:

E, co'o seu, apertando o rosto amado,  
 Que os soluços, e lagrimas augmenta;  
 Como menino da ama castigado,  
 Que quem o afaga, o choro lhe accrescenta;  
 Por lhe pôr em socego o peito irado,  
 Muitos casos futuros lhe apresenta:  
 Dos Fados as entranhas revolvendo,  
 D'esta maneira em fim lhe está dizendo:  
 «Fermosa filha minha, não temais  
 Perigo algum nos vossos Lusitanos;  
 Nem que ninguem comigo possa mais,  
 Que esses chorosos olhos soberanos:  
 Que eu vos prometto, filha, que vejais  
 Esquecerem-se Gregos, e Romanos,  
 Polos illustres feitos, que esta gente  
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

(Continúa)

S.

### VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 14)

#### O Remorso

Mistura ás vezes a fortuna tudo.

ANTONIO FERREIRA

Feliz aquelle que os ouvidos cerra  
 A malvados conselhos,  
 E não caminha pela estrada iniqua  
 Do peccador infame,  
 Nem se encosta orgulhoso na cadeira  
 Pelo vicio empestada;  
 Mas na lei do Senhor fitando os olhos  
 A revolve e medita  
 Na tenebrosa noite e claro dia.

CALDAS

O Senhor da virtude é firme esteio;  
 Emquanto o impio corre,  
 De horribonas procellas combatido,  
 A naufragar sem tino.

CALDAS

V

Era no dia 11 de Maio de 1835. Mais um crime se havia practicado; um d'estes crimes, cuja victima so póde vingar-se á custa da propria deshonra!

Luiz desposára Julia. — ¡Maria perdêra o seu nome, para ser substituida a este a alcunha, com que a sociedade costuma designar a mulher, que cega d'amor, vencida de fraca, se deixa arrastar até á perda da honra!

Luiz não cuidára de tornar viçosa a flor, que elle fizera pender, no firme proposito d'uma reparação futura.

A fraquesa do seu character e os conselhos

dê Paulo desvirtuaram-no, e prepararam-lhe um futuro de remorsos, que devia começar no mesmo dia, em que elle ligasse a sua existencia á de Julia.

A mulher, nas circumstancias de Maria, raro póde vingar-se, sem desdouro; mas, em compensação, ¡vinga-a a Providencia! e de tal modo, que o criminoso é o castigador de si proprio, e os conselheiros do crime soffrem de egual arte — ¡se é que não soffrem mais no intimo do coração!

No dia 11 de Maio de 1835, ¡o altar sancionava a união de Julia com Luiz; ligava, pela lei do ceu, os dois que não deviam junctar-se!

Mas o altar não sabia, não havia podido saber, que firmava uma união criminosa, que em nome de Deus, identificava dois destinos, que não deveram fundir-se.

¡O altar era inconscienciosamente um dos ministros do crime!

Aviltavam-no dois homens, ¡um dos quaes tinha as coisas sanctas na conta das frivolidades do mundo!

¡Desgraçados! esqueciam que, após a vida da terra, ha ainda outra vida; que, depois da justiça humana, está a absoluta; que, após a virtude e a práctica do bem, está a paz com Deus; que, em seguida á vida de crimes, está a saneção da lei do Omnipotente, está a vida do castigo, — está o inferno!

¡Luiz esquecia que se tornava o algoz d'aquella, que o amára tanto, que o acolhêra, que lhe adoçára amarguras, que o fizera pai! Devia lembrar-se de tudo isto, embora ja tarde, para reparar o esquecimento, cedo ainda para soffrer na terra as consequencias tristes e justas do seu proceder!

¡A infeliz porem morreu perdoando-lhe, como o leitor verá, posto soubesse que a sepultura não seria descanso para ella, e que a lousa do sepulchro não abriga nem conserva intacta a memoria da que fraqueja na vida!

O perdão comtudo é proprio da candura, almo typo da mulher; d'ella, que é muitas vezes o symbolo da paz e do soffrimento.

Dissemos que no dia 11 de Maio de

1835 Luiz desposára Julia. Desde então foi tal o succedido, que nos não poupámos a expol-o.

Luiz voltára da egreja para casa de Julia. Mostrava-se alegre; sua esposa julgava-se a mais feliz das mulheres.

À noite reuniram-se na mesma sala, em que se passaram as scenas do penultimo capitulo, varias pessoas, na mor parte amigas de Julia e desconhecidas do noivo. Paulo, o famoso conselheiro tambem alli esteve, e como que se revia na obra para que concorrêra.

Houve o costumado festim.

¶ Eram hymnos entoados e dedicados a um crime! ¶ O noivo parecia não lembrar-se d'isso!

No dia seguinte, o companheiro de viagem de Luiz dirigiu-se em procura do seu amigo, a casa de Paulo. Tendo perguntado ao criado d'este por aquelle, obteve em resposta:— O Senhor casou-se hontem, ja aqui não está.

—¿ Casou-se?!

—Casou, sim Senhor.

—¿ Onde mora, sabe?

—Mora na rua... n.º...

—¿ Em que andar?

—A casa é toda da Senhora.

- Pedro (tal era o nome do amigo de Luiz) pasmou ao ouvir a noticia, que lhe deu o criado de Paulo; e obedecendo á natural indiscripção, não pôde deixar de mostrar-se admirado na segunda pergunta.

A admiração crescia-lhe tanto mais, quanto era certo, que Luiz lhe não havia dito coisa alguma a tal respeito.

Dirigiu-se ao novo aposento do seu amigo, e procurou por elle. Mandaram-no entrar para a sala. Admirava tudo o que via e sabia, mas não atinava com a maneira por que, em tam pouco tempo, Luiz conseguira collocar-se em taes circumstancias. Cogitava por descobri-la, quando o seu amigo appareceu.

Ao verem-se guardaram silencio por instantes; porém Pedro, depois de feitos os cumprimentos do ritual, começou:

— Venho dar-te os parabens e...

—¿ Como soubeste, que eu havia casado?!

— Disse-m'o o criado de Paulo.

Luiz deixou-se cair no canape, encostou a cabeça na almofada e escondeu a cara com as mãos.

Pedro attribuiu as maneiras de Luiz a uma pequena vergonha; porque, em fim, ambos haviam estado na aldêa, e qualquer dos dois sabia bem das coisas do outro; contudo perguntou-lhe.

—¿ Que quer dizer isso?!

— Fecha aquella porta: ¶ não quero que me ouçam!

Pedro completamente alheio, fechou a porta da sala, e veio sentar-se juncto ao seu amigo.

— Casei, é verdade, casei hontem; mas, em vez de viver alegre e contente com o meu novo estado, ¶ morreu-me, com elle, a alegria!.. ¶ tu bem sabes, que sou um grande criminoso!

¶ Bem sabes agora, que ha uma victima do meu crime! ¶ e não ha uma so! ¶ Mathilde, a minha filhinha, como salva-a!

Palavras foram estas proferidas com voz, que do amago d'alma partia; ¶ voz que denotava, que no coração de Luiz se ateava o remorso! que la por dentro reinava procella horrorosa!

—¿ Mas como arranjaste este casamento?! ¶ Admira que não meditasses no passo, que deste! ¿ Porventura algum motivo justo te obrigou a deixar Maria? ¿ Foi-te acaso infiel?

—¶ Não, Pedro, não! O unico motivo que tive, foi uma mudança repentina, mesmo uma d'estas coisas, que se não explicam! ¶ Comecei a aborrecel-a sem saber bem porque! Crescia o meu amor por Julia, a quem eu havia jurado pertencer, antes de partir para a tua patria. Maria fez-m'a esquecer, sem que o soubesse: Julia fez-me esquecer Maria, sem o saber tambem. ¶ Os conselhos d'um amigo, que neste passo via a maior das felicidades para mim, ajudaram-me o coração! ¶ Cedi a este! mas tenho aqui no peito alguma coisa, que me morde n'alma, que não cessou ainda de atormentar-me, desde que Julia se pôde chamar minha esposa!

Pedro ficou silencioso, e estava contristado. Luiz continuou:

— ¡ Houve tempo, em que a paixão auxiliada pelos conselhos d'um amigo, deslumbrou minha alma e foi superior á consciencia do meu dever; mas esta agora condemna-me! ¡ Ha algumas horas ja que sou muito infeliz!

— ¡ Extranho que me não falasses em coisa alguma! E ainda insisto em que não usas de franquesa. ¿ Illudiu-te acaso alguém, dizendo-te de Maria coisa que ella não fizesse?

— Não Pedro, ja te disse que não.

Se te não fallei 'neste negocio foi porque a tal respeito fui obrigado a guardar segredo. O que sei é que sou esposo de Julia quando devia sel-o de Maria; e que prometti desposar esta quando tinha jurado ligar o meu nome ao d'aquella. ¡ Escuso dizer-te qual d'ellas tinha direito á minha mão, e qual a victima!

Amo Julia, aborreço Maria; mas o meu amor é atormentado pelo remorso, por uma dor de consciencia; ¡ o meu aborrecimento é amaldiçoado pela rasão! comtudo não posso descativar-me d'elles!

D'aqui resulta Pedro, que nem sou feliz com o amor de Julia, nem vivo tranquillo aborrecendo Maria; ¡ que sou um perverso, um ingrato!.. ¡ E não posso, não está em mim, ser outro!

¡ Como homem polluí a reputação d'uma mulher; como pai esqueci-me d'aquella em cujas veias gyra o meu sangue!

¡ A belleza, o amor, a perspectiva d'uma vida feliz, que se julga succeder a outra ardua e penosa, têm desviado muitos do caminho difficil da honra! ¡ Infelizmente entro no numero d'estes!

Quando a troca importa a quebra do dever, a riqueza o amor a belleza da esposa illudem-nos por algum tempo, mas não são bastantes para restituir á alma a paz e socego do ceu, de que gosára, se a não fizesse, ¡ embora a vida lhe fosse 'neste mundo continua dor!

— Mas agora, caro Luiz, o mal está feito. Segundo vejo casaste com uma Senhora rica. ¡ Usa pois da tua fortuna de modo que allivies ao menos a desgraça da tua filhinha!

Escreve a Maria, fala-lhe com franquesa até certo ponto, dize-lhe que circumstan-

cias superiores á tua vontade determinaram o passo que déste; que te mande Mathilde para a entregares a alguém, que cuide de educal-a: permite-me que te dê este conselho, embora m'ò não pedisses.

— Tenciono mandal-a vir, não para esta casa. ¡ Julia ignora tudo e não quero dar-lhe um desgosto tam grande! não quero que saiba, que por sua causa ajunctei, com as proprias mãos, mais uma infeliz ao numero das desgraçadas!

— Como quizeres. Ha por esta Lisboa, e em abundancia, quem queira educar uma menina. Ha muitas familias, que precisam. Emquanto a Maria, sou de opinião, que a não illudas. É provavel que se resigne; talvez não queira entregar-te a filha. Experimenta, e descança. Uma ma acção pode ser perdoada quando desde ella até ao fim da vida houve contínua práctica do bem. Tracta de obstar a qualquer meio por que Julia possa saber coisa alguma. Entendo que 'nisso andarás com acerto. Da minha parte não tenhas receio; conta com o meu segredo e comigo para o que quizeres.

— Obrigado, Pedro, obrigado. A amizade, que me dedicas, anima-me a fazer-te um pedido, que estou certo satisfaras.

— ¡ Porque não! creio que não pedirás impossiveis.

— Não por certo. Rogava-te o obsequio de consentires, que eu fosse a tua casa conversar ácerca d'este negocio; aqui ata-se-me a voz; receio que nos ouçam.

— Ao teu dispôr, e com todo o gosto.

Acredita que saberei cumprir com os deveres de amigo.

Pedro despediu-se de Luiz, que o acompanhou até ao fundo da escada.

Luiz voltou para a sala, sentou-se de novo, e depois de pouco tempo, tomou um album, que alli havia, e escreveu 'nelle as seguintes palavras:

« ¿ Porque motivo ¡ meu Deus! déste ao homem a paixão com a rasão!

« ¿ Porque motivo lhe não déste uma vontade sempre firme? uma inclinação invencivel para a obediencia ás leis, que implantaste na humana natureza?

« ¿ Porque motivo estabeleceste o sacrificio como preço da virtude?

«Segredos mui segredos são os teus altos designios ¡ó meu Deus! Que a tua lei seja cumprida! Que a tua vontade seja feita!...»

Luiz fechou o album e retirou-se da sala.  
¿Como desfechará este drama terrível?  
¡Vel-o-hemos!

JAYME C. MONIZ

## O DIA 23 DE JUNHO

TRADUZIDO DO ESPANHOL

E

OFFERECIDO A MEU MANO.

O DR. MANUEL CARRILHO GARCIA

(Continuado do n.º 15)

Retirou-se á hospedaria, e alli entre dolorosas angustias escreveu com mão firme a seguinte carta, momentos antes de attentar contra sua vida:

«O homem sem honra não deve viver; foi este o principio de toda a minha vida... Já que me vejo deshonrado devo eu mesmo tirar-me a existencia, porque a sociedade, não julgando nunca senão pelos effeitos, sem conhecer as causas, me repelliria de si.»

«Qualquer outro teria primeiro atentado contra a pessoa, que foi a causa d'isto; viva, todavia, para que cuide de meu filho, e para que sua mesma consciencia seja o seu verdugo. Vou morrer tranquillo, porque cumpri todos os meus deveres, embora algum facto pareça condemnar-me; agora perante Deus, que em breve me julgará, juro não ser culpado da morte de Constançia de... Ninguem seja accusado da minha morte, pois sou eu mesmo que cometto este acto... sereno... tranquillo... porque ¿que resta no mundo ao homem a quem mataram as crenças, ao homem, a quem foram arrancando uma por uma as suas illusões?... ¡a morte! o silencio do tumulo! E eu baixo a elle com passo firme e resolutivo!... ¡Tu, que primeiro entrares 'nesta habitação e recolheres esta carta, em nome do ceu, entrega o masso, que está juncto, á pessoa a quem é dirigida, e roga a Deus por mim!

As tres da manhã ouviram uma detonação no quarto do meu pai; quando acudiram, ¡acharam-no revolvendo-se em seu sangue!.. Estava gravemente ferido; no entanto, com voz firme, mandou que recolhessem os papeis, que estavam sobre a mesa, e os levassem. O criado assim o fez e depois meu pai, reunindo todas as suas forças, lhe disse:

—Has de extranhar o que estás vendo, assim como ignorarás quem eu sou; a este respeito so te direi, que sou d'esta mesma cidade. Peço-te que, ja que Deus não quiz que eu morresse, me conduzas a minha casa, occultando a todo mundo este successo. Se cumprires o que te mando, alem d'este dinheiro, que te entrego, dobrarei a quantia; mas do contrario treme...

O criado fez o que meu pai lhe ordenava, e áquellas horas o conduziram a minha casa quasi sem sentidos.

Podes imaginar o transtorno, que isto causaria: chamou-se logo um medico, que decidiu que a ferida era mortal. Meu pai occultou o melhor que pôde a minha afflicta mãe o successo, explicando-lh'o como casual, e fazendo-lhe jurar, ao entregar-lhe um masso fechado, que se elle morresse o abriria, mas que lh'o entregaria, no caso d'elle sobreviver.

Tinham-se passado tres dias depois d'este successo, e ja meu pai se achava algum tanto melhor, quando, ao anoitecer do terceiro dia, lhe entregaram uma carta, que um desconhecido tinha deixado para elle. Quando pegou 'nella e leu o subscripto, uma pallidez mortal cobriu o seu rosto: não tinha acabado de lê-la, e ja uma convulsão se tinha apoderado d'elle com um delirio espantoso. Na madrugada, estando mais acalmadas as suas dores, ainda que muito irritada a ferida, chamou minha mãe, e leu-lhe o bilhete seguinte:

«Sei que estás ferido de morte, e que não está na mão dos homens o salvar-te... Sei tambem as causas, porque fui eu o instrumentô... Agora so me resta dizer-te, que tua mulher é innocente... , que tudo o que tu viste foi uma ficção de accôrdo com a tua jardineira, sem ella saber qual a minha intenção. Já cumpri meu dever, porque

vinguei minha pobre irmã, a quem enganaste vilmente. Cumpriu-se a justiça de Deus; nada mais me resta do que maldizer-te, e procurar exterminar tua raça... jurei-o sobre o leito de minha irmã moribunda; já ves como executei parte do juramento.»

Momentos depois mandou abrir o masso fechado, onde se encontraram todas as notícias, que acabo de dar-te.

Agora so me resta dizer-te, que no dia seguinte ao meio dia, morreu meu pai na mais espantosa agonia. Quando levaram seu corpo ao cemiterio, notou-se entre os concorrentes um homem ainda moço, que seguiu o corpo até ser depositado...: este homem era forasteiro, ninguem o conheceu.

Abundantes lagrimas verteu meu amigo depois d'esta narração. A lua tinha succedido no imperio do mundo ao astro de fogo, e Alfredo com a cabeça encostada á mão direita, com sua espessa cabelleira, brancura mate, negros e radiantes olhos, parecia um ser ideal no meio de sua contemplação. Tirei-o d'ella lembrando-lhe, que eram horas de partirmos. Antes de nos separarmos disse-me:

— Esta noite não nos veremos na reunião; tenho muito que fazer.

E partiu.

(Continúa)

M. J. CARRILHO GARCIA

### CONSELHO EM DIA D'ANNOS

Donzella, toma um conselho  
 'Neste dia' todo teu;  
 Quem to dá, se não é velho,  
 Ama-te muito... sou eu.  
 Porque te amo, quero dar-t'o;  
 Attende bem, e verás;  
 Quem de conselhos é farto  
 Sempre evita coisas más.  
 Verdade é que pouco valho;  
 Mas esse pouco que sei,  
 Abençoarei meu trabalho  
 Se entender que o aproveitei.  
 E fica bem aproveitado  
 Em lindas coisas dizer  
 A quem dá tanto cuidado  
 Aos que co'a vista prender.  
 Tu és, donzella, formosa,

Teu brilho as almas seduz;  
 Como entre as flores a rosa,  
 Entre nós derramas luz;  
 Mas por que és bella e és linda  
 Porque encantas no sorrir,  
 Necessitas muito ainda  
 De bons conselhos ouvir;  
 As flores mais melindrosas  
 De mais fulgurante cor,  
 São sempre as mais extremosas  
 No que chamámos amor.  
 'Nisto versa o meu conselho,  
 Conselho franco e leal,  
 Que apesar de não ser velho,  
 Posso dal-os... por meu mal.

Doces finesas das salas  
 Certo que nunca as direi;  
 Perjuras, mentidas falas  
 Não tem character, nem lei.  
 A vida toda tecida  
 É de enganos, illusões;  
 Hoje, de esp'ranças florida,  
 Mirrada logo em traições;  
 Quando se gosa a ventura,  
 É um destino fatal  
 Que não tarde a sorte dura  
 A impôr-lhe o sceptro do mal;  
 No curto praso que temos  
 Da curta vida gosar,  
 So a verdade devemos,  
 Verdade em tudo falar;  
 Que a verdade é toda brilho.  
 O meu conselho ahi vai;  
 Mais sincero nunca a um filho  
 Soube dal-o um terno pai.

Hoje contas os teus annos:  
 Deves julgar-te feliz;  
 Que até hoje nunca enganos  
 Deslustraram teu matiz.  
 Mas se tu queres constante  
 A mesma dita guardar,  
 Quer amada ou quer amante,  
 A um so debes amar...  
 Um so amor, virgem bella;  
 Seja amor o teu condão,  
 Mas entrega, linda estrella,  
 A um so teu coração.  
 Nunca debes caprichosa  
 Variar o teu amor;

Tens a belleza da rosa,  
Da violeta o pudor;  
Junctas—rosa e violeta—  
Concede a uma so mão.  
Embora eu seja poeta,  
Digo 'nisto o que é rasão.

6 de Setembro de 1858

A. A.

## NO ALBUM DE CARLOS JOSÉ DE OLIVEIRA

O passado o que é?... Triste lembrança.  
João d'Avórum

Assim como se inclina melancolica  
Ante o espelho a mulher, que do seu rosto  
Ve perdido o frescor;  
Assim tambem nossa alma pensativa  
Se reve no espelho d'um passado  
De illusões e d'amor.

Com mil recordações viva a memoria  
Então completa a vida d'esse tempo,  
Que não se avaliou,  
Do tempo em que inda crentes no futuro,  
Se deseja o porvir, para... ;lembrar-nos  
O tempo que passou!

Queria não precisasses d'uma pagina,  
Em que meu nome escreva, p'ra que um dia  
Te lembrasses de mim:  
¿Carece pois d'estimulo nossa alma  
Para se recordar de quem amava?..  
Eu não o julgo assim.

Comparo o album ao soberbo tumulo,  
Cuja inscripção se faz para o estranho,  
Que a le por distracção.  
¿Aos parentes e amigos do finado  
Para que serve o rico monumento?  
Basta-lhe o coração.

Eis o meu parecer ácerca d'albuns;  
E sabes que meus versos não merecem  
O trabalho de os ler.  
Por mim, pelo teu livro agora peço  
Que rasgues esta folha,—se promettes  
De nunca m'esquecer.

Dezembro de 56

A. S.

## A TUA INFANCIA

Á EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. A. C....

Assim como a linda rosa  
Se baloiça magestosa  
No risonho mez d'abril;  
Assim tu meiga donzella  
Te ostentas risonha e bella  
Na tua idade infantil:

Teus meigos sonhos d'agora  
São como os raios d'aurora  
Prateando o azul dos ceus;  
Como a florinha viçosa  
Que ostentando-se orgulhosa  
Seu perfume eleva a Deus.

Tens uma alma ainda pura;  
Teu pensamento candura  
Espranças, sonhos, amor  
So te diz; porque não pensas,  
Que tuas viçosas crenças  
Murcharão, qual murcha a flor.

Vive donzella formosa:  
Gosa esta quadra ditosa,  
A melhor do teu viver.  
Crente respira a fragrancia  
Dos bellos sonhos da infancia:  
;Não te lembres do soffrer!

Lamego, 9 de Abril de 1859

JOSÉ AUGUSTO TEIXEIRA BOTELHO

## A ROSA E A BORBOLETA

(IMITAÇÃO DO FRANCEZ)

Na hastea pendida, alva rosa  
Beija os ares e espera 'aurora:  
Juncto d'ella a borboleta  
Volta, vem, e vai-se embora.

Uma e outra o dia viram  
Sob um ceu puro e brilhante;  
Brilham ambas á porfia,  
Mais que brilha o diamante.

Mas, diz'-me, rosa, ¿amanhã  
Que será feito de ti,  
Se alguma gentil donzella,  
Passando, te vir aqui?

Receio, flor, que essa virgem  
Vaidosa te va colher;  
E sobre um seio de neve  
Te vas fanar e morrer.

E tu, linda borboleta,  
Se á rosa a virgem colher  
¿Onde hasde ir, durante a noite,  
Teus thesouros esconder?..

¿Em que petala mimosa  
Pousarás ao pôr do sol,  
Para, d'arage' embalada,  
Escutares o rouxinol?..

¿Não receias, que nas trevas  
Da noite, as furias maldosas  
Te roubem, cheias d'inveja,  
As tuas asas formosas?

.....  
.....  
.....  
.....

Borboleta, e branca rosa,  
Tudo foge ca da terra;  
Tudo s'inclina p'r'a campa,  
Tudo na campa s'encerra.

E tu tambem, flor bemquista,  
Do poeta, e seu brasão,  
Se nasces nascendo a aurora,  
Por tarde rojas no chão.

Assim os sonhos da vida  
Fogem breves como as flores;  
Assim um sonho mentido  
Enche a vida d'amargores.

Dormimos somno celeste  
Ante um mundo a percorrer:  
Acordámos... e ¿o que resta?  
¡O tempo so de morrer!..

A. T. Q.

## CHARADA

Procura dos authores a primeira,—1  
Que te seja primeira: ora a segunda, } 1  
De rosa (flor mimosa) a que é primeira }  
Ser póde muito bem: a que é terceira }  
Desenterra-a da terra, ou de terceira } 1  
A terceira te sirva de terceira.

É formosa senhora encantadora;  
E quando ri no ceu, nos campos chora;  
Corre apressada, que fugir deseja,  
Antes que nua seu amante a veja.

P. C.

Eu sem *mo* não duro um anno, } 1  
Se a tenho — não sou diverso: }  
Bem sentidas elegias } 2  
Ja cantei no Luso verso }

Em Portugal inda vêdes  
Do que fui grandes signaes;  
Hoje vivo la bem longe  
Entre os bons orientaes.

N.º 15.º { 1.º *Valladas.*  
              { 2.º *Fado.*  
              { 3.º *Calvario.*

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra*—loja da imprensa da Universidade; *Lisboa*—livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; *Porto*—Sr. Jacintho Antonio Pinto da Silva; *Viseu*—Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa*—Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora*—Sr. V. J. da Gama; *Bragança*—Sr. Antonio Caetano d'Oliveira Furtado; *Lamego*—Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão*—Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria*—Sr. José Pereira Curado; *Aveiro*—Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro*—Sr. Feliciano José Alves Braga.

## PREÇOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno .....	1\$240	Anno .....	1\$460
Trimestre .....	360	Trimestre .....	450

Não assignantes: n.º 1.º a 12.º, contendo uma polka para piano e um grupo de estudantes: com estampilha—1\$120 réis, sem estampilha—1\$000 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## REVISTA

Está passado o tempo dos folgares. Sancto Antonio, S. João e S. Pedro, os Sanctos mais folgasãos do calendario, deixaram festivas recordações ao bom povo conimbricense. Esta trindade sacra, recendente de poetico perfume, poderosa pelo seu mystico condão, assentou os seus arraiaes no mesmo mez e no melhor do anno. Bem nos está dizendo a etymologia, que os antigos o dedicavam aos *jovens*, e os sanctos modernos d'elles formaram a sua côrte, que é a ruidosa mocidade quem os celebra com maior alegria e alvorço.

Selectos são os seus emblemas, mysterioso o seu poder. ¡Vêde-me o primeiro, amavel fradinho, nascido no nosso torrão, coevo da monarchia, como se está sorrindo para o seu menino e empunhando o seu sceptro de lyrios, com que orvalha benções e felicidades sobre os seus devotos! E não são estes tam poucos, que no seu dia verieis como nas casas, nas lojas, nas ruas, em toda a parte se levantava um throno, e 'nelle se exaltava o nosso sancto entre centenas de luzes e jarras de flores.

O culto de Sancto Antonio é de todos os portuguezes: poucos sanctos são tam estimados e nenhum de certo gosa de maior influencia em todas as classes da sociedade.

Dos outros dois ¿que vos direi? O primeiro com o seu alvo cordeirinho, symbolo do amor, o segundo com as chaves do ceu, ambos são os confidentes da idade, em que ha crença e esperança. As suas noites têm historias mais maravilhosas, que as orientaes, e das pregas do seu manto de estrelas derramam sobre a terra innocentes milagres. As flores, tornadas sybillas, rasgam

1859

os arcanos do futuro: a alcachofra, ferida desapiedadamente, recebe do sancto relento a inspiração da verdade...

Aquella que o bom sanctinho  
Sabe que fala de amor,  
D'entre o calix maltratado  
Faz brotar mimosa flor;

Mas a que apenas indica  
Sentimento desleal,  
Não lhe vale a benta noite,  
Fica murcha por seu mal.

Mas no mez de julho Coimbra tem uma sancta, que, para a sua devoção, não fica inferior aos tam festejados de junho. A rainha Sancta Isabel marca no annuario d'esta cidade um dos seus dias mais solemnes e de maior regosijo popular. Desde a noite da vespera, em que a imagem da virtuosa esposa de D. Diniz é transportada de *Sancta Clara* para a cidade, até o outro dia, em que tem logar a procissão de triumpho, a população agita-se anciosa; elevam-se arcos, tecem-se grinaldas, accendem-se fogueiras, travam-se danças—reina o contentamento e franca e sincera alegria.

Foi isto o que teve logar em toda a noite de 9. No dia 10 houve a procissão. O ceu vestira todas as suas galas, congratulando-se com a terra 'neste solemnissimo acto. Não incommodava o calor da estação, que abrasára nos dias passados. Fulgia o sol com toda a magestade, mas os zephiros brincões lhe mitigavam a intensidade dos raios. Pelas seis horas da tarde os alegres repiques dos sinos e o estridor dos foguetes annunciaram a saída do cortejo do magestoso templo de Sancta Cruz, que por entre ondas de povo se recolheu ja de noite.

É este o factó mais importante, que temos a noticiar.

N.º 17

O anno lectivo está terminando, e nas suas ultimas provas tem sido bastante rigoroso. Os RR e as reprovações têm continuado frequentes, accompanhados dos seus desgostos, que são inevitaveis. O sarcedocio das lettras é espinhoso; e nem sempre depois de aturadas fadigas e obscuro lidar se alcança o premio a que mirámos. Todavia á sombra de Minerva tambem não deixam de praticar-se injustiças, e algumas d'ellas flagrantes, que, satisfazendo orgulhos individuaes e mesquinhos interessses, vão minando surdamente a corporação e alienando-lhe sympathias. É isto o que lastimámos.

Tambem têm continuado as obras do municipio; e não se póde com rasão negar á actual vereação grande actividade, e os melhores desejos de engrandecer a cidade. Mas um mau fado, que persegue as coisas de Coimbra, faz com que todas ellas levem mais ou menos o cunho da imperfeição. Haja vista, por exemplo, o novo cemiterio, que, construido com toda a segurança e com desvelado empenho da parte do dignissimo presidente, apresenta uma configuração irregular e desagradavel, que não se póde justificar nem pela necessidade. Parece-nos tambem pequeno em relação á população da cidade, pois que, feitos os alinhamentos, talvez que não comporte mais de tres a quatro mil cadaveres.

Teve logar, finalmente, a extincção do Conselho Superior em Coimbra, substituido pelo Conselho Geral d'Instrucção Publica em Lisboa. Estão nomeiados os novos vogaes, todos homens de lettras e alguns de reconhecido merecimento. Deve-se esperar muito d'estas capacidades; e se na realidade concorrerem para o melhoramento da instrucção, inda se lhes podem perdoar os pingues ordenados, que vão perceber, em quanto os membros do professorado, principalmente os da instrucção primaria, gemem sob a mais ignobil escassez de meios, sendo os parias da litteratura no seio d'um povo, que aspira a ser civilisado. Não approvámos esta reforma; o que dissemos na nossa revista do n.º 15 não tem replica.

Mas agora que o mal está feito, que as considerações do bom senso foram desat-

tendidas, que os brados dos primeiros corpos docentes do paiz não foram escutados—oxalá que a nação não chore o desbarato do dinheiro publico, e que veja sortirem effeito os decantados programmas de prosperidade da instrucção. Confiámos pouco, mas podemos enganar-nos, e bom seria que assim fosse.

Seguiremos, todavia, a par e passo, a marcha do novo Conselho, analysaremos os seus actos, e exigiremos d'elle, que para isso temos todo o direito como cidadãos, os serviços, que todos esperam da boa reputação dos seus nomes e da generosa retribuição, com que a nação os subsidia.

E aqui encerraremos a nossa revista, esperando sermos mais extensos, quando de novo volvermos a tomar a penna.

Successos ha que necessitam d'um artigo especial, e a revista seguinte, dedicada toda ao bello sexo, narrará os mysterios contemporaneos de Coimbra, dignos de serem conhecidos e archivados, para entretenimento do povo e lição dos incredulos. Esperemos.

A. A.

## ESTUDOS SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

(Continuado do n.º 13.)

V

Na collecção e traducção, que das poesias lyricas de Schiller nos deu Marmier, apparece em primeiro logar a *Canção do Sino*. Marmier fez bem. Deu 'nisto um irrefragavel documento, de que possuia a intelligencia, que comprehende o que é grande, e o fino tacto do artista, que aprecia o que é bello. E realmente em tal edificio so ficava bem tam formosa fachada. O Sino é uma poesia, que so por si ganha a celebridade e dá a gloria ao homem, que, para conceber e realisar tal composição, precisava do genio. Ainda que Schiller não escrevesse mais nada, esta poesia era o titulo mais legitimo, para se lhe passar o diploma d'um profundo pensador, d'um poeta inspirado e d'um illustre artista. É considerada como uma das mais engenhosas e ricas producções do moderno genio allemão.

A peça tem duas partes distinctas: uma

consta de pequenas strophes, que pintam o trabalho do operario, a animação que reina na forja, e as differentes phases por que passam os metaes, na feitura da obra até ao seu complemento. As palavras cruzam-se com tanta precipitação, o seu proprio som é tam aspero e rude, ha tanta vida nas scenas, vigor e colorido na descripção, que nos parece ouvir as pancadas dos martellos, o estrepito dos instrumentos, o canto dos operarios incitando-se ao trabalho e pedindo á Providencia forças para fazerem obra, que os glorifique: estas estrophes são entremeadas de versos, em que o poeta faz as mais altas considerações sobre os differentes estados, em que se acha o homem desde que entra na vida, até que desce á sepultura.

É uma imagem da vida, em que as circumstancias mais notaveis, os acontecimentos extraordinarios e os actos mais solemnes são accommodados ao modo, por que se funde um sino, desde que os metaes são lançados no molde e vão soffrendo as precisas modificações até á conclusão da obra.

O Sino é uma analogia e um symbolo; analogia no momento da construcção; symbolo, quando suspenso no alto da torre, é alli o ecco dos prazeres e das mágoas do homem.

Risonha e bella é a pintura, que faz Schiller, do amor do mancebo, quando o seu coração rico de affectos, se abre pela vez primeira a esse sentimento, que, ardente e puro, lhe enche o peito, sem que o espirito possa ainda definil-o: como chamma, que vivifica e não como lava, que abrasa, nos representa Schiller, esse vago desejo, que, acompanhado de commoções, que elle nunca experimentou, lhe faz *nadar o coração na felicidade* e lhe faz subir ás faces um casto rubor.

Falando da fusão de metaes, dos quaes são alguns mais puros e perfeitos, Schiller descreve o casamento, em que a mulher representa a doçura e o homem a força. A verdade da idea casa-se ahi de tal modo ao brilho da phrase e á grandesa da imagem, que não podemos resistir ao desejo de traduzir um trecho. «Ah! a mais bella solemnidade da vida marca o termo da sua

primavera. Com o veu e a cinta morrem as doces illusões, acaba a paixão. Possa ao menos ficar o amor! A flor fana-se: possa amadurecer o fructo! É necessario que o homem entre na vida tempestuosa, que elle trabalhe, combata, plante, crie, e, pela astucia, pelo esforço e pela audacia domine a fortuna.» Depois aponta as fructas abundantes e a benefica influencia, que na casa exerce a laboriosa actividade do homem. Descreve a alta e nobre missão da mãe de familia, animando o marido no trabalho, suavizando-lhe as agruras da vida, consolando-o nas suas penas e espargindo no lar domestico os bens, que tem enthesourados no coração, quando la vive a virtude, que faz d'ella um anjo de luz e de consolação nas trevas e nos martyrios da existencia, e realisando pelo amor, aquillo, de que so é capaz a mulher.

O sino dá tambem o signal de incendio, que Schiller pinta, como um dos mais desastrosos flagellos, que affligem a humanidade. O fogo é um dos elementos, que mais auxilia o homem, quando este o dirige; é um principio creador, que satisfaz as suas necessidades, um poderoso instrumento, que lhe serve para vencer a natureza, dominar as suas forças e aproveitar os seus productos: é uma das mais copiosas e perennes fontes de progresso, quando governado pela sua intelligencia; mas quando elle se emancipa das algemas, em que o homem o retem, torna-se um filho livre da natureza, que, abandonado ás suas prodigiosas forças, segue o seu violento impulso, para queimar em vez de vivificar, para devastar em vez de crear: sendo um grande bem, é a maior calamidade, quando escapa ao jugo do homem.

As badaladas fortes e compassadas, que como um grito de morte ferem os ouvidos e levam o susto e a dor ao coração d'uma povoação inteira; o tumulto, que se passa nas ruas; as chammas, que sobem em espiraes para o ceu e que, augmentando e alargando-se, incendeiam, devoram e fazem desaparecer tudo o que encontram; a ventania rugindo e activando o terrivel elemento; o pavor estampado em todos os rostos; a confusão e a desordem por toda a

parte— são descriptos por Schiller d'um modo horrivelmente bello, perdoe-se-nos a expressão. «O ceu está vermelho como o sangue, e esta luz purpurina não é a do dia.» | Que idea, expressa com uma singel-lesa, que mais a engrandece!

Schiller reune 'neste quadro, tam rico e interessante, todas as circumstancias, que podem tornar o incendio mais temeroso. Narra-o como passado de noite; e todos sabem e comprehendem as rasões, por que este acontecimento causa em nós, em tal occasião, uma impressão mais tristemente dolorosa. O fogo depois de romper e consumir o tecto, arroja-se para o ceu, como se elle quizesse, terrivel e poderoso, arrastar comsigo a terra nos seus voos impetuosos. Carrega o quadro de cores ainda mais negras, para o tornar maior; faz estender o incendio ás searas, ás arvores, a tudo o que é propriedade do homem: este, como elle diz, privado d'esperança, curva-se ante o poder immenso de Deus, e ve cheio de pasmo abysmar-se a sua obra. Consumido e devastado, o logar, que elle occupava, é a morada dos aquillões; o terror habita nas aberturas desertas das janellas, e as nuvens do ceu pairam sobre os entulhos.

O homem enchuga nos olhos as lagrimas, que são o triste signal e a melhor expansão das amarguras excruciantes, que lhe dilaceram o coração, que não póde com tamanha dor: o homem volta os olhos para o passado, e este traz-lhe a recordação agora amarga da riqueza e do bem-estar, que então gosava: lança-os sobre o presente, e contempla ruinas, que são o tumulo, em que a mão do infortunio sepultou a sua fortuna: cerra-os para não conhecer o futuro; mas a imaginação enfraquecida e prostrada faz surgir das suas sombras o medonho espectro da fome, extendendo os braços frios e descarnados para a esposa querida, para os tenros filhos e para elle, que não póde dar-lhes o pão. O pai de familia olha pela ultima vez para as reliquias, que alli jazem e attestam, que uma grande perda e uma desgraça horrenda foram soffridas por um homem: depois péga no cajado do viajante, attenta nas cabeças, que o cercam, e tem a felicidade de ver, que nenhuma

lhe falta. É esta uma bella idea, que comprova mais o genio de Schiller.

O homem ve a sua casa desmoronada, as suas searas destruidas; o incendio roubára-lhe tudo, e so lhe deixou a miseria; mas no meio do abysmo de dor, em que o espirito reduzido á atonia, parece que perdeu até a força para soffrer, ha uma idea que o conforta e reanima; essa idea é uma consolação: perdeu a fortuna, mas não perdeu tudo; — tem ainda uma familia, e 'nessa familia uma mulher que ama, filhos que estremece, entes que elle póde ainda apertar sobre o coração, e que podem talvez restituir-lhe ainda a antiga felicidade.

Em noite medonha e tempestuosa, quando no ceu não ha um astro que brilha; mas so nuvens que negrejem, trovões que assustam e relampagos que fazem enfiar,— uma estrella, que ao longe se divise, leva o alento á alma consternada do homem, que a necessidade obriga a presenciar essas grandes orgias da natureza, como alguém lhe chama.

Schiller fala-nos depois do sino, que o seu dobre lugubre e melancolico annuncia a morte; e chora o viajante, que conduzem ao seu ultimo asylo.

De proposito aproveita e escolhe o passamento da mulher, que deixou um homem sem esposa, filhos sem mãe e uma familia sem consolação: morada do silencio e da dor fica sendo, por tam luctuoso acontecimento, a casa que antes era a habitação da vida activa e do doce prazer.

Foi d'um grande conhecedor do coração humano esta associação do toque funebre á morte da mãe de familia.

A occasião, em que o martello do artista quebra o molde, fornece a Schiller o ensejo de descrever uma revolução, em que o sino dá o signal de revolta, e em que o martello da destruição, movido pela raiva do povo, faz estallar e cair a pedaços as columnas do edificio social. Expõe os excessos, que elle commette, os crimes, com que se mancha á sombra do pendão, em que escreve as palavras *liberdade* e *egualdade*, que elle crê serem a justificação de tudo; pendão que elle arvora sempre em cima de ruinas, e cujas dobras avermelhadas de sangue o

vento desfralda sobre montes de cadáveres.

Schiller chama desgraçados áquelles, que entregam a este cego eterno a tocha, a luz do ceu, que o não allumia; mas que póde nas suas mãos incendiar as cidades e devastar os campos.

O povo não é idolo, a que prestemos culto; aquelles que o querem pôr em altares não se lembram, que elle precisa de ser primeiro canonisado, e que por ora não ha 'nelle virtudes, que o fação digno de tal honra. As revoluções têm sido e serão ainda, Deus sabe até quando, um mal necessario; e 'nesses dramas sanguineos, em que o corpo social quer applicar ás chagas pustulentas, que o corroem, remedios heroicos, que as curem e o salvem, o povo tem representado sempre um triste e abominavel papel. A falta de illustração e de virtude muito tem concorrido; são por certo as unicas rasões, para que o povo, saindo dos centros infectos, que são a morada da fome, da ignorancia e dos vicios, sua desgraçada consequencia, se julgue com o direito de roubar o rico, de matar o aristocrata, de arrasar os monumentos e de passar a secure tremenda, afiada com o odio de seculos, por sobre tudo aquillo, em que ve humilhantes vestigios e dolorosas recordações do seu aviltamento e escravidão.

O povo não comprehende que a força consiste em punir pela lei, e a grandesa d'animo em perdoar pela generosidade; e que nada honra mais o vencedor, do que salvar o vencido, quando podia perdê-lo.

O povo, a quem de proposito se tinha faltado com as luzes, a quem se negára o pão do espirito e do corpo, castigava o oppressor com aquillo mesmo, que este julgára um meio para perpetuar a oppressão; e o povo, sepultado no obscurantismo, esmagado pela prepotencia e envilecido pela miseria, não tinha no espirito a instrucção e no coração os sentimentos precisos, para ser grande pelo esquecimento e não pequeno pela vingança.

O escravo não está preparado para a liberdade, não lhe alcança a elevação, não sabe apreciar-lhe as doçuras; e por isso abusa. O povo tem sido nas mãos da Pro-

videncia o terrivel instrumento, de que ella se serve nos grandes dias de sua colera, que ella está cansada de conter, para punir os crimes da tyrania e os desregramentos das nações.

O povo é então uma horda selvagem, que destroe tudo e até a arvore, que lhe dava os fructos e que não póde alimentar-o mais; folga e ri, exulta e enebria-se de contentamento no meio das ruinas, que estão a provar-lhe a sua força. A lei perde o seu imperio no espirito, e a moral não tem ja poder para reprimir homens, que, arrastados e perdidos por paixões, esqueceram, que havia virtude. O povo é uma criança ma, que beija e quebra os brinquinhos, que lhes põem nas mãos, tapeta de flores e faz retumbar de fervidas e entusiasticas aclamações o logar, por onde passa o heroe do dia, o seu querido, que, no seguinte, sóbe á carroça dos condemnados e expira no patibulo, tendo por applausos as gargalhadas ferozes e as vaias insultantes das mesmas multidões, que hontem o victoriaram; e este é talvez um homem, que, cheio de dedicação e desinteresse, quer felicitar o povo, trabalhando por lhe serem restituídos os direitos, que longas, injustas e odiosas usurpações lhe haviam roubado!; e as fadigas do bemfeitor, que poz ao seu serviço a sua intelligencia, o seu braço e talvez as considerações, que lhe dava o poder, paga o povo, dando-lhe por coroa final a gloria do martyrio!

As torpesas do povo não deshonram a liberdade, nem os crimes dos homens maculam a pureza dos seus principios.

A verdade da idea e a sanctidade da causa ficam sempre intactas, e não podem nunca ser responsaveis pelo mau estado do instrumento, ou pelo vicio da instituição, que é destinada a applical-as. Se o homem não tem a intelligencia esclarecida e o coração regenerado, ¿que culpa tem d'isso a liberdade? Os horrores d'uma revolução rebaixam o homem, compromettem a sua dignidade, mas nunca a causa.

¿Quem ha ahí, que diga, que o christianismo é responsavel pelos abusos, que o homem tem feito d'elle? As fogueiras e os cavalletes da inquisição, a guerra, dos trinta

annos, a carnificina de S. Bartholomeu, etc., provam, que o homem, ou ignorante ou pervertido, não comprehendia o espirito, ou se rebellava contra as maximas d'uma religião, que, toda de luz, de amor e caridade, pede a fe espontanea, que illustra e moralisa o homem, e não a convicção fingida e forçada, que, imposta pelo fanatismo e pela força, embrutece e corrompe: e ¿ haverá alguém, que diga, que a inquisição, que os abusos do poder espirital e temporal, que os vicios do homem adulteraram a religião? Sublime e augusta nos seus ensinamentos, ¿ deixará ella de o ser, porque houve quem a invocasse, para em seu nome fazer aquillo, que, longe de apoiar e permittir, ella, pelo contrario, reprova e prohibe? Se não adorámos o povo, lamentámos o estado de abjecção, a que so podiam condemnalo regimens, que, como absurdos, não queriam as luzes, e como oppressores odiavam a liberdade. O pobre povo passava como uma propriedade material do poder dos reis para as garras da aristocracia, ou tem caído nas mãos d'algum ambicioso, que lhe lisonjeia primeiro as paixões, para depois lhe sugar o sangue.

O povo ia aos campos de batalha; derramava o seu sangue, sacrificava a sua vida para servir ambições, ou para defender a patria; fazia prodigios de heroicidade e, a final, os despojos, os titulos, os louvores e os louros da victoria eram profanados, pouzando sobre fronte, que pouco ou nenhum direito tinham aos mesmos.

O desgraçado plebeu voltava para casa com a gloria, de que eram unicos mas brilhantes e respeitaveis documentos as mais honrosas cicatrizes. O servo de gleba desbravava e agricultava a terra, que banhada com o suor, que lhe manava das emmagrecidas faces, era fertil e productiva so para o senhor feudal, e não para elle, que, coitado, ficava triste a olhar para o alvião, que nada ou pouco lhe dava. O povo amaldiçoava a sua sorte e chorava; e essas lagrimas queimavam e abriam sulcos largos, fundos e dolorosos no rosto do homem, que sentindo-se livre, se via escravo. O poder monopolisava todo o patrimonio material e moral, que então havia. O povo era uma

massa bruta, um animal de carga, que so devia trabalhar e padecer, e não pensar senão em servir. A historia do povo é uma horrivel tragedia, em que o soffrimento é o final de todos os actos e de quasi todas as scenas. O proletario d'este seculo é ainda o filho legitimo do servo da meia idade, pesando-lhe ainda os encargos de herança amaldiçoada, que aquelle lhe legára.

Felizmente a civilisação vai tomando o encargo de arrancar-lhe do collo chagado a colleira cravejada de pontas de ferro, que la lhe lançára e apertára a perpotencia de outras eras.

Para serem reconhecidos, apreciados e recompensados, não precisam hoje o trabalho, a intelligencia e a virtude, nem de pergaminhos de nascimentos, rotos e muitas vezes enxovalhados, nem dos titulos de fortuna, so notaveis pelo crime e pela ignorancia, á custa dos quaes foram adquiridos.

A influencia moral vai tomando posse do lugar, onde outr'ora estivera enthronizada a força bruta. Nas revoluções o peso dos males presentes, juncto á recordação dos passados soffrimentos, exacerbaram a violencia do odio e a grandesa da dor, cuja expressão eram essas horrendas explosões, que tudo anniquillavam.

A historia, registrando os nomes de Carlos I e Luiz XVI, deixou-nos energico testemunho, de que os povos quebram a taça, que lhes põem nos labios, quando elles se cançam de soffrer o amargo do fel; e que, quando soa a hora dos ajustes de contas, a vingança da victima é sempre terrivel. O povo tem, quasi sempre, razão, quando se levanta contra o poder; mas tambem é certo, que sempre se tem excedido no modo por que o faz. O sópro inflammado e pestilento da cholera do povo queima os thronos, esmigalha as coroas, cresta tudo, em que toca; e o povo então passeia satisfeito sobre as ruinas e o po, unicas coisas do passado, que elle ve sem temor.

Se a sociedade continuar no caminho, por que hoje vai, se o progresso for sempre educando o pensamento e o coração do povo, o terreno ficará depois disposto para fructificar sem custo a semente boa, que la for lançada.

As novas ideas não precisarão então de baptismos de sangue para se evangelisarem e serem professadas; as grandes reformas e os principios luminosos e fecundos virão á luz sem partos dolorosos e excruciantes; a discussão reflectida, prudente e socegada ha de substituir essas agitações, que abalam e desmoronam tudo; a rasão será então a arma das revoluções.

O homem conhecendo a superioridade moral, convencendo-se de que so esta lhe convem, dominará a materia com todos os seus ferozes instinctos, e a polvora e o ferro serão despresados, como indignos de representarem 'numa cruzada, em que o homem ha de discutir e não destruir; e o povo deixará de ser o cego eterno, de que fala Schiller; a luz do ceu será nas suas mãos tocha, que allumia, e não facho, que incendeia.

As estrophes da Canção do Sino, são escriptas 'num tal estylo, diz Staël, que é impossivel serem nobremente imitadas em outra lingua. Ao lado d'esse ruído, duro e forte, que pinta o trabalho, ha versos sublimes d'entusiasmo e melancolia, inspirados a Schiller pelas grandes epochas do destino humano: os seus pensamentos elevados, as suas bellas e tocantes imagens não se reproduzem bem em differente idioma.

Damos a traducção d'uma estrophe, em que o artista canta a futura missão da sua obra: «O sino, que com o auxilio do fogo nós formámos no seio da terra, attestarã o nosso trabalho no alto da elevada torre. Longo tempo soará o bronze, e muitos homens o ouvirão retinir em seus ouvidos, chorar com os afflictos e casar-se ás preces dos fieis.

«Tudo o que a inconstante fortuna faz aos filhos da terra subirá para esta coroa de metal e a fará vibrar ao longe.»

J. ALVES MATTHEUS

## MATHILDE OU A JOVEN CITHARÉDA

I

O assalto ao castello

(Continuado do numero 13)

Theodora apressou-se a entregar aos

soldados um molho de chaves e lhes disse: Aqui as tendes: abri tudo e procurai vós mesmos o que mais vos convier. Immediatamente abriram todas as gavetas e se apoderaram de tudo quanto acharam de roupa, trastes miudos, prata e objectos de preço. Outros desceram á cava e á dispensa, e trouxeram quantas previsões acharam para o quarto da infeliz Theodora, para ahi se entregarem á mais abominavel orgia. Um d'elles, ja meio embriagado, lembrou-se que haveria escondidos pelas paredes alguns armarios, e começando a examinar, chegou a um ponto, em que o som, proveniente da percursão na parede, lhe pareceu differente dos outros. Então, todos exigiram, que Theodora lhes abrisse este armario secreto. Ella obedeceu, bem contra sua vontade, porque assim lhe entregava os seus ultimos recursos. Apoderaram-se d'estas joias com uma alegria feroz; depois cobriram de injurias a desgraçada Theodora, porque lhes não tinha designado logo este armario secreto.

Com isto ainda se excitou mais a sede d'estes malvados. Metteu-se-lhes na cabeça, que ella ainda tinha thesouros mais consideraveis e mais bem escondidos: quebraram todos os moveis, despedaçaram tudo quanto imaginavam ser esconderijo e, finalmente, até as paredes foram quasi demolidas, com a esperanza de acharem outros armarios secretos.

Depois de concluir todas estas tentativas infructuosas, voltaram-se contra Theodora, gritando-lhe indicasse os seus thesouros. A pobre Senhora bastantes vezes lhes disse e repetiu com os mais solemnes protestos, que lhes tinha entregado todas as suas chaves, e que nada mais havia escondido no castello; mas foi em vão, porque a não acreditaram: a sua colera crescendo de mais em mais, levou-os mesmo a arrancar-lhe sua filha dos braços, e, collocando-se todos em tórno d'ella, ameaçando-a com as suas espadas nuas, gritavam-lhe, cada vez mais, que lhes indicasse os seus thesouros escondidos.

Theodora não temendo as armas levantadas sobre sua cabeça, correu á sua filha para a salvar das mãos d'estes bar-

baros. Suas feições transtornadas, sua voz, que despedaçava corações ainda os mais duros, tudo exprimia todos os terrores de uma mãe desesperada. Então um d'elles, com um riso sardonico, exclamou:— ¡Oh! oh! bella dama, achámos finalmente o meio de vos metter medo! Vamos agora ver se é impossivel vencer a vossa obstinação... A estas palavras, agarra por um braço a joven Adelina, que chorava e gritava com todas as suas forças, e diz á desventurada mãe com um tom feroz:— ¡O teu thesouro, ou a faço em duas!

A esta barbara ameaça, a este espectaculo horroroso, a infeliz Theodora, morta de medo e de espanto, caiu sem sentidos no chão. Neste momento, o cavalleiro Carlos de Durcoín, general do exercito inimigo, entrou. Com uma vista d'olhos, tudo percorreu, viu tudo...— ¡Desgraçados! que fazeis!, gritou elle a seus soldados, com um tom de voz, que os fez tremer. Retirai-vos, sahi d'aqui immediatamente, ou eu vos farei dar a morte, de que ameaçaveis estas infelizes. Os soldados, aterrados com a apparição subita e inesperada de seu chefe, deixaram a castellã e sua filha, e apressaram-se a sair, levando comsigo a sua pilhagem. Carlos mandou aos seus criados, que levantassem a pobre Theodora, que ainda jazia estendida sem sentidos. Mandou-a deitar 'numa cama e tomou em seus braços a joven Adelina. Esfregaram a castellã com vinagre, fizeram-na respirar essencias; mas so depois de muito tempo é que começou a dar signaes de vida. Quando abriu os olhos, a primeira coisa que viu foi o cavalleiro estranho, que a tinha salvado das mãos dos barbaros.

(Continúa)

J. DE CASTRO JUNIOR

## VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 16)

Suicida

Não quero mais viver, não quero vida.  
CAM. EPIST.

VI

Corria o tempo, e o remorso mais se

avivava na alma de Luiz. Paulo, o celebre Paulo, raro apparecia por casa de seu primo. Quando este lhe dava conta do estado mesquinho, em que se achava, o famoso conselheiro respondia-lhe com palavras de desprezo; ¡menospresava as justas e sanctas reclamações da consciencia! É que o perverso aprende na escola do crime a soffocar a voz do coração, a não escutal-a, quando a não póde anniquillar.

Luiz entristecia a olhos vistos: mal o consolavam os conselhos do seu amigo.

Debalde este lhe dizia, que se não affligisse, debalde esgotava todos os recursos para distrahir-o;— não havia remedio para semelhante dor, que, na duração e intensidade, era excepcional aos males do espirito.

Mathilde era objecto dos continuos cuidados de seu pai, e com razão; porque a infeliz devia de ser na terra uma desgraçada. Embora a amizade procure encobrir o ferrete, que acompanha o nascimento oriundo do crime. ¡A sociedade descaroavel ainda hoje se serve do *immerecido labeo*, para menospresar de filha da deshonra a mais inculpada das victimas!

¡Como se o fructo da seducção e da fraquesa feminina fosse culpado desde o seio da mãe, e tivesse, por tal motivo, de nascer 'num ambiente cruel e todo de castigo! ¡Opinião publica! qual és tu mais ¿ cega ou barbara?

Ao passo que o remorso crivava o coração de Luiz, a esperança ia ajudando o pobre moço a levar a cruz do martyrio.

Esperanças não a tinha elle nas coisas da terra, mas no perdão que o arrependido merece; esperar sempre consolador e justo, para os que trocaram o crime pela paz e virtude da contricção.

As noites passava-as Luiz em calada agonia. Em vão a alma lhe solicitava desaffogo, em vão; porque ante sua esposa, era todo esforço por occultar o soffrimento.

Os dias corriam-lhe mescla de dissimulação e de franquesa. ¡Perante o seu amigo e perante Paulo era o mais perfeito historiador dos soffrimentos d'um criminoso d'outr'ora, atormentado ainda pela dor do seu crime!

Muitas vezes depois de larga e energica exposição da sua desventura, não havia tirado de longa mudez. Pensava nas causas da sua tristeza? Difficil é sabel-o ao certo. É provavel que aquelle silencio profundo accompanhasse o estado especial da alma, em que a consciencia dá conta apenas d'uma so idea, unica a que o espirito então se applica. Para o desgraçado essa idea deve ser a da desgraça, triste como esta, cruel como os rigores d'ella.

Quando Luiz tornava ao natural, desfazia-se-lhe a alma em lagrimas, que cahiam de contínuo sobre um peito, que de contínuo soffria.

Pedro, que não expatriára do coração o doce sentimento do amor para com os outros, sentia, bem do intimo, não possuir remedio efficaz, para dispensar ao seu amigo, por cuja consolação pozera a vida, se tanto fosse mistér.

Havia ja passado um mez depois que a felicidade da bella Maria fôra calcada por um homem, convertido em ingrato pela fraquesa de character e conselhos d'um parente. Luiz havia recebido diversas cartas da mulher, cuja honra elle comprára com uma mentira. Traziam sempre a direcção da morada de Paulo, onde, no julgar da mesquinha, residia aquelle a quem ella confiára a honra, unico thesouro real que peito feminino pôde possuir; unico porque a belleza, será um bom condão, mas é ventura d'um so dia; e a riqueza material foge, é inconstante, transitoria e avilta aos que se unem com a mira no interesse, tornando-as objecto de compra! Compra, que bem pôde chamar-se escravatura nova, e escravatura que, desgraçadamente, lavra bem fundo, na sociedade de hoje; tráfico em que pais e mãis negoceiam á porfia.

¶ Ide perguntar aos que se têm assim vendido, ás que tem ligado a vida á fortuna d'um homem, por que preço se compram e vendem os affectos do coração! Se vos responderem, talvez a resposta involva longa historia de aturados amargores, revelação de negros, bem negros desgostos!

¶ Que importa? ¶ O brilho do oiro compensa tudo!

A pobre aldeã não possuia, para dar a

Luiz, o mysterioso attractivo metallico: tinha apenas um nome sem mancha, sustentado á custa de frequentes privações. ¶ As pallidas agonias da fome frequentemente provaram aquella alma, que não fraquejára em tal sacrificio! E esta reputação, conservada intacta, a preço de tanta dor, dava em terra, esmagada ás mãos d'um homem, que não sabia o que fazia.

Ultimamente os conselhos de Pedro haviam sido accetos. Luiz escrevêra á infeliz Maria, para que ella lhe enviasse Mathilde, allegando, como motivo do seu desejo, as rasões que Pedro lhe havia indicado, e dando conta do seu consorcio, como passo que dera obrigado. A infeliz mãe não annuira a similhante pedido, e Deus sabe como ella o entendeu. Luiz instára; e tempo havia, que anceiava resposta favoravel.

Era num lindo dia de Julho.

¶ Parecia que a natureza cedêra a um so pensamento; ostentava-se bella em tudo.

O ar estava sereno, o sol não corria ardente e queimador, e o Tejo caminhava suave, beijando as suas margens e despedindo-se d'ellas. O oceano, agradecido, recebia fagueiro, no seu vasto seio, as aguas do rio aurifero.

Para as almas melancolicas e tristes, um dia d'estes é um dia de ventura, quando o não torna amargo algum successo inexperado.

Luiz saíra cedo em procura do seu amigo, a fim de ambos irem esquecer a dor do espirito, no contemplar, sempre admirador, da obra de Deus. Foram e esqueceram o soffrer, que a natureza prende a si mesma alma e coração.

Quando voltavam do passeio, Pedro, ao approximar-se de sua casa, convidou Luiz a descançar um pouco. Entraram. Sobre uma das mesas, que alfiavam estreita camara, estava uma carta. Pedro tomou-a, leu-a e empallideceu; depois começou de fechal-a, dizendo: ¶ Quanto melhor fôra não termos entrado! Pacieneia: seja o que Deus quizer! Pobre pai! Lembro-me ainda das suas palavras no momento da minha partida: «Nunca mais te vejo, meu Pedro.» ¶ Oh! que se não convertam em horrivel realidade!

— Morreu teu pai?! exclamou Luiz sobre modo assustado.

— Quem sabe, talvez ja tenha dado o ultimo suspiro: por esta carta, sei apenas que está doente.

— É perigosa a doença?

— A molestia em si não é de cuidado; apenas uma leve indisposição; mas 'naquella idade, qualquer doença assusta, e este é o meu unico receio.

— Socega e confia. A confiança em Deus é um bem tam grande!

— Seja o que fór; estou preparado para tudo.

— Não scismes. Naturalmente deve haver-me escripto, e não deixará de contar o que souber a tal respeito. Manda a casa de Paulo; é crível que haja la alguma carta para mim.

Pedro saíu da sala seguido de seu compa-  
nheiro, deixando perceber modos de quem pensava 'num alvitre de difficillimo valor.

(Continúa)

JAYME C. MONIZ

## O DIA 23 DE JUNHO

TRADUZIDO DO ESPANHOL

E

OFFERECIDO A MEU MANO

O DR. MANUEL CARRILHO GARCIA

(Continuado do n.º 13)

III

A lua reflectia-se um tanto amortecida sobre os penhascos, que quasi coroam o Lanjaron, refractando seus raios no crystalino arroio, que o circunda... Nada interrompe aquelle silencio da morte senão o triste canto do mocho e o surdo murmurar do arroio. O vento soprava brandamente, agitando as folhas das arvores: as flores do campo esparziam um perfume encantador, afagadas pelo suave zefiro.

Era ja cerca de meia noite; o silencio tinha succedido ao buliço 'naquella povoa-

ção encantadora: uma ou outra ronda se ouvia ao largo pelas ruas.

De quando em quando, á janella d'uma das casas da rua principal, assomava um hamem, como para examinar se alguem atravessava por ella; convencido de que ninguem absolutamente o via, com voz abafada chamou seu criado.

— João!.. João!.. tira-me o cavallo...

O criado obedeceu, e poucos momentos depois via-se um homem, com seu cavallo a trote largo, partir em direcção a Orgiba. Este homem era o meu amigo.

Aonde ia, que fim era o seu, que rasões tinha para aquella hora avançada caminhar por uma estrada exposta, somente com seu criado, foi um enigma para mim, que o estava observando. Por ultimo julguei que iria a alguma parte aonde o teriam chamado.

No tortuoso caminho, que conduz a Orgiba, via-se, ja depois da meia noite, um homem, que cavalgava umas vezes a trote, outras a passo lento; ás vezes seu formoso rosto, que se deixava ver debaixo de seu largo chapéu branco, parecia animado por uma luz celestial; consentia então caminhar seu cavallo com seu costumado vigor; de repente, porém, e como se tivesse alguma coisa, soffreava-o obrigando-o a andar a passo.

Grande devia ser o combate, que se dava em seu coração. Quanto mais se aproximava de Orgiba, tanto mais vagarosamente andava, e tanto maior era a nuvem que lhe cobria o rosto: aquelle homem, que indubitavelmente devia ter outras vezes passado por aquelle caminho a todo o galope, ia agora lentamente...; em seu coração alguma voz falava, que lhe mandava, que não chegasse.

Ja está perto da rampa proxima do povo, e nem uma palavra tinha ainda dirigido a seu fiel criado, coisa que este muito estranhava... Acabava de passar a dita rampa e á porta d'uma casa, que fica á direita do caminho, o meu amigo fez parar o cavallo.

— Espera-me aqui, João, disse entregando-o ao criado; e entrou pelas ruas de Orgiba com passo rapido.

## IV

Y se el alma es immortal  
aun mas allá de la tumba  
mi amor por ti será igual.

Coc.

Era uma hora da noite do dia 23 de Junho de 18...

Branças nuvens agrupando-se e marchando com essa velocidade, que tanto nos admira, quando nos detemos a observal-as, pareciam numerosos batalhões, que tomam um ponto, que o perdem e tornam a recobral-o repetidas vezes; assim a lua se mostrava umas vezes refulgente mas adornada com um grande circulo opaco, e outras se perdia debaixo da densidade das nuvens.

Um ligeiro troar annunciou a proxima tormenta. O vento crescia a todo o momento...: tristes e solitarias estavam as ruas de Orgiba. Um homem somente, embuçado em um capote de camellão e com um leve chapéu de castor branco, caminhava com passo precipitado em direcção á rua de S. Antonio; seus passos eccoavam na proxima igreja, notavel por suas torres á similhaça das *angustias* de Granada, percebendo-se tambem o som metalico de suas esporas.

Este homem parou de repente á porta da igreja: por seu formoso rosto correram duas lagrimas...: sem duvida elle orava.

¿Mas porque orava? ¿achava-se em algum conflicto? Seu semblante 'naquelles momentos era inexplicavel; tam depressa estava triste, como alegre ou furioso: seu rosto apenas se deixava ver debaixo das largas abas de seu chapéu.

(Continúa)

M. J. CARRILHO GARCIA

## AO MEU AMIGO E COLLEGA A. C. DA SILVA MATTOS

Se minha debil voz, se meus gemidos  
Podessem devassar triste morada,  
Aonde jaz sem vida a prenda amada,  
Que tanto me enleou os meus sentidos;

Se podessem chegar a seus ouvidos  
Os prantos da minha alma angustiada;  
Se podesse inda ver, ¡oh! malfadada!  
Teus olhos e teus labios resequidos;

Se podessem meus braços estreitar-te  
De encontro ao seio meu, como outr'ora,  
Quando tinha a ventura de gosar-te;

¡Oh! que feliz! ¡Oh! que ditoso eu fóra!  
Mas ¡ai!.. triste de mim! ¡So posso dar-te  
Uma prova da dor, que me devora!

Goes — 6 d'Agosto de 1858 J. RAMOS NOGUEIRA

NO ALBUM DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. M. C. N.

Esta lauda quero-a cheia  
Que mal fóra dal-a assim;  
Era coisa muito feia  
E que estava mal a mim  
Ir deixal-a toda em branco,  
Nem que eu fosse coxo e manco.

Venham lyrios e boninas,  
Rosas, cravos, açucenas,  
Flores grandes e pequenas,  
Outras muitas coisas finas;  
E depois a poesia,  
Com suave galhardia,  
Irá toda até o fim.

Palavrões — dos retumbantes,  
Tres estrellas scintillantes,  
Com seus risos adubadas,  
E outras coisas misturadas,  
Nos darão em resultado  
Um poema apastellado;  
Que a poesia de cartel  
Não é mais do que um pastel.  
E até creio que o trovista  
Tem *seu que* de pastelleiro;  
Se não dá tanto na vista,  
Se não tem mais amadores,  
E que faz sempre d'amores  
Toda a sua guisaria.  
E depois, o «coração»,  
A «suave viração»  
E um *kirie* sempre em *ão*,  
Que tem toda a poesia,  
Torna o poetico piteu  
Um pratinho semsabor,  
¡Tam sem sal, pimenta e cor...  
De tirar-se-lhe o chapéu!

É por isso, e eu confesso,  
Que detesto o *trovejar*;  
Tanto ás ruínas sou avesso,  
Que já tive a bella idea  
De fugir ou desmaiar,  
Para d'ellas me escapar.  
Desmaiar é coisa feia;  
Mas se até as *cosinheiras*  
D'aquellas mais *corriqueiras*,  
A tal moda seguem já!..

Mas é certo, descuidei-me,  
Nas palavras enfronhei-me,  
E por pouco chego á capa;...  
Mas agora a versalhada,  
Como está encapotada,  
Talvez seja agasalhada,  
Escapando á gargalhada;  
— «Quem tem capa sempre escapa.»

Luso — Setembro de 58

NORONHA

### Á MEMORIA

DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. ANTONIA ESTRADA DA SILVA

Pallida e fria, como a estatua funebre,  
Que se debruça na final jazida,  
Cerradas suas desbotadas palpebras,  
Curvado o collo, como a flor pendida:

Envolto o corpo em funeraria tunica,  
Que em sua alvura a candidez revella;  
Mudos agora seus risonhos labios,  
Cingida á fronte virginal capella:

¡Eil-a!, coitada, inanimada e livida,  
Dormindo o somno, que não sei se finda;  
Porque os mysterios, que nos veda o tumulo,  
Ninguém os soube decifrar ainda!

¡Flor, que mal tinhas o purpureo calice  
Aberto aos mimos d'esp'rançosa aurora,  
Exhausta a seiva ao desdobrar das petalas,  
No po da campa — eis-te arrojada agora!..

A tua vida, qual visão, foi rapida;  
Tranquilla e pura, qual ribeiro ameno,  
Que o azul reflecte da celeste cupula,  
Mas que se turva co' o menor aceno.

Antes assim . . . , ao acabar da infancia,  
Perder a vida sem remorso ou queixa,  
Do que mais tarde, ver trocada em mágoas  
A vã saudade, que esse tempo deixa.

Antes assim, — do que tua alma angelica,  
Da vida vendo resequir-se as flores,  
Contaminada pela fria dúvida,  
Vergasse ao peso d'infinitas dores.

¡Ai! ¿quem previra teu destino, vendo-te  
Risonha e alegre — nos passados dias?!  
¿Hoje, coitada, qual inerte marmore,  
Quem já se lembra como então sorrias?!

¡Flor, que mal tinhas o purpureo calice  
Aberto aos mimos d'esp'rançosa aurora,  
Exhausta a seiva ao desdobrar das petalas,  
No po da campa — eis-te arrojada agora!

13 de Julho

A. S.

### CHARADAS

Nas fachas infantis inda involvido.— 1  
De mim recebe o ser licor jucundo.— 2

De saudades viver te ordena o fado,  
E que para penar fiques no mundo.

Mas tu bem podes,	Deixar o mundo,
Terna deidade,	Fugir prazeres,
Trocar em gosos	E d'este crime
Justa saudade.	Forjar deveres:

D'amor não fujas,	Nem t'o permite
Que te convida	Culta rasão,
A entrar de novo	Nem soffre tanto
N'amante lida.	Teu coração.

So almas fracas  
Não dão valor  
Aos doces mimos  
Do deus d'amor.

João B. V. P. DE B. E VEIGA

Sendo agua crystallina, }  
Sou gentil, mimosa flor: } 1  
Minhas pétalas mimosas }  
Dos jardins são o primor. }

Eu sou ma por natureza, }  
Apesar de boa ser: } 1  
Meus requebros são airosos, }  
Meu aspecto faz tremer. }

Nas terras as mais longinquas,  
Nos continentes, nas ilhas,  
Minhas irmãs de mim contam  
Prodigios e maravilhas.

N.º 16.º { 1.º Aurora.  
                  { 2.º Mesquita.

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira



Ainda ha dois dias se celebrava o seu anniversario,— uma primavera. A noite immediata cerrou-lhe para sempre as sombras,—uma eternidade!

M. L.

No seu ceifar incessante, a morte bateu á porta do paço dos reis e escolheu uma victima. Viu-se o monarcha sem esposa, sem rainha o povo; um thalamo vazio, aberto um tumulo.

Ao throno, que com o nosso fundador partilhou uma Mafalda, com D. Diniz uma Sancta Izabel, com D. João II uma Leonor e com D. João IV uma Luiza de Gusmão, ascendêra ha poucos mezes a regia princeza ESTEFANIA DE HOHENZOLLERN SIGMARI-GEN, pelo seu casamento com a Magestade Fidelissima de D. PEDRO V. A fama das suas virtudes apregoava-a digna successora das piedosas rainhas portuguezas, o seu enlace com o joven monarcha deu-lhe o amor de todos os seus subditos.

Nasceu a 15 de Julho de 1837, entrou em Portugal a 17 de Maio de 1858, morreu a 17 de Julho de 1859. Viveu vinte e dois annos e dois dias, foi portugueza quatorze mezes completos. Em tam curto praso de tempo deixou de si largo perfume de saudade, sem tenue sombra de remorso.

A sua morte, para Ella premio, foi para todos licção. Olhemos para o solio, e, se não nos curvâmos ao poder da realesa, inclinemo-nos ante a magestade do infortunio. Em annos tenros D. PEDRO V tem soffrido como homem e como rei. Da corôa, que todos lhe presagiaram de flores, so tem colhido os espinhos. Alcançado o throno a preço da orphandade, achou-se a braços com a febre, que devastou a capital; viu depois a espada de Brenno pesar na balança da nossa independencia; e hoje, remate ao cyclo de dores, experimenta a solidão d'uma precoce viuvez. A felicidade não escolhe estados ou condições, e evita muitas vezes o alcaçar dos poderosos. Bem se pôde o mundo chamar eschola da adversidade, logar de provação, que provada de desgostos tem corrido a vida mais preciosa do reino, hoje prostrada sob o golpe, que mais pôde rasgar o coração do homem.

A 20 de Julho a rainha D. ESTEFANIA desceu ao jazigo da Casa de Bragança, mas o esquecimento não pesará todo sobre Ella. Seus actos de extremada caridade, que a appellidam a — Piedosa, — tornarão seu nome eternamente grato. É a memoria das virtudes, digamos com M. L., uma como fragrancia das almas. Pôde estar longe a planta: o perfume que deixa lhe evocará o nome e lhe resurgirá a imagem.

A. A.

## REVISTA

Tinha-se, no passado numero, promettido uma *revista*, especialmente consagrada ao bello sexo, que narraria mysterios dignos de serem archivados nas *paginas negras* de algum padre Diniz, disfarçado com o modesto epitheto de *seringador*, d'estes em que, para tedio e nojo eterno dos contemporaneos, tanto abundam as columnas d'alguns jornaes de provincia.

¡A golodice era tentadora!.. e em mais de uma nacarada boquinha as brancas perolas... d'Ophir (comparação sancionada e exigida pelo uso) mordiam de impaciencia os labios, que se crispavam, aguardando o desejado pomo, ¡cujo nectar, no paladar de muitas, se havia de tornar em amargoso absintho!... Mas os mysterios, que sempre são mysterios, não se descobrem assim: o *revisteiro raspou fiscalmente* os seus numerosos apontamentos, fazendo bancarrota com os capitaes, a que ja as amaveis leitoras tinham direito; e tudo isto sem ao menos ter a feliz lembrança de nos deixar alguns *canudos de arame e ferro*, á vista dos quaes, por um momento, poderdessem enganar o publico sequer um instante...

¡A falta de uma revista era a sentença, não digo ja de morte, mas ao menos de degredo temporario d'este numero! O compositor, o impressor e o distribuidor, ululavam em *tercetto* as mais forozes maldicções sobre o *revisteiro*, quando um feliz (!) acaso me fez encontral-os. ¡Nunca viajante algum foi assaltado por tres mais esfaimados lobos!.. Não havia remedio senão ceder; e a custo das abas e golla da minha pobre sobre-casaca empenhei a minha palavra, em que havia de escrever uma *revista*.

Esta violencia, que não previra o codigo penal, neste ponto assás deficiente, sirva de desculpa

..... ao novo atrevimento.

É porém mui verdade, que a *revista*, que offereço ao publico, *mutatis mutandis*, tanto pode ser de Pekim como de Constantinopla, do Cairo como de Madrid, de Lisboa como de Stokolmo; mas eu preferi que fosse de Coimbra, e a rasão, no meu entender, é obvia.

A affluencia das familias da cidade a Luso, esta sanguesuga insaciavel, que, durante dois ou tres mezes, devora as economias de um anno; as viagens ao pittoresco Bussaco; os preparativos para os banhos da Figueira e os trabalhos rusticos das quintas, tudo, tudo nos vai sem piedade roubando a pouca vida, que ainda nos restava no principio das ferias. O actual marasmo da risonha filha do Mondego poder-se-ha comparar ao entorpecimento da giboa repleta, que a fome so póde acabar; com a differença de que, tendo a Lusa-Athenas o estomago mais fraco, tambem mais longa e demorada é sua digestão; porque, segundo certos dados da sciencia experimental, atrever-nos-hemos a profetisar o fim d'essa apathia no primeiro de outubro, quando, acordando ao toque horrisono da *cabra*, mergulhar, com a soffreguidão da avaresa, as emmagrecidas mãos nas bolças um pouco mais recheadas dos filhos de Minerva.

De espaço a espaço se ve o larva de algum sapateiro em descanço; o espectro de algum alfaiate sem obra, mas que, para não perder antigos habitos, ainda conserva as mangas da jaqueta tornadas agulheiro e o pescoço cabide de retroz; o archeiro, abdicadas as insignias do seu illimitado e despotico poderío, tornado á vida burgueza; o caloiro felpudo, como o felpudo bode do patrio Herminio, que são, por assim dizer, os exclusivos passeantes e moradores da Coimbra actual, outr'ora tam folgasã, tam jovial e tam ruidosa.

O fatal acontecimento, que derramou o lucto e a consternação no seio de Portugal, ainda mais augmenta a monotonia, em que vivemos: ja a *Floresta do Mondego* não é o ponto de reunião do *mundo elegante*; essas frondosas arcadas de floridos cabaceiros ja não abrigam em seu recinto as graciosas imagens das leões conimbricenses; nem o suspiro, que algum enternecido coração exhala, vai quebrar-se d'encontro aos caniços de viridente milheiro: tudo, tudo que existe na actual Coimbra, sem exceptuar a minha *revista*, é a nata, a essencia, o daguerreotypo da semsaboria.

A. S.

## ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

(Continuado do n.º 17)

## VI

*O Ideal* é outra poesia, que é geralmente tida como a mais perfeita manifestação do genio e caracter de Schiller, profundidade e melancolia, palavra que hoje está muito em voga, de modo que a idea, que ella encerra, é reputada indispensavel condição de bellesa.

Nas scenas da natureza um quadro melancolicó commove mais o coração; numa paisagem rica de plantas, de verdura e de flores um rochedo musgoso, pendente sobre um abysmo, uma arvore ja carcomida, que um tufão abateu, faz scismar o homem, que, descendo até o sanctuario da alma, reflexiona ahi sobre o seu destino e sobre outras grandes ideas, que a criação lhe inspira; na mulher a melancolia realça-lhe a formosura, e é fonte de mil attractivos. Não ha muito, que ouvimos dizer a alguem, que falava com sua amante, que ella era melancolica como uma meditação de Lamartine: entre milhares de tolices foi a unica coisa, que apresentou com mais acerto; mas, a tal excellentissima Senhora era uma tristissima e miserrima vulgaridade, que não tinha nem formosura, que merecesse tal finesa, nem intelligencia capaz de a apreciar.

¡Lamartine! ¿ porque não escondeste teu talento, essa chamma tam pura e divina, debaixo d'um meio-alqueire, para não poderem profanar as tuas creações os parvos, que te não comprehendem? Por um, que te entenda, tens milhares de leitores, que te chamam grande, so porque o ouvem dizer.

A melancolia, esse doce sentimento, que o christianismo, ensinado pela mãe do poeta, inoculára no seu coração, é um dos mais bellos attributos das *Meditações de Lamartine*; eleva o espirito, consola-o e deleita-o com os mais puros arrobamentos. ¿ Que importa que lhe chamem chora-mingas, se as suas lagrimas fazem chorar, se elle sabe chorar como ninguem e é grande até 'nesta fraquesa da humanidade?

O *Ideal* é tambam uma lagrima derra-

mada por Schiller sobre o passado: o scepticismo entrára-lhe 'nalma, e qual torrente impetuosa, que tudo devasta, levára-lhe a fe, que vivifica, e deixára-lhe a duvida, que mata. As tempestades do mundo deram-lhe em terra com os planos de felicidade, mostrando-lhe, que esta palavra era aqui uma palavra sem sentido. Vagueára pela alta região das illusões; e, quando a mão do destino fez cair o castello maravilhoso, que a sua imaginação levantára, caiu tambem; e quando olhou—so viu miserias; e foi então que deu um gemido d'angustia, que mettia dó.

Era uma alma de poeta, que, tendo creado uma sociedade pura, generosa e boa, como ella,—so encontra torpesas.

O poeta fala do tempo, em que abraçava a natureza com o amor e a ardencia da mocidade, até que ella respirasse e aquecesse sobre o seu coração, até que ella achasse uma voz para lhe responder e lhe desse beijos d'amor; era então, que para elle viviam a arvore e a rosa, e que o limpido arroio entoava para ella cantos harmoniosos: o mundo pareceu-lhe grande, em quanto esteve velado o fructo, que d'elle esperava. Traduzimos alguns versos, que por certo não desagradarão ao nosso leitor, quando, por exemplo, elle diz: « que via diante de si o risonho cortejo da vida, o amor com seus doces favores, a fortuna com sua aurea coroa, a gloria com seu diadema estrellado e a verdade com seu brilho celes-te»: mas logo fugiram d'elle todas estas imagens infieis; a sêde do saber fatigou de balde sua alma sequiosa, e as sombrias nuvens da dúvida cubriram o sol da verdade; elle viu as sanctas coroas da gloria profanadas em frontes vulgares: a sua vida é silenciosa e triste como a morte, e no seu negro horisonte brilha apenas uma pallida luz de esperanza, e esta luz é a amisade, que o consola no soffrimento, que o anima na afflicção e que cura todas as feridas: dois versos á amisade e ao amor do trabalho terminam a poesia; é um bello final, que em tal obra soube aproveitar a mão d'um grande mestre.

O *Passeio* é outra poesia tambem notavel, e uma das melhores do auctor, e, como

tal, mais geralmente apreciada e louvada: o poeta pinta a natureza como a encontrou, quando deu um passeio, e vai fazendo altíssimas observações, inspiradas pela contemplação e exame dos objectos, que á vista se lhe offerecem.

Admiravel nas descripções, Schiller é simples, vigoroso e grande como Homero, que se não vexaria de os ver comparar. As ideas aqui são elevadas, e magnifica a sua fórma: Schiller pensa bem e fala com nobresa; mostra sempre que é um profundo philosopho e um grande pintor. Schiller tinha a ambição do bello, que não realisava nunca, dizia elle; descontentava-se com a idea, que achava pequena e trivial, e descoroçoava com a fórma, que lhe parecia sempre baixa e grosseira. Schiller aspirava á perfeição, e d'ahi vinham os seus desalentos e tristezas. Desejava a perfeição na palavra e na imagem, e d'ahi provinha a lucta desesperada contra a lingua, que encontrava pobre, dura e insufficiente. Esforçava-se em a colorir, espiritualisar e inflamar, dando-lhe o fogo e o ardimento da inspiração, que lhe abrasava a mente. As puras delicadesas do sentimento, as mais altas concepções do pensamento e as mais vivas cores da imaginação ficavam frias e descoradas na tela material, onde o gelo e a mesquinhez da lingua as arrefecia e embaciava. Eram notas divinas 'numa harpa humana. Schiller teve relações de amizade com Goethe: é bello e tocante ver a docilidade, com que Schiller escuta as suas lições e segue os seus conselhos.

Nunca o pequeno sentimento da feia rivalidade ou de baixa inveja passou pelo seu espirito. Schiller era o primeiro a exaltar as producções do seu grande mestre e a curvar reverente a frente, que allumiava tambem a aureola do genio, ante aquelle, que então era o rei da litteratura na Alemanha. Schiller com ingenuidade dizia, que, quando lia Goethe, ficava desconsoado e triste, por não ser grande e original, como elle.

Schiller lia Homero, examinava as grandiosas producções e o rico patrimonio litterario, que nos deixou a antiguidade, estudava os poetas de todos os paizes e de

todos os tempos, e desanimava, entristecia-se; temia sempre o ser pequeno, e apresentar so copias frias e imitações bastardas.

Quando elle via a fecunda variedade, o pathetico profundo de Sackspeare, a poderosa originalidade, e a riqueza de imaginação de Goethe, ou se ria de si como de um tolo, ou se indignava como d'um atrevido, que, sendo um zero ao pe d'esses grandes vultos, se lembrava de escrever sobre os mesmos assumptos.

As epochas muito illustradas são pouco favoraveis á poesia.

Na infancia da civilisação a linguagem era singella, e as impressões mais profundas e fortes. O espirito não tinha tantas e tam variadas ideas, mas o coração tinha mais sentimento, e a imaginação mais ardor e vivacidade. Maculay, diz bem, quando prova, que o adiantamento das sciencias, o derramamento da instrucção, o aperfeiçoamento successivo, e as constantes descobertas, fructo da intelligencia e dos aturados trabalhos do homem, nenhuma influencia benefica exercem sobre o melhoramento da poesia.

Pensam mal aquelles, que afferem o progresso das artes imitativas pelo das sciencias. Hoje pensa-se mais, está mais larga a área dos conhecimentos, ha muita idea, mas menos sentimento, que nos tempos de rudesza e simplicidade, em que o homem tem melhores disposições para ser poeta, exprimindo e pintando em linguagem sempre animada e colorida as inspirações, que da natureza recebe.

Nos nossos dias discute-se, analysa-se, commenta-se, trabalha-se muito; mas cria-se pouco. Procura-se a verdade, e apreciam-se as ideas, que esclareçam a intelligencia e que guiem e auxiliem na vida: quer-se positivismo e realidade, e dá-se pouca importancia a imagens e phantasias.

Maculay diz, que a poesia está para a imaginação, como a lanterna magica para os olhos: esta tem mais effeito ás escuras; aquella attinge melhor o seu fim em epochas pouco civilisadas.

Os antigos sentiam abalos extraordinarios, quando liam, ou ouviam recitar ou

cantar trechos dos seus poetas queridos; desmaiavam, choravam e faziam coisas, que hoje causariam compaixão, ou excitariam riso.

A linguagem hoje é precisa, rigorosa e philosophica, como o espirito do homem.

A vida de Schiller foi uma contínua serie de trabalhos e desgostos, uma lucta incessante contra a secundidade de conhecimentos, que no seu tempo havia, nos assumptos, que elle tratou. Hoje é mais difficil ser original e grande poeta, que 'noultras eras. O homem, que 'numa sociedade illustrada quizer distinguir-se 'neste genero, precisa prescindir das ideas, que tem, e reduzir-se a ser creança, diz o illustre critico de Milton. Schiller receava sempre repetir o que outros ja tinham dito e melhor, que elle.

Quem quizer possuir uma noticia mais completa das poesias de Schiller, leia-as e estude-as; e consulte e medite a *Allemanha* de Stael. Isto que nós escrevemos, e que é mais uma impressão mal descripta, do que um estudo propriamente dito, é feito sobre a traducção de Marmier.

Infelizmente não sabemos o allemão, que estudaremos, se Deus nos der vida, saude e occasião. São immensas as vantagens, que d'isso se tiram. Basta dizer-se, que a Allemanha é hoje a grande escola da Europa; não ha paiz em que mais se tenha trabalhado e mais se tenha conseguido nas sciencias e na litteratura, e talvez até nas artes: o sceptro da intelligencia pertence hoje incontestavelmente á Allemanha. Esperámos, que não hão de decorrer muitos annos sem que o conhecimento d'aquella lingua seja exigido, como condição indispensavel, ao homem, que quer estudar a sciencia, ou dedicar-se á litteratura. O allemão entrará a final no quadro d'uma boa educação litteraria, como até aqui tem entrado e é util que continue a entrar o latim. A julgarmos pela claresa e elegancia da linguagem franceza, e pelos creditos de que gosa em França a traducção de Marmier, parece-nos, que o pensamento foi transcripto em toda a sua originalidade, e que o traductor se esforçou pela reproducção a mais fiel possivel da fórma. A traducção é em pro-

sa; desapareceu, por consequencia, uma das condições essenciaes da poesia, a harmonia, condição a que damos pouca attenção. Se a poesia tem conceitos grandes, riqueza na linguagem e força no estyllo, transporta-nos o espirito e move-nos o coração; e com isto nos satisfazemos.

Apesar d'alguem dizer, que ler poesia traduzida é o mesmo, que ler musica em vez de a ouvir, o numero das syllabas e a sensação, que a palavra causa ao ouvido, são coisas, em que não attentámos nunca; nem se nos dá, que aqui haja faltas, com tanto que na poesia appareça o que mais essencial lhe é. Traduzir bem é muito difficil; o pensamento e a sua expressão nunca fica tam bem nos moldes novos, em que a vasam. Não estamos muito certos; mas parece-nos, que Lamartine diz na *Viagem ao Oriente*, que custa menos fazer um livro, do que traduzil-o; não é tanto assim: para traduzir basta alcançar bem o sentido do auctor, e ter perfeito conhecimento d'ambas as linguas, attenção e trabalho; condições, que podem dar-se em alguem, que não tenha uma intelligencia superior e largos conhecimentos no assumpto, a que se applica; e, finalmente, sempre foi mais facil copiar, do que crear.

A natureza da lingua allemã e o genio peculiar de Schiller são coisas, que, como o proprio Marmier confessa, o embaraçaram muito. As cores ligeiras e as tintas vagas e vaporosas da lingua, e de que muitas vezes a poesia recebe a sua principal belleza, somem-se na nova lingua, e não podem jamais passar para a traducção.

O poeta era dotado d'um genio, de que eram caracteristicos a philosophia e o idealismo, de modo que cerca algumas vezes a idea d'uma fórma tam abstracta, que custa a achal-a e a comprehendel-a. Não queremos dizer com isto, que as poesias de Schiller sejam como muitas, em que ha muita imagem bella, muita palavra bonita e sonora; mas em que não apparece um pensamento, por mais activas diligencias, que se empreguem, para o encontrar debaixo d'esse luxo inutil e d'esses ouuropeis, que agradam aos olhos; mas que não dão nada ao espirito. São arvores, em que a vegetação é pomposa

e luxuriante, cobertas de folhas, cheias de rosas; mas em que não colhemos um so fructo, quando estendemos a mão: poesias d'essas são moedas de cobre dourado; e ainda a comparação não é rigorosa; porque debaixo do formoso involucro sempre ha coisa, que vale, ainda que pouco.

Quando lemos os *Raios e Sombras* de Victor Hugo, espantavamo-nos, por não encontrarmos ideas substanciosas, que debalde procuravamos. O nosso juizo, que tractavamos de repellir do espirito, como altamente injurioso ao genio, que nos dera o *Ultimo dia d'um condemnado*, *Nossa Senhora de Paris* e o *Rheno*, não nos atreviamos a declarar-o a ninguem, temendo vel-o clasificado de paraxodo.

Ha aqui um immenso vasio, pensavamos a sos comnosco; mas ¿quem sabe, se é tal a transcendencia do que diz o poeta, que não chega la a nossa intelligencia? Gustavo Planche veiu tirar-nos da duvida, confirmando a nossa primeira opinião; todavia este illustre critico é por vezes falso e exagerado.

O estudo sobre as obras de Chateaubriand é mais uma verrina descabellada, do que uma analyse seria e imparcial. Chateaubriand não tem conhecimentos, e, 'nalgumas obras, como o *Genio do Christianismo*, não passa d'um bello falador. Gustavo Planche affirma isto á face do mundo-litterario, que, talvez indignado com tal asserção, continuou a admirar o livro.

A traducção de Marmier não está perfeita; nem d'isso se deve admirar ninguem: é o reflexo vago, pallido e incerto do crepusculo, derradeiro adeus do sol, quando este desaparece do horisonte; todavia nem a mais remota similhança tem com esses livros, escriptos em linguagem, que muitas vezes não é portugueza, e cujo estylo é sempre francez. Causam horror a as devastações, que, pelos bellos e ricos dominios da nossa lingua, fazem hordas de barbaros, que so mostraram a sua ferocidade vandolica. Homens que não conhecem bem nenhuma lingua, e so arrastados pelo amor do ouro, e nunca incitados pelo interesse, e pelo proficuo adiantamento da litteratura, corrompem e deturpam a lingua, que offe-

rece tantos e tam valiosos titulos á nossa estima e respeito, porque é a nossa, e porque é boa. E essa gente não tem remorsos; se os tivesse, talvez, que em pavorosa visão, lhes apparecessem, tremendo de horror, no fundo das sepulturas, as cinzas de Fr. Luiz de Sousa, Camões e Garret. Este ultimo, 'numa Ode a Filinto Elisio, talvez a melhor das poesias de *João Minimo*, apresenta-se como sentinella vigilante da integridade da nossa lingua, cujas galas e primores elle mostrou conhecer e apreciar nos livros, que nos legou o seu verbo. Se Deus permittisse a resurreição, elle não poderia ja ter mão na indignação, ja não escrevia so, obrava tambem; brandia o asorrague, e zurzia-os sem dó.

Com a auctoridade do mestre e a força do campeão, se tem erguido ahi alta e austera a voz de Castilho, para defender e vingar os foros do que tam caro lhe é: é de balde; porque o seu brado soa 'num deserto, onde ha ouvidos para escutar tudo, menos o que é bom. As devastações continuam em grande escalla. O Hercules, que ha de expurgar a terra portugueza d'estes assassinos da sua lingua, é o tempo e uma civilisação mais séria e madura. Perdoe-se-nos a digressão, que não veiu la muito a proposito: quando tocamos 'neste objecto, não podemos conter-nos, que não falemos.

Tendo falado do escriptor, occupemo-nos um pouco do homem: se aquelle é um modelo para imitar, pela grandesa dos seus poderes intellectuaes; este é um exemplo a seguir, pelas virtudes que o nobilitaram. Schiller foi um bom cidadão e um excellentente pai de familia:—a boa fe era uma das feições mais preeminentes do seu character. Modesto como Newton e humilde como Fenelon, foi sempre superior ás pequenas vaidades, e nunca se deixou embriagar pelo incenso da gloria, que lhe offertava a Europa e a Allemanha, que se orgulhava de ver 'num dos seus filhos um novo Sackpiare.

Quando na alma do homem vivem sempre abraçados a virtude e o genio, este é uma joia sem preço 'neste mundo. Schiller desprezava os prejuisos da sociedade, não se deixava fascinar pela esperanza do

successo, nem arrastar pela prespectiva do lucro: falava e escrevia, como pensava e sentia; prostituir a convicção e mentir á consciencia parecia-lhe um crime, que, commettido, reputaria sem expiação. Elle comprehendia bem, como diz Stael, que acima do amor da gloria está o amor da verdade, que faz dos homens de letras sacerdotes guerreiros d'uma nobre causa. Schiller deixou uma grande lição a esses poetas, ou melhor metrificadores prosaicos, que, falando so de regatos, que murmuram, de brisas, que ciciam, de *paixões, que lhe refervem la dentro*, da ingratição das suas amantes e d'outras coisas tam pequenas como elles, se julgam com o direito de receber do publico o culto consciencioso e solemne, que os seculos têm prestado a Homero.

Schiller deu tambem uma boa lição aos litteratos, que, escravizando a intelligencia ao estomago, condescendem sempre com o gosto do publico e tratam de preparar manjares para paladares ja estragados, prostituindo e mercadejando com o que é mais ideal e mais nobre.

Schiller morreu ja: pagou o tributo á caducidade da natureza; porém a centelha immortal, que animou e vivificou o vaso de barro, deixou ca monumentos tambem immortaes, como o principio que os creou.

A refulgente estrella, que o braço de Deus fixou no ceu d'Allemanha, projectou os seus raios luminosos por todo o horizonte litterario, onde deixou um rasto de fogo, que allumiará sempre a humanidade.

(Concluido)

J. ALVES MATTHEUS

### UMA LICÇÃO POR UM OCULO

Nem todos os homens têm as mesmas condições de energia moral em todos os tempos. Para uns é o inverno, com seus chuviros, com suas manhãs de geadas, com suas noites de ventania, a fada benta, que lhes desperta a imaginação, lhes aguça o bom gosto, e, da imaginação e bom gosto, faz surgir maravilhas de ingenho e arte, para instrucção e recreio dos queridos leitores. Outros é pelo avesso; não se acham

senão nos ardores da canicula, e não mister, que a inspiração lhes esteja a cair no papel, d'envolta com as bagadas de suor. Estes que taes tem, as mais das vezes, suas appareças com as cigarras; tagarellam muito e não dizem nada.

O verão é a sesta da litteratura. De dia é pouco o tempo para mudar de roupa branca: de noite nunca é de mais para namorar a lua, ou contar as estrellas.

Este preambulo vale uma explicação e uma desculpa; accites as quaes, entremos em materia.

No dia 29 de Junho d'este anno foi dia de S. Pedro.

O sol nascêra, como é de costume, e ao meio dia em ponto tinha completado ameadade da sua carreira. A noitinha foi refrescar-se nas aguas asues do Atlantico, unica coisa, que, de toda a viagem, era muito para invejar.

Tudo isto, porém, que nós aqui escrevemos em bem poucas linhas, levou, ainda assim, umas quatorze ou quinze horas; e 'neste meio tempo muita coisa se fez 'neste mundo-tareco.

Por exemplo:

Logo ás oito horas da manhã almocei eu, com bastante appetite, ovos fritos com pão, manjar apreciabilissimo 'nestas boas terras, para onde o destino jogou comigo; e, de guarda-sol em punho, dirigi-me sosinho a uma eminencia, que não é pico nem montanha, d'onde se avista, para o lado do sul, um arvoredado basto e copado.

O pittoresco do sitio moveu-me a curiosidade, e, 'num volver d'olhos, tinha desembolçado do paletó um oculo d'alcance e entrevisto o que, a olho nu, me fôra impossivel: um palacete no centro d'aquella verdadeira.

Em regra, onde ha casas ha gente, e onde ha gente ha acção.

Ou fosse este raciocinio, ou outra causa qualquer que desconheço, o facto é que por muito tempo não afastei d'alli a vista. Dominava-me um interesse inexplicavel pelos simples objectos que tinha diante, que aliás bem merecem as honras d'uma descripção.

O corpo principal do edificio era um quadrilongo regular, que corria de nascente

a poente, e a cujo tópo, pelo lado do norte, em perfil comigo, se estendia um largo terrasso, especie de plata-forma, de seus vinte e cinco a trinta pés de comprimento, sobre desoito a vinte de largura. O chão era lageado de quadrados asues e brancos, dispostos á similhaça d'um taboleiro de xadrez. Em volta era debruado de alegretes, onde crescia o kacto real, estendendo as pernadas cheias de flores por cima de corrimãos de verbena e caniçadas de craveiros amarellos, alternados com assentos de marmore, por de cima dos quaes se copavam os jasmíns e os martyrios.

Na parede em frente abriam tres portas de vidraça, symetricas e elegantes, que davam entrada para o interior da habitação.

Parecia um aleçar de fadas; e uma mulher alli completaria a illusão.

Um cedro gigante abrigava aquelle retiro dos raios do sol, ao mesmo tempo que derramava a melancolia no espirito, pelo contraste da sua severidade com aquella vegetação viçosa e luxuriante.

Estava mesmo a tentar para dois amantes no gosto do *Bernardin de Saint Pierre*.

Andava-me a fantasia brincando com estas lembranças, quando a vidraça do meio se abriu, e um vulto branco assomou ao lumiar da porta.

Assestei-lhe o oculo immediatamente, e o que vi que o digam anjos.

Mas como nem todos estão em graça para ouvir os anjos, para esses ahí vai um retrato.

Era uma mulher, que poderia servir de modelo ás estatuas gregas, se a cor morena e o olhar de fogo não lhe realçassem encantos, que o marmore não reproduz. Uma testa vasta, nariz pronunciado, bocca escrupulosamente regular e uns dentes alvissimos faziam d'ella um typo de character para um romance de cavallaria.

Trajava vestido de cassa, branco, com tres laços de fita azul celeste.

Entrou de vagar e espraçou a vista a todos os recantos.

Convencida de que estava so, caminhou firme ao angulo da esquerda, bateu as palmas tres vezes e foi assentar-se no angulo opposto.

Não pôde porém socegar dois minutos. Levantou-se e foi olhar de perto as tres vidraças. Quando chegou á ultima desmaiou um quasi nada, virou-se um instante para traz, abriu-a e desapareceu.

Fiquei furioso. Mandei o meu oculo á tabúa, mentalmente, ja se entende, que me deixava ficar boquiaberto diante de quatro paredes. Foi a primeira vez em minha vida, que me senti curioso até tal excesso.

E ainda não sei porque. O que tinha visto bem podia ser naturalissimo.

Talvez fosse o oculo que dêsse magia a tudo aquillo; que, realmente, a unica maneira boa de ver as coisas d'este mundo é por um oculo.

O certo é que, eu dava 'nessa hora dois piparotes no diabo para elle me deixar ver o segundo acto da comedia.

Ou fosse que o diabo tivesse lido em meu pensamento, ou que o que tem de ser tem muita força, alguns segundos depois a visão tornou a mostrar-se e agora em duplicado. Acompanhava-a um mancebo alto e magro, que parecia falar-lhe com bastante intimativa.

Ella ora suspirava, ora sorria; e eu dava-me a perros por não lhes poder ouvir nem palavra.

O querer pôde muito. Tanto appliquei o ouvido, que por fim ja percebia quasi tudo.

Dizia elle:

— Mas ¿para que me has de constantemente martyrisar com ciumes injustos, se sabes perfeitamente que em menos de oito dias sou teu, exclusivamente teu?—

— É que me parece tamanha essa ventura, que sempre duvido. ¿Se soubesses como te amo!

E volvia-lhe olhares de tanta ternura, que, atravez do oculo, eu mesmo estremei.

— O verdadeiro amor, continuou, é sempre egoista, e o egoismo em amor é ciúme. Assim como me parece impossivel amar alguem, que não fosses tu, assim estalava de dor na hora, em que novo amor partilhasse o meu em teu coração.

O mancebo, por unica resposta tomou-lhe a mão e apertou-a com força de encontro ao seio.

Sentaram-se ambos 'num dos assentos

lateraes, e estiveram calados alguns instantes. Estavam-se revendo um no outro, com todo o ardor d'um amor correspondido.

Foi elle que quebrou o silencio.

—Ha hoje dois annos, principiou, que te vi a primeira vez, e d'então para ca não tenho tido um instante, que de ti não tenha vivido, um pensamento unico, que te não tenha dedicado. Nunca desconfiei de ti, e apesar d'isso não me têm faltado desgostos. A calumnia tem-te querido infamar, e eu sempre repelli taes ideas. Uma palavra tua descança-me inteiramente. Dil-a, e serei feliz: jura-me que, alem de mim, nenhum homem te occupa o pensamento.

A jovem olhou para elle muito séria, e permaneceu extatica por largo espaço. A final cobriu o rosto com as mãos e desatou em soluços.

—Basta, meu anjo: não chores, que me fazes morrer. Perdoa-me este pensamento indiscreto e a minha injusta exigencia, continuou elle; e temando-a nos braços, quiz estreital-a ao peito.

Ella, porém, erguendo-se 'num pulo, lançou-o longe de si, e caminhou sem vacillar até ao meio do terrasso. Ahi parou, e virando-se para elle exclameu com voz entrecortada:

—O Senhor é cruel até á demencia. ¿Tem acaso alguma prova para me assacar tamanha injuria? Offendeu ao mesmo tempo o meu amor e o meu amor-proprio.

—Mas eu ja pedi perdão, e ainda não perco a esperanza de obtel-o. Impõe-me penitencia, que por ti sujeitar-me-hei a tudo.

E cahindo-lhe aos pés tentou beijar-lhe a mão, que ella ja não teve animo de retirar.

Ficaram as pazes feitas, e elle retirou-se, promettendo-lhe em sua consciencia, que nunca mais daria entrada a um pensamento menos airoso para ella.

Fiquei tam contente como se me tivesse sahido a sorte grande. Até larguei o oculo para dar palmas. Aquella mulher ficou divinizada no meu conceito, porque, á virtude sem mácula reunia character e delicadesa. Era uma mulher como a desejára para mim.

'Nisto fitei o oculo de novamente.

¡Estive para arrancar os olhos! Aquelle anginho approximára-se do alegrete, e estava toda debruçada para baixo. D'ahi a um nadinha quebrava o sêllo d'uma carta, e eu pude ler tambem:

«So duas palavras: Obrigado pela tua cartinha, e manda dizer-me com certesa o dia do teu casamento. Eu serei contigo. Coragem e cara alegre. Todo teu.»

Ella correu immediatamente a casa, e um quarto d'hora depois voltou com resposta.

Quando porém ia entregal-a, como se alguma coisa importante lhe tivesse esquecido, rasgou á pressa o sobrescripto e percorreu-a d'alto a baixo.

Eil-a:

«Não te posso agradecer tanto amor, se não correspondendo-te por equal. Talvez mesmo te exceda. Podes crer, que a tua imagem querida não se me arredou ainda um instante do coração. Não sei de certesa, mas parece-me que me casam breve. Peior para elles. Succeda o que succeder, amar-te-hei sempre com equal affecto.»

Tirou depois um lapis, e alli mesmo accrescentou em *post-scriptum*:

«Não percas uma unica occasião de nos vermos. Ninguem desconfia, e á noite vamos onde sabes.»

Acabou-se tudo. Não tive ensejo de ver ou saber mais nada; mas o que vi ensinou-me. Não a crimino, mas já a não queria para minha mulher.

Cada vez dou por mais bem empregado os quatro mil réis, que dei pelo oculo.

J. SIMÕES FERREIRA

### Maximas, pensamentos, etc.

Não desanimeis nunca diante da vossa pobreza, ou inferior condição; a pobreza converte-a o trabalho em magnificos cabedaes; a condição—as virtudes em brilhantes titulos.

INED.

## NÓ ALBUM D'UMA MENINA

(IMITAÇÃO DO POETA HESPAÑHOL—MADRAZO)

¿Tens visto de um ceu nublado  
Brilhantes gotas descer?  
Olha, filha de minh'alma,  
Chama-se a isso *chover*.

Dize: —¿do ceu dos teus olhos  
Não viste ás vezes baixar  
Gotas eguaes? —Pois, menina,  
Chama-se a isso *chorar*.

As nuvens e as nossas penas  
Gotas e lagrimas são:  
Do mar as nuvens saíram,  
As penas do coração. (F.)

## UN ANGEL MAS

A la prematura muerte de la Señorita  
D. Antonia Estrada da Silva

C'est à nous d'effeuiller  
De roses sur tes cendres;  
V. Hugo

¿Que lugubre clamor los aires hiende,  
Llevando por doquier terror y espanto?  
¿Porqué donde resuena se suspende  
De subito el placer, y corre el llanto?

Es la parca cruel, la muerte fiera,  
Que baja de su asiento, y, con rigor,  
Vá a segar, en su verde primavera,  
La virgen vida de lozana flor.

¡Tente, muerte feroz, no seas ligera!  
¡No tu golpe descargues homicida,  
No seas tan cruel, ¡espera!.. espera!..  
No arranques ese arcangel de la vida!

Escucha de su madre los gemidos:  
Sus hermanos te piden compasion...  
¡Oh! miralos... contemplalos unidos,  
Demandarte el amor del corazón!

¿Y hábran de ser de marmol tus oidos  
A los llantos que exhalan de dolor,  
Al ver tan pronto asi desvanecidos,  
Dieziseis años de tan puro amor?

.....  
¡Tente!.. ¡Tente!.. ¡Espera!.. ¡Espera!  
.....  
¡Cielo santo!..... ¡Sucumbió!..

Empalideció su frente,  
Yace en polvo confundida,  
Estan sus ojos sin vida,  
Sus labios ya sin color:  
Ya no respira su boca,  
Ya su pecho nó palpita,  
Ni ya en su mente se agita  
Ninguna idea de amor.

¡Muerte! lograste tu fin;  
Apagaste su hermosura:  
Es mentira la ventura;  
Nadie dice soy feliz.  
¡Mentira! ¡mentira! si;  
Vanos ensueños dorados,  
Vanos placeres soñados,  
Soñamos en vano aqui.

¡Que si hay alguna igualdad  
En este mundo engañoso,  
Si el pobre, si el poderoso  
Son unos ante una ley:  
Esa ley es el decreto  
Que el cielo á todos nos dió:  
Sujeto en ella quedó  
Desde el vasallo, hasta el rey.

Una y mil veces dichosa,  
Pues com tu muerte inocente,  
Ha coronado tu frente  
Una corona inmortal;  
La corona virginal,  
Esa diadema radiante,  
Com que has volado triunfante  
A la mansion celestial.

Coimbra, 13 de Julio 1859

J. W. MUNNÉ

## FLOR-DO-RIO

Existe no Mondego um lindo barco,  
Tam lindo, tam gentil, que nunca as ondas  
Do meu sereno rio outro embalaram  
Elegante como este na figura,  
Na carreira veloz: retalha as aguas,  
Das varas dos barqueiros impellido,

Ou inchando-lhe o vento o branco linho,  
 Certo como um passaro. Do Tejo  
 Não navega de certo na corrente,  
 Coalhada de mil bateis formosos,  
 Tam formoso batel; e nas regatas  
 Da outr'ora Veneza decantada  
 A gôndola ligeira não vencêra  
 O meu ligeiro barco: á noite a lua,  
 Quando da lympha no crystal polido  
 Vem mirar ledô rosto alabastrino,  
 Em beijos de mil raios o oscula:  
 As brisas do Mondego o acariciam:  
 Dedica-lhe seu canto a philomela;  
 E dos verdes chorões e dos salgueiros  
 Os ramos o cortejam, quando corre  
 Do doce rio pela clara veia:  
 Bemfadaram-lhe sorte venturosa  
 As nymphas d'estas margens no momento,  
 Em que ás aguas desceu a balançar-se;  
 E um nome lhe pozeram tam suave,  
 De magico perfume recendente,  
 Que so as bellas nymphas poderiam  
 FLOR-DO-RIO chamar ao lindo barco.

Era alto o sol: soprava a aragem fria  
 De desembro, nos troncos descarnados  
 Sibilando das arvores: nos campos,  
 Ja de flores despídos, tenra hervinha,  
 Que aqui e alli nascêra, como soem  
 No nosso Portugal nascer as plantas  
 Na frigida estação, a debil haste  
 Pendia immurhecida da geada,  
 Que a noite lhe chovêra copiosa;  
 E no nevado curso do Mondego  
 FLOR-DO-RIO sereno deslisava.

'Num bordo do batel donzella airosa  
 As vistas captivava enamoradas:  
 Do Mondego era a flor, que conduzia,  
 Soberbo do seu peso, FLOR-DO-RIO;  
 Era a perla dos campos engastada  
 Na mais formosa concha do Mondego.  
 A onda fugitiva, em homenagem  
 Áquella virgem linda, vinha o barco  
 Com osculos de amor beijar submissa:  
 Brillante o sol, nas aguas retratado,  
 Fazia arder as aguas com ciume  
 Dos raios, que manavam os olhos d'ella;  
 E quaes palhetas d'oiro reluziam  
 As areias em torno, que recamam  
 Do meu rio paterno o fulvo leito.

Graças, mimo, celeste formosura,  
 E uns olhos, de bellas mil inveja,  
 Tinha a virgem donosa; e com taes dotes  
 A nympha nos prendêra em laço estreito  
 Vontade, e coração, e alma, e vida.  
 Em rapido volver, quando casadas  
 'Num raio nossas vistas se encontravam,  
 O brilho das pupillas fulgorantes  
 Accendia no seio a ignea chamma  
 De violento amor, desejo ardente:  
 Occultavam-lhe as vestes mil segredos,  
 Mil encantos, e graças, e thesouros,  
 Que so os olhos d'alma em ledô sonho  
 Se atreviam a medo profanar-lhe.

Mas o barco ligeiro resvalava,  
 Abrindo na corrente larga esteira;  
 E as varas, que os barqueiros impelliam,  
 Fendendo as doces ondas, semeavam  
 No liquido crystal brilhantes gotas.

Ja distantes, apenas se distingue  
 Do barco e donzella o vulto incerto;  
 Mas o gesto suave, as ternas vistas,  
 Que calaram no peito do mancebo  
 Fogosas emoções,— ainda vivem,  
 Guardadas com saudade na lembrança.

1854

A. A.

### A PERSIANA

¡Indiscreta! a persiana  
 Corre, e na fofa ottomana  
 Vem sentar-te junto a mim.  
 Quero dizer-te um segredo  
 E receio... Tenho medo  
 De que nos vejam assim...

Respira o mundo a maldade;  
 E ¿quem sabe?... talvez ha de  
 Imaginar... ¡eu sei la!..  
 ¡Ha gente que é tam perversa,  
 Que d'esta nossa conversa  
 Quanto lhe lembre dirá!

O meu segredo, contado  
 Sem mysterio, perde o agrado,  
 Perde os encantos que tem...  
 ¡Fecha, pois, a persiana,  
 Que mais doce luz emana  
 D'esses teus olhos, meu bem!

¿Occultas nos arvoredos,  
As aves ternos segredos  
Não dizem 'numa canção?  
—Tambem á casta zagala  
Vai o pastor procural-a  
Dos bosques na solidão.

A lua, que o sol affaga,  
Através nuvem presaga  
Tambem ás vezes reluz:  
E ¿ha quem diga, porventura,  
Que ficára menos pura?  
So tu... ¡que teima!—Jesus!

¿Não fechas, não? Basta..., basta...,  
De mim os olhos affasta,  
Senta-te longe de mim:  
Não te conto o meu segredo...  
Mas ainda tenho medo  
De que nos vejam assim.

¡E a pedires que t'ó conte,  
Sabendo que alem defronte  
Ha quem nos esteja a ver!  
¡Amanhã,—mal fosse dia,  
Todo o mundo saberia  
O que so debes saber!...

¡Que diriam, se sentados,  
Bem junctos..., quasi abraçados,  
Nos vissem a sos estar!  
Assim... assim... ¡mais unidos,  
Mais... inda mais... esquecidos...  
Confundindo nosso olhar!...

Em teu collo a minha frente,  
E a tua mão docemente  
Apertando a minha mão...  
Agora nada mais peço;  
O meu segredo começo...  
Mas ¿a persiana?... então?!

¡Graças!... Eis a persiana  
Fechada, e sobre a ottomana  
Tu sentada juncto a mim.  
Vou contar-te o meu segredo;  
Porque ja não tenho medo  
De que nos vejam assim.

Agosto de 58

A. S.

## EXPEDIENTE

Com este numero termina o 3.º trimestre da publicação d'este jornal.—Rogámos aos Senhores Assignantes, que queiram continuar, e cuja assignatura precise de ser renovada,—se sirvam mandar logo satisfazer a importancia dos trimestres, por que novamente subscreverem.

É *Administrador* d'este jornal o — Sr. Miguel Dias Pereira.

Os recibos, cartas sobre pagamento e quaesquer outros papeis, que digam respeito aos interesses materiaes d'esta redacção — serão d'hoje em diante, assignados pelo mesmo Senhor; assim como toda correspondencia, com relação a este mesmo objecto, lhe deve ser dirigida — franca de porte.

O muito trabalho, que actualmente pesa sobre nós,—obriga-nos a confiar, d'hoje para o futuro, a revisão dos artigos d'este jornal aos empregados competentes da Imprensa da Universidade.

Conveniencias d'esta redacção, leva-nos, não obstante os seus excellentes serviços, a substituir o nosso antigo commissario no Porto pelo — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira.

V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra* — loja da imprensa da Universidade; *Lisboa* — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.; *Porto* — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu* — Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa* — Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora* — Sr. V. J. da Gama; *Bragança* — Sr. ....; *Lamego* — Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão* — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria* — Sr. José Pereira Curado; *Aveiro* — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro* — Sr. Feliciano José Alves Braga.

## PREÇOS

	SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA	
Anno .....	1\$240	Anno .....	1\$460
Trimestre .....	360	Trimestre .....	450

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remettidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## REVISTA

Não ha nada em Coimbra, que mais estimule nossa actividade, do que o toque da *cabra*, esse tanger lastimeiro e monotono do sino da Universidade, que, em dias d'aula, nos recorda tantas obrigações penosas, tantas esperanças concebidas, tantos desejos, tanto amor, tanta ventura sonhada...

! Oh! o toque da *cabra* exprime um mundo, com todo seu movimento, com todas suas paixões, com toda sua energia!

! É elle, que nos marca os dias de trabalho, trabalho voluntario, mas dolorosamente productivo; trabalho que nos eleva o espirito, que nos alarga a intelligencia, que nos aperfeiçoa!

E cada dia, que passa, e cada triumpho no incessante lutar da intelligencia com a fria inercia,—é uma obrigação, um incommodo de menos; é uma esperança realisada; é um passo mais na satisfação do desejo, do amor, da ventura sonhada...

! Os desenganos! ¿que podem os desenganos num peito varonil, cheio de seiva, aquecido pelo fogo d'uma idade de vinte annos?..

! Dôr aprazivel de meu trabalho, sonhos dourados de minha imaginação, calai-vos, que o sino da Universidade ja se não ouve! Tudo descança na natureza; ¡repousai vós tambem!

Assim discorria um pobre caloiro ao ouvir as ultimas badaladas da *cabra* agonizante; e o caloiro tinha razão; porque, realmente, tudo progride, tudo acaba em Coimbra com o toque da *cabra*.

Com o encerramento das aulas, vem, por assim dizer, o imperio da materia; o estu-

dante parte para sua localidade, onde procura *digerir* os mezes, que lhe restam de férias.

Os lentos e as poucas familias, que podem em Coimbra constituir uma sociedade rasoavel, desapparecem pouco a pouco, e lá vão banhar-se nos ares frescos e saudaveis de afastadas quintas, nas tepidas e mansas agoas de Luso, ou nas frias e revoltosas ondas do oceano.

Por ultimo: todos dão seu *mergulho*: a servente, o artista, o commerciante; o rico, o pobre; o honrado, o tractante; o sabio, o tolo; o aristocrata, o plebeu,— todos, todos desapparecem como por encanto, para surgirem depois, avidos de dinheiro e de novos prazeres, de sciencia e de estúpida semsaboria, á superficie do turbado mar de Coimbra, que, nas horas de seu renascimento, se agita e referve com todos ventos, com todas variações atmosphericas..., por mais ligeiras, por mais imperceptiveis, que nos pareçam...

Logo que se deixa de ouvir o toque da *cabra*, Coimbra começa a ser um ermo horroroso; e a insipidez, o desconsólo, o enjoo divisa-se no rosto dos poucos, que, por considerações domesticas, ou outros motivos, nella permanecem ainda.

Em fim: a terra dos amores converte-se em terra de martyrios.

Debaixo de taes impressões, sem estímulo, sem vida, sem o *anjo*, que no deserto nos inspira..., a nossa *revista* d'hoje não póde deixar de resentir-se dos mesmos males, das mesmas penas, que affectam seu auctor.

Defenderam theses em philosophia dois estudantes distinctissimos, os Sr.<sup>s</sup> Albino Augusto Giraldes e Antonio dos Santos

Viegas Junior. Folgámos de ouvir um e outro: sua argumentação foi clara, nervosa, eloquente; e revelára a cada passo o alcance não vulgar de seus talentos e o grande fundo scientifico e litterario, que ambos possuem. A faculdade de philosophia, onde ja conheciamos homens eminentes por seu saber e virtudes, acaba de adquirir um maior gráu de esplendor com a admissão em seu gremio de dois mancebos tão illustrados, tão polidos, tão cavalheiros, em fim, como os Sr.<sup>s</sup> Viegas e Albino Girdes.

Damos-lhes pois aqui os nossos mais sinceros parabens, tanto pela refulgente corôa, com que Minerva lhes enfeitára a fronte, como pela gloria, que lhes provirá dos importantes serviços á Universidade, que todos esperam de sua indole reformadora.

Em direito, e poucos dias antes, passára por egual solemnidade, e com os mesmos créditos, de que sempre gosára, o Sr. Manuel Nunes Girdes. E no dia 31 de Julho teve logar a cerimonia de seu doutoramento, a que se seguiu o jantar do costume.

Assistimos a elle: eram 6 horas da tarde: a intensidade dos raios do sol havia diminuido consideravelmente: corria uma brisa ligeira e suave: os passarinhos, esvoaçando de ramo em ramo, pareciam satisfeitos do dia, entoando-lhe canticos de saudade e amor, em côros melodiosos.

No meio da Floresta do Mondego ostentava-se alegre e espaçoso pavilhão: suas columnas eram de murta e flôres: seu tecto de alvissima téla. De columna a columna viam-se suspensos brancos e transparentes cortinados, que, terminando em ondeantes e repetidas pregas, deixavam ao ar e á luz franca e graciosa passagem. Tres candelabros de bronze dourado, alimentados a gaz, pendiam do tecto; e espargiam pouco depois, através mesmo de seus baços globos, torrentes de luz sobre os variadissimos objectos, que, collocados por ordem, embellesavam todo aquelle recinto.

Uma vastá mesa, coberta de adamascada toalha, se estendia d'um ao outro extremo do pavilhão: jarras de porcellana enfeitadas de dhalias, melindres, cravos e baunilha a guarneciam e poetisavam; e as garrafas e

os copos de crystal; e os pratos, e as jarras, e as flores — tudo scintillava e cobria com seus reflexos de infinitas côres as iguarias, que, fumegantes ainda, inundavam a atmosphera de exquisitos perfumes.

A curta distancia achava-se collocada uma das philarmonicas conimbricenses, com suas fardas agaloadas e seus penachos brancos e vermelhos, e tão afinada, tão bem dirigida, que não tinha inveja ás melhores bandas regimentaes: algumas girandulas annunciaram o principio do banquete; e o joven doutor, e o Sr. Conselheiro A. Forjaz, que lhe servira de padrinho, foram tomar assento na cabeceira da mesa ao som da mais alegre e revoltosa mazurca: todos os antigos mestres, condiscipulos e amigos do novo doutor, que poderam ser convidados e que ahi estavam reunidos, os seguiram; e o jantar principiou no meio dos mais bellos auspicios e lisongeias esperanças.

Ha porém muitas vezes uma grande distancia entre o que parece e o que é: assim o que julgáramos mel, não era senão fel...; as rosas tinham-se convertido em espinhos.

Applaudamos, pois, o Sr. Nunes Girdes por seus bons desejos, generosidade e cavalheirismo; mas lastimemos a *demasiada ambição*, talvez, do Sr. Domingos Maria Pereira, empresario d'aquella festa, que tanto se comprometteu a si e podéra comprometter os que 'nelle depositaram cega confiança. Um jantar de quarenta e tantas moedas em Coimbra, devêra ser um jantar verdadeiramente de principe, se não em superflua abundancia, pelo menos em variedade e qualidade.

Aconselhâmos ao Sr. Domingos uma *visita de aprendizagem*, não diremos a Paris, mas a Lisboa, d'onde, acreditâmos, voltará mais *elegante e equitativo*.....

É digno de mencionar-se, entre outros discursos, o que em honra de seu afilhado, improvisára alli o Sr. Conselheiro A. Forjaz: apesar de sua extensão, que mal se casa sempre, em taes occasiões, com a *ligeiresa* dos espiritos, suas palavras não só agradaram, mas encantaram, commoveram profundamente. O Sr. Conselheiro recebeu muitos e bem merecidos *apoiados*.

Por ultimo, este banquete se foi pobre

em horas,—foi assás rico em agradáveis impressões: todos as sentiram, e muitos as guardam ainda com saudade.

Tem occupado bastante desfavoravelmente os animos dos conimbricenses a desastrosa polemica, que, nestes ultimos dias, tem tido logar entre o presidente e vice-presidente da camara d'esta cidade. Lastimámos devéras a tristissima posição, em que ambos se collocaram na imprensa, *regateando-se* o sentido, o valor d'uma palavra, que a nosso ver, nem merecia as honras d'uma *diversa*, em qualquer dos jornaes, em que S.<sup>as</sup> Ex.<sup>as</sup> tem escripto monstruosamente. A reconciliação não será difficil entre cavalheiros de tanto talento, e das mais nobres qualidades.

A alguns estudantes de jurisprudencia não tem dado tambem pouco em que pensar o *projecto de reforma* das disciplinas da faculdade de direito, que ha dias publicára um jornal de Coimbra. Parece-nos, porém, que nos não enganaremos, se affirmarmos, que ou elle não terá o apoio das camaras na proxima legislatura, ou, se o tiver, não se limitará tão somente ao que 'nelle se propõe, mas adquirirá gigantescas proporções, como aconselha o estado pouco florescente, em que na actualidade se observa entre nós aquelle importantissimo ramo dos conhecimentos humanos.

Lembrára-nos concluir a nossa revista falando do bello sexo conimbricense; mas tão raras vezes o vemos, que mal nos recordam seus defeitos ou suas perfeições.

Dá-se tambem a circumstancia, de que a maior parte de nossas conhecidas ou são casadas, ou estão para isso. Falar d'estas seria, alem de imprudente,—perigoso...; a mulher casada ou *promettida* é, para o folhetinista ou revisteiro, o mesmo que, para os rapazes traquinas, um menino Jesus de cera em redoma de vidro: se lhe tocam,—quebra-se o vidro, e o menino... derrete-se.

Entretanto, cedendo á necessidade de augmentar o interesse d'esta revista, copiaremos d'um precioso manuscrito, que ha bem pouco tempo caíra em nossas mãos, algumas linhas, que, falando da mulher de Coimbra em geral, talvez com demasiado

rigor, a nenhuma poderá offender em particular. Eil-as:

Mas... ¡Sancto Deus!..

Fiquemos por aqui.

V. DA SILVEIRA

## VICIO E VIRTUDE

(Continuado do numero 17)

Deixemos os dois em quanto falam com o criado, e este vai e volve, para darmos conta de certo caso, preciso para uma explicação, tão util e necessaria, como qualquer das que nas camaras tem logar a cada passo. Desculpe o leitor esta quasi interrupção. É muito precisa, e por isso forçoso que transijamos com as aliás respeitaveis theorias do romance.

A entrada da aldêa de \*\* ha uma pequena casa, cuja apparencia para logo denota a pobreza do morador. Ao acanhado das dimensões, accresce a velhice das paredes já fendidas e ennegrecidas pelo tempo. Na frente do humilde edificio abrem-se duas janellas; e uma porta estreita e baixa abre a entrada. Nesta casa, onde mora a mãe da desditosa Maria, passaram-se os factos de que consta a seguinte narração, fielmente extraída da carta que Pedro recebera, a qual não continha coisa alguma, que se parecesse com o que elle dissera ao seu amigo:

Havia ja algum tempo que Maria caíra em profunda tristesa. Ja o riso lhe não roçava os labios, nem a alegria lhe apparecia no rosto. Triste, sempre triste era como a encontravam as suas amigas. Aos 4 de Julho de 1835 resolveu terminar a existencia e ir procurar no suicidio a paz, de que não podia gosar na vida. Retirou-se com Mathilde para a sua camara, fechou a porta d'esta, adormeceu a filhinha, e ás onze horas da manhã, segundo disse, libou mortifera bebida. A occasião era opportuna. A infeliz tinha quasi a certesa, de que ninguém iria procural-a durante o lidar com a morte; a mãe da desgraçada havia saído para apenas tornar á noite.

Por um acaso, voltára porém antes da hora aprasada, pouco mais ou menos pelas

duas horas da tarde. Entra, procura por Maria, pela netinha, ouve gemidos, corre ao quarto da filha, encontra a porta fechada: redobram os gemidos, grita, acodem os visinhos: 'num momento é pedaços a porta e juncto de Mathilde, que dorme tranquilla, juncto da filhinha, encontra-se a mãe, que se debate nas agonias da morte.

— ¡Filha, que tens!? exclama a pobre velha, correndo para Maria e abraçando-a.— ¡Que fizeste!?

— Não se afflija; vou descançar brevemente... Não podia viver, não devia... ¡Ail!.. E as convulsões do vômito cortavam-lhe as expressões, quasi a instantes.

Cedo appareceu o medico; tarde, bem tarde vinha comtudo o auxilio da arte. Ja não havia remedio, que podesse salvar a desditosa.

— Tu, meu anginho, ficas sem mim; mas não ficarás orphã de mãe;... a minha... ha de ser igualmente tua... E a filhinha, que os gemidos da mãe não haviam perturbado até então, acordára, como se de proposito, lançára os delicados bracinhos ao pallido collo de Maria e começára de chorar, ¿sei eu la porque?! pouco depois repousava pela derradeira vez proximo áquella, que a trouxera á luz.

O momento final ia-se approximando.

— Venha, querida mãe; quero pedir-lhe perdão; o perdão d'uma mãe... é como o perdão de Deus... Não chore; morro... quando devia morrer... , quando a minha existencia só podia servir para a envergonhar... e para envergonhar esta creaturinha... Dê-me um beijo...; os beijos d'uma mãe são tão consoladores, tão cheios de affecto... ¡Oh! sou mãe, sei quanto valem! E abraçou a mãe, tirou do seio uma carta, estava fechada: mande-a entregar: diga-me, que a ha de mandar entregar, diga...

— Sim, filha, mas ¡que ideias as tuas! ¿Cuidas que morres?

— Morro... morro...; sei o que fiz para morrer! ¡Ah! deixe-me beijar a minha filhinha!

Curvou a fronte e beijou Mathilde. ¡A vida como que se lhe concentrára toda 'naquelle symbolo, ultimo, de immenso amor, e que toda se fóra quando elle saíra dos

labios! Depois a infeliz recostou-se na cabeceira do leito, declinou a cabeça para o lado esquerdo, poz uma mão sobre a filhinha, que tinha adormecida no regaço; a outra, que havia sido desamparada, deixou-a cair, como que insensivelmente sobre o coração, que tanto amou e tanto soffreu, soltou um gemido e depois era cadaver!

— ¡Maria! filha! balbuciou a mãe, caindo desmaiada. Não houve resposta; não acordam os mortos á voz humana!

A desventurada Maria não parecia, de morta, menos bella.

Tinha os cabellos loiros exparzidos pelos hombros: os olhos, que tanto a enganaram, conservava-os semi-abertos. Dir-se-hia, que se não haviam podido despregar da innocentinha, que dormia tranquilla no regaço d'aquella, cujo nome a nova orphã-sinha tantas vezes repetira, e fóra o primeiro que aprendêra. Depois succederam arranjos modestos, para um funeral modesto; a noticia espalhou-se pela aldêa. ¡Matou-se a menina da Sr.<sup>a</sup> Rosa Maria! ¿porque? perguntavam todos. Todos o ignoravam; suspeitava-o alguém.

Mas ¿para quem era a carta, que Maria entregára a sua mãi?

Volvamos a casa de Pedro. Na camara d'este acharemos a explicação do enigma.

Luiz recebêra com effeito uma carta de Maria. Está pallido, parece louco. Chora, abraça o seu amigo, atira-se para sobre o leito, levanta-se, passeia e exclama frequente: «¡Desde o berço, Pedro, desde o berço, sempre desgraçado!»

Pedro procurára preparal-o.

A carta que recebêra da patria conta-valhe isto mesmo. O receio porem do mal, que semelhante noticia, dada sem prevenção alguma, podia produzir em Luiz, obrigou-o a faltar á verdade.

Cumprindo com as obrigações do romancista, transcrevemos a carta de Maria, expressão do sentir d'um peito materno, da generosidade d'uma mulher sem ventura.

Eis a carta:

«Apesar de eu ser hoje pessoa naturalmente indifferente ao Sr. Luiz Carlos da

Costa, não soffre meu peito materno, que lhe não escreva pela derradeira vez.

«Não cuide que me vou queixar do passo que deu. As queixas d'uma mulher, nas minhas circumstancias, encontrariam, em resposta, o riso apenas e o escarneo, e, quando outra coisa encontrassem, essa não seria já para mim, porque cedo a terra compassiva ha de abrir-me o seio.

«Experimentei os rigores da fome e a cruesa das privações, na esperança d'uma sorte, que já não posso ter.

«A fe e os sentimentos, que me embalararam no berço, acompanharam até hoje e têm sido meus anjos de guarda, têm-me ajudado a supportar, resignada, a dor e o tormento. Sabe, Sr. Luiz Carlos, que lh'ó não digo, por fazer alardo de meus afanosos trabalhos.

«Hoje, novo martyrio experimenta minha alma já cançada. Não posso viver vida sem honra. Tudo aprendi, menos a levar semelhante cruz. Cabe-me pois terminar as horas de amargura, ¡unicas, que correm e têm corrido para mim!

«Neste mundo é meu inseparavel companheiro intenso e dolorosissimo padecer: — no outro ¡póde ainda salvar-me a misericordia de Deus! Tenho esperança, muita esperança nella.

«Na terra fica a minha e ¿porque não direi «sua» innocente filhinha? Não se esqueça d'ella, salve-a como poder, que eu não posso salvá-la. Lembre-se, que jurou não esquecel-a. Não quebre esse juramento ao menos. É o derradeiro pedido, que lhe faço. ¡Oh! peço-lh'ó em nome de Deus, em nome d'aquelle, de quem tanto espero, e a quem incessantemente rogo, para que nos perdôe.»

*Maria.*

Bem amargou esta carta a Luiz: como que enlouquecêra ao lê-la. Todavia, passados alguns dias, Pedro havia-o consolado. A chegada da filhinha minorára a dor do desgraçado pae. Luiz concentrava em Mathilde todos os affectos, e havendo-a entregue a uma honrada familia, não passava dia algum, sem que a fosse ver.

Era a unica coisa, que restava d'um amor intensissimo no comêço.

A filha encontrára refugio no dever paterno; a mãe, toda amor e fé no seu crime, procurou no suicidio o descanso, de que não podia gosar na terra. ¿Alcançal-o-hia? Póde homem, fazer pedaços a pedra do sepulchro, abrir a sepultura, ¡mas não resuscitar o morto, interrogal-o e responder-lhe este!

O sepulchro encerra um segredo mui segredo, um segredo absoluto, porque é o de Deus.

Como quer que fosse, ¡não chameis simplesmente fraca á mulher, que corta a existencia! No negro e horrivel crime do suicidio, ha ainda uma certa coragem: — é a do desprezo da vida.

(Concluido)

JAYME C. MONIZ

## O DIA 23 DE JUNHO

TRADUZIDO DO HESPAÑHOL

E

OFFERECIDO A MEU MANO

O DR. MANOEL CARRILHO GARCIA

(Continuado do n.º 17)

'Naquelle sitio permaneceu até que o relógio da visinha egreja dêsse as duas horas. Então como se lhe tivessem dado aquellas badaladas na cabeça, curvou-a, um instante depois, levantou-se, sacudiu sua cabelleira como um homem, que se acha abatido por um mau pensamento, e caminhou com passo precipitado, entrando pela rua de Sancto Antonio.

Os lampeões d'esta rua estavam pela maior parte apagados, e um ou outro, fazendo oscilar sua moribunda luz, a lançava tam opaca, que todos os objectos pareciam ter uma fórma gigantesca.

A lua acabava de occultar-se debaixo das densas nuvens... pavorosa e imponente estava a rua, o assobio do sereno e sua lugubre voz, que gritava *Ave Maria Purissima*, retumbava nos portaes das casas; o vento soprava cada vez com mais força, fazendo tremer os vidros da janella, e algumas gotas d'agua cahiam das nuvens. Comtudo Alfredo, pois não era outro, seguiu

seu caminho... de repente parou juncto a uma janella, que estava a seis pés do solo.

—Ja deveria estar aqui, exclamou — em que se detem?... é esta a hora, que eu tinha marcado!.. porque me faltará Maria!.. sabe muito bem que da minha parte sou incapaz de faltar. Não sei, esta noite tenho presentimentos horriveis... sem saber porque, tremo ao chegar a esta janella... parece-me que dentro d'ella está escripto o meu porvir...

Não se ouve... mas sim, um brando murmurio... tambem se vê mais luz do que aqui produziria uma só.

Talvez esteja orando a Deus esse anjo puro!.. talvez pense em mim!.. talvez, talvez leia minhas cartas uma por uma!..

Não sei, mas tremo... ao tocar 'nesta janella; muito triste é a minha fatalidade!..

Tudo isto repetia em voz baixa Alfredo. De repente chegou-se á janella tocou-lhe com a mão, e esta, abrindo-se de par em par, arrojou um mar de luz, que lhe fez fechar os olhos. Dentro do aposento havia um cadaver... o de Maria no seu caixão. Aquelle brando murmurio era das pessoas, que oravam por sua alma, quatro luzes se viam aos lados da fallecida joven.

Alfredo ficou mudo de pasmo; seus olhos não vertiam lagrimas; parecia estar socego, e só se conhecia que soffria uma convulsão pela crispação de suas mãos encostadas ao peitoril da janella. Depois, e como impellido por uma força extranha, d'um salto entrou no aposento, e ajoelhou ao lado de Maria, pondo então a cabeça de sua amante sobre o joelho, cortou uma larga madeixa de cabellos, e imprimindo um terno beijo em sua casta fronte...

— Adeus, Maria, exclamou; vaes comparecer perante elle pura e formosa como um anjo!.. perante elle, que te chamou a si para gosar!.. oxalá que nos reunamos em breve!.. É mui triste viver na terra como eu... sem paes, sem parentes... perseguido pela fatalidade... sempre o dia 23 de Junho!..

Não disse mais: d'outro salto achou-se fóra do quarto, apertou ao peito aquelles louros cabellos, e logo sem poder conter-se correu até chegar onde o esperava o seu

fiel criado, que se admirou de o ver tão demudado; mas sem fallar-lhe nem olhar para elle, montou em seu cavallo, cravou-lhe a pungente espora, e veloz como um raio partiu deixando desconsolado o seu fiel João.

Quanto mais veloz era a corrida, tanto mais esporeava o ginete; parecia não ouvir mais do que uma voz que lhe dizia: corre! e o ginete obedecia.

De repente o cavallo parou; o caminho estava manchado de sangue... o ginete tinha rebentado.

Não foi mais ligeiro em desmontar do que o cavallo em cair; o arrogante corcel parecia com seus olhares pedir-lhe conta do que tinha feito; Alfredo olhou-o com compaixão: tambem tu, Lucero! sempre o dia 23 de Junho!

Foi tudo; e deitando a correr velozmente pela rápida encosta proxima a Lanjaron, em poucos momentos estava em sua casa.

## v.

Ha pessoas, que em seu rosto angelico e bondoso mostram não pertencer á terra, e que Deus as deixou 'nella por limitado tempo para que lhe sirvam de ornamento.

## O AVENTUREIRO.

Maria, a angelical Maria, era filha d'uma viuva natural d'Orgiba onde residiam. Entrava apenas na idade dos amores, 'nessa idade em que todas as coisas, todos os objectos, todas as ideias não têm mais que um ponto de partida e de concentração... a illusão essa idealidade fantastica que, não se lhe conhecendo as fórmulas, é impossivel combater; porque 'nesta idade é ella necessaria á vida, porque se não houvesse illusões tão pouco haveria grandes ideias; enervar-se-hia o espirito e portanto succumbiria a alma; não se conceberiam grandes coisas, e mortas as illusões, tambem morriam as crenças.

Maria tinha completado desoito annos; nada mais formoso do que seu bello rosto d'uma brancura de alabastro; seus negros e rasgados olhos de penetrante e doce olhar eram velados por duas grandes franjas de sobranceilhas pretas, que contrastavam notavelmente com seus ondeantes cabellos

louros. Um pequeno signal preto no lado esquerdo de sua lindissima barba, fazia sobresaír mais e mais sua tez rosada, e a nacarada brancura de seus preciosos dentes; seu rosto respirava encantos e poesia, sua harmoniosa voz tinha um som tão particular, que revolvía até á ultima fibra do coração; seu talhe esbelto como a cana do lago vergava-se com uma flexibilidade natural.

Estavam reunidos 'nella os dois mais formosos typos da nossa nação, a elegancia e delicadeza madrilenas, e o gracejo e afabilidade das filhas do meio dia.

Socrates não se enganou emquanto a Maria quando dá como principio em seus escriptos, «que uma boa figura poucas vezes encerra uma má alma.»

Assim era effectivamente: dotada d'uma sensibilidade exquisita a qualquer desgraça, o minimo sentimento a commovia a ponto de lhe fazer correr dos olhos abundantes lagrimas. Muitas vezes a encontravam acompanhada d'uma velha thia nas choupanas dos desgraçados, prodigalizando-lhes consolações, ou juncto do leito do moribundo soccorrendo seus infelizes filhos.

Em aquelles momentos estava sublime.

(Continúa)

M. J. CARRILHO GARCIA

## ¿LEMBRAS-TE?..

(FRAGMENTOS)

A ...

I

Ha dias, que parecem resumir em si todo o fel da desventura, trashedado gotta a gotta nas attribulações quotidianas!.. Ha dias que parecem marcados por Deus com o ferrete do soffrer na existencia do infeliz!..

E quando a aurora surge atravez de véu escuro, annueada e tetrica, apoz um dia de angelical ventura, mais densas parecem então as trevas, e, no cahos, em que a alma se precipita, punge-lhe com o amargor do fel a saudade d'esse dia venturoso!..

Tal foi para mim o dia... de...

Este dia, que era o do anniversario d'um

ente querido, costumava sorrir-me de prazer infindo nos dias ledos da minha infancia! foi ao calor de tam risonho sol que desabrochou o meu estro incipiente!.. foi 'neste dia que mil caricias... mil afagos retribuiram o primeiro vôo de infantil imaginação, que na lyra da amizade desprenhia o seu primeiro canto!..

Era no anno de... No peito do mancebo se juntava ao amor filial esse primeiro sentir do coração, que eu chamaria amor, se ao depois não conhecesse quanto esse affecto differe da verdadeira dedicação consagrada á mulher!..

E o mancebo devia em breve deixar a terra querida do seu berço, onde lhe ficava essa doñzella, que então lhe dominava os affectos e lhe prendia o querer do coração!..

Mal sabia elle que a ausencia é um sopro funesto, que apaga essas primeiras impressões, sem deixar ao menos uma faisca d'onde tornem a reacender-se ao depois os affectos congelados no coração!.. mal sabia o mancebo que sobre as cinzas frias d'essa emoção infantil se haviam de accender os fogos perennes d'um verdadeiro amor, —essa pyra das vestaes, que o sopro dos tempos nem o da ingratição logra jámais extinguir .....

II

Que dia aquelle!.. meu Deus!..

Tanto carinho e tanto amor poderiam suffocar a mais ardente paixão consagrada a qualquer outra mulher que não fosse aquella virtuosa e boa mãe!..

E o mancebo partiu!.. chamava-o o destino!..

A morte em breve o separou da mãe tão querida e na juventude viuvo de carinhos e orphão de affeições, o filho ficou com o coração ermo de esperanza, vasio de sentimento!.. D'alli ao scepticismo eram dois passos!.. e facil lhe seria então transpol-os, se Deus, do alto do empyreo, não dêsse á mente do joven a energia necessaria para conservar as crenças puras, arreigadas na aurora do existir!..

O coração desligado da terra achara abrigo no ceu!..

Mas a alma, divorciada do cogitar doce

e sereno das mais doces afeições terrestres, arrastaria o mancebo pervertido no turbilhão dos vícios, se o sol da redempção lhe não raiasse a... de... de...

## III

Sabeis o que é o amor? — essa afeição, que a donzella pura e virtuosa pôde aceitar sem que o stygma da sociedade ou o anathema do senhor a faça córar de pejo!.. Sabeis o que é o amor, esse reflexo das sensações dos anjos?..

Se tendes o coração desanuveado dos interesses do cálculo ou dos abjectas impressões do sensualismo, — se vedes na mulher o cherubim baixado á terra para nos momentos de attribuição nos consolar, para, sorrindo graciosa á nossa dor, nos refrescar com um beijo os labios que a aridez da desventura nos crestou, — se julgaes assim a mulher, escutai a minha confidencia!..

Mas não!.. que o veneno pestifero da sociedade tem-se-vos inoculado até a mais recondita fibra do coração... os desvarios da sensualidade tem-vos corrompido até o mais leve arrojio de nossa alma!..

E a ti, so a ti, mulher celeste, a quem eu devo a revelação do meu sentimento!.. É a ti que me soubeste comprehender 'nessas horas de infindo goso, em que na tua presença o labio infiel para descrever o doce arrebatamento, que me coava 'nalma, confiava ao silencio a expressão dos meus transportes.

¿ Lembras-te, mulher?.. lembraste d'aquelles nossos passeios á luz encantada e mysteriosa da lua, por entre as boninas, que esmaltavam a verdura do prado?.. das nossas mutuas confidencias, 'nesses sitios deleitosos onde a poesia do céu parece vir derramar-se sobre as almas verdadeiramente crentes, para as elevar ditosas ao throno do creador?.. Lembras-te! mulher?..

¡ Talvez que tambem não!..

Talvez que tambem tu esquecesses o passado como o mundo esquece indifferente a historia do infeliz que o acaso lhe contou!..

¡ É o destino!..

A. M. DA CUNHA BELLEM.

Publicámos de muito boa vontade as observações feitas pelo sr. Seabra d'Albuquerque sobre uma das *revistas* do nosso jornal. Interpretes da indole reformadora e progressista do nosso collega e amigo, auctor da revista alludida, — podemos affiançar ao sr. Seabra, que so a falta de tempo ou de reparo pôde dar logar a similhante ommissão.

Quanto a nós, mais d'uma vez temos mostrado quanto somos inimigos de tudo, que pôde manchar com o ridiculo, escarneo ou desprezo qualquer de nossas instituições politicas, civís ou religiosas, — qualquer de nossos habitos ou costumes. Oxalá que todos se nos associassem 'nestas idéas, como o Sr. Seabra d'Albuquerque.

V. DA SILVEIRA

Sr. Redactor

Li no vosso jornal, que sabiamente redigís, e de que me honro de ser assignante uma pequena, mas bem elaborada *Revista* de Coimbra. Depois do joven e poetico articulista se haver occupado com os dois sanctos, cujas noites tão fatidicas são, para os que ainda possuem um coração propenso a amar, e que sorrindo-se para a florída e mysteriosa *alcachofra* conservam uma esperança no porvir... passa a descrever com summa elegancia a festa da Sancta Rainha Isabel, e em verdade Coimbra torna-se louca de contentamento festejando a Esposa de D. Diniz!..

Descrevendo pois, com tão habil penna este delirio, estes folgares com que um povo inteiro celebra contente e respeitoso esta imagem tam veneranda, passou despercebido pelo que lhe devera ainda merecer alguma attenção: quero falar das irregularidades que se notam todos os annos nas suas vestes reaes.

Nós que muito do coração prestamos culto ao que é antigo, muito embora nos appellidem de fossilismo, vamos dizer alguma coisa que escapou aos bicos da penna do articulista, para que no futuro possam ter cabida.

É improprio da imagem da Rainha sancta Isabel, que façam do seu peito uma ta-

boleta de ourives; porque o muito oiro e pedrarias, poderá inculcar riqueza, mas nem sempre bom gosto.

Ainda mais se torna notavel a collocação de condecorações, que jamais deveriam alli apparecer: pois que quer significar o hábito da Conceição, sobre o peito da Rainha sancta, e do lado direito?!

Saber-se deve e para isso não se precisa ser muito profundo em historia, que a Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, foi instituida pelo Senhor D. João vi, por Decreto de 6 de Fevereiro de 1818: sendo por consequencia, muito moderna para brilhar no peito da sancta esposa de D. Diniz.

As ordens militares existentes em Portugal até 1279, epocha em que começou a reinar o senhor D. Diniz, eram: S. Bento de Aviz, instituida pelo senhor D. Affonso Henriques em 1162: S. Thiago da Espada, que teve seu começo nas montanhas de Galiza, e sendo confirmada por Alexandre iii, em 1118, foi admittida em Portugal, na mesma epocha, pelo Senhor D. Affonso Henriques. debaixo da obediencia do grão mestre de Velles, até que o Senhor D. Diniz, depois de várias difficuldades a exemptou d'essa obediencia em 1288: e a de Nosso Senhor Jesus Christo, instituida pelo Senhor D. Diniz, sobre as ruinas da Ordem dos Templarios em 1319, por Bulla do Papa João xxii.

Fazendo uma resenha das Ordens militares existentes, até ao reinado do Senhor D. Diniz, só tivemos em vista mostrar quaes as que podiam brilhar sobre o peito da Sancta Rainha, sendo porisso todas as outras um anachronismo, que o simples bom senso reprova, e que, quiçá devem ser banidas.

Seria para louvar que todas estas condecorações fossem substituidas pela *venera* com as tres ordens, e a banda das côres correspondentes ás mesmas, como usam em dias de grande gala, as nossas Rainhas.

Tambem não deixaremos em silencio passar a figura do *pobresinho*: é muito pequena, e pela maneira como se apresenta em público serve de irrisão ao povo e porque desejamos todo o respeito pelos actos reli-

giosos, aconselhamos que, ou seja substituida por uma figura de maiores dimensões, ou se tire d'aquelle logar; o que será melhor

Se estas poucas linhas, que offerecemos á vossa consideração tiverem algum peso, espero sejam publicadas no proximo numero do vosso muito lido jornal.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

#### RESPOSTA AO ILL.<sup>mo</sup> SR. ANTONIO PAREDES

Deu muitos gyros a lua,  
As estações já mudaram,  
Bem longos dias passaram  
Sem eu ver essa mulher...  
Vi-a hontem — e quando ella  
Por mim passava, tam linda,  
Perguntaste: — *lembras-te inda?* —  
¡Nem que eu podesse esquecer!

Se um véu de nuvens encobre  
Do astro-rei a face pura,  
D'elle esquece a formosura  
Porventura o gyrasol?  
Se a tempestade revolta  
A voz lhe suffoca um dia,  
Esquece acaso a harmonia  
De seu canto o rouxinol?

¡Não esquece! — A flor, que adora  
Do sol os raios brilhantes,  
Se lhe falta por instantes  
Dobra a fronte para o chão:  
O rouxinol, se na selva  
Só escuta o vento agudo,  
Occulta-se triste e mudo,  
Não solta meia canção.

Más que verta sobre a terra  
Nova luz o astro ardente,  
E a fronte curva e pendente  
De novo a flôr elevou;  
Que reine a paz na floresta!  
E em verde ramo pousado,  
Doce e harmonico trinado  
O rouxinol modulou.

Tambem eu sou como a ave,  
Que seus amores descanta;  
Como a flor, a quem encanta

O celete luminar...  
Quando a vi p'ra mim perdida  
Verguei ao golpe da sorte,  
Mas era a afeição tão forte  
Que não a pude olvidar!

Não pude! — por muito tempo  
Julguei meu affecto extincto;  
Tornei a vel-a hoje sinto  
Que dormia o meu amor.  
; Dormia! — quando a vi hontem  
No braço d'outro encostada  
Senti minha alma abalada  
Por cruel, profunda dôr.

Amo-a, e hei de amal-a sempre!  
Seja d'outro! Que me importa?  
Se ella para mim é morta  
O meu amor não morreu.  
Nem morre — ; que é minha vida!  
Só ha de findar com ella.  
Póde outro gosar-a e tel-a,  
Não póde amal-a como eu!

Amigo, tu perguntaste  
Se esse tempo me lembrava,  
Em que eu com ella sonhava,  
Em que tanto e tanto a amei...  
Respondi-te: da resposta  
Pódes ver que, morta a esp'rança,  
D'esse amor mais que a lembrança  
No coração conservei.

Coimbra, 30 de Junho de 1859

EUGENIO A. DE BARROS R.

### ADEUS

Adeus tranças cor de oiro,  
Adeus peito cor de neve;  
Adeus cofre, onde estar deve  
Escondido o meu thesoiro!

Adeus bonina, adeus lyrio  
Do meu exilio d'abrolhos!  
Adeus oh luz dos meus olhos!  
Adeus meu doce martyrio...

Adeus meu amor perfeito,  
Adeus thesoiro escondido

E de guardado, perdido  
No mais intimo do peito.

Adeus meu sonho doirado,  
Nuvem desfeita d'incenso,  
Em quem dormindo só penso  
E em quem só penso acordado.

Visão sim, mas visão linda!  
Sonho meu desvanecido;  
Meu paraizo perdido,  
Que de longe adoro ainda!

Rosa d'amor desfolhada  
Que 'nalma deixou o aroma,  
Como o deixa na redoma  
Fina essencia evaporada.

Nuvem que ao sopro da aragem  
Voou nas asas de prata,  
Mas no lago, que a retrata,  
Deixou apoz si a imagem...

Adeus luz que me allumia  
Pelas ondas do oceano  
D'esta vida! d'este engano!  
D'este sonho d'um só dia!

No mesmo arbusto onde o ninho  
Teceu a ave innocente,  
Se volta a quadra inclemente  
Acha abrigo o passarinho.

Mas eu 'nesta soledade  
Quando em meus braços te estreito  
Face a face... peito a peito...  
Acordo e acho a — saudade!

Adeus pois morte, adeus vida!  
Adeus infortunio e sorte!  
Adeus estrella do norte!  
Adeus bussola perdida!

JOÃO DE DEUS

### PARTIRÁ

I

É ja noite: — abriu-se a sala,  
Trajando custosa gala  
Todos vão entrando ja.  
Triste noite será esta,

Que as alegrias da festa  
A saudade murchará.

Folgam todos com a dança,  
O prazer talvez os cança,  
Embriaga-os o prazer.  
Amanhã talvez despertem,  
E se lagrimas não vertem  
Hão de as amanhã verter.

Amanhã, entristecidos,  
Deslembrados, commovidos,  
Só diremos «partiu ja!»  
E o echo, pelo monte,  
Pelo valle e pela fonte  
O «partiu!» repetirá.

## II

A assim foi — baixou do ceu  
O ceruleo, denso veu  
Que nossos olhos cerrou;  
Entre nós existe o espaço,  
Que inda mais aperta o lasso  
Que a sympathia formou

Mas, se a serra alem campea,  
E inda mais a dor afeá  
C'o escarneo de truão —  
Ha de o vento erguer as queixas  
E levar-te estas endeixas  
Nascidas do coração.

NORONHA

## A UMA CARTA ANONYMA

Não vê a flor quem manda a luz do dia,  
Nem quem lhe esparze o nectar que a deleita  
Ao despontar da aurora;

E ella agradece as lagrimas, que acceita,  
E ella as converte em balsamos, que envia...  
Ao mysterio, que adora!

JOÃO DE DEUS

## NO TUMULO D'UMA MENINA

Sentiu, ao despontar-lhe o sol da vida,  
Murchar na fronte a virginal capella;  
Morta á nascença como a flor ephémica  
Foi 'neste mundo fugitiva estrella.

Mortal não chores, porque a flor pendida,  
Negando á terra os perfumes seus,  
Deixou a vida de tormentos cheia,  
E foi ser anjo na mansão do Eterno,  
Aos pés de Deus. s.

## CHARADA

Certo Deus que symboliso  
Em mim mesmo se mudou; }  
Foi d'est'arte transformado, } 2  
Que uma virgem enganou.

Ré não tenho; mas com ella  
Eu agito sem cessar }  
A agua do tanque e lago, } 2  
Nunca a do rio ou do mar.

No gosar até passo a vida minha  
Em droga quasi sempre convertido;  
So Duarte Barbosa em seus escriptos  
Me fez da lusa gente conhecido. k.

N.º 17.º { 1.º Viuva.  
              { 2.º Lisboa.

## EXPEDIENTE

Recebemos a poesia — *A um botão de rosa.*  
Não a inserimos, porque a vimos ja publi-  
cada 'noutro jornal.

Daremos noticia de todos os escriptos  
de que nos fôr enviado um exemplar.

O atrazo em que estavam as obras do ce-  
miterio d'esta cidade, quando foram obser-  
vadas por nosso estimavel collega, deu logar  
a que em sua revista, fosse menos exacto  
na apreciação da regularidade do mesmo  
cemiterio.

Forcejando constantemente por melho-  
rar o nosso periodico — decidimos adoptar,  
desde o n.º 1.º do 2.º volume em diante,  
um typo, que nos permita o augmento de  
quatro paginas mais de impressão, no typo  
até hoje empregado, sem que por isso te-  
nhamos de alterar o preço das assignaturas,

ja estabelecido; e, no seguinte anno lectivo, faremos, quanto couber em nossas forças, por apresentar aos nossos leitores a *lithographia* prometida, bem como outras, que completarão o interessante *quadro de costumes* da nossa Universidade.

V. DA SILVEIRA

### PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

## EL MONITOR DE LA SALUD

DE LAS FAMILIAS Y DE LA SALUBRIDAD DE LOS PUEBLOS

REVISTA

DE HIGIENE PÚBLICA Y PRIVADA; — DE MEDICINA Y ECONOMIA DOMESTICAS; — DE POLICIA URBANA Y RURAL, ETC.

publicada bajo la direccion

DEL DR. D. PEDRO FELIPE MONLAU

CON LA COLABORACION DE VARIOS PROFESORES Y ESCRITORES DISTINGUIDOS.

**Sale (desde enero de 1858) los dias 1.º y 15 de cada mes.**

#### PRECIOS DE SUSCRICION:

	EN MADRID, llevados los números á domicilio.	EN PROVINCIAS, por el cor- reo, franco de parte.	EN ULTRAMAR, franco el porte.
Por tres meses . . .	12 rs. vn.	14 rs. vn.	Al precio que
Por seis meses . . .	20 "	23 "	figurarán los cor-
Por un año . . . . .	38 "	42 "	responsales.

En la Peninsula no se admiten suscripciones por menos de tres meses, y en Ultramar por menos de un año.— Los números sueltos se venden á 4 rs. vn. cada uno.

## A LUZ DO CEMITERIO

TRADUÇÃO DE V. DA SILVEIRA

A LUZ DO CEMITERIO formará um pequeno volume, pouco mais ou menos como o da *Graziella* de Lamartine: será impresso em excellente typo e bom papel, que, para o tornar mais formoso, será passado depois pela prensa-hydraulica.

Custará aos Srs. Assignantes—so 240 réis; e nas lojas dos Srs. Commissarios dos *Preludios-litterarios*—300 réis.

### PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra—loja da imprensa da Universidade; Lisboa—livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; Porto—Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu—Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa—Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora—Sr. V. J. da Gama; Bragança—Sr. . . . . ; Lamego—Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão—Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria—Sr. José Pereira Curado; Aveiro—Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro—Sr. Feliciano José Alves Braga.

#### PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno . . . . . 1\$240	Anno . . . . . 1\$460
Trimestre . . . . . 360	Trimestre . . . . . 450

## LITTERATURA ILLUSTRADA

JORNAL PARA TODAS AS CLASSES E ESPECIALMENTE DEDICADO Á INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO DO POVO

COM DESENHOS, GRAVURAS E LITHOGRAPHIAS PELOS MELHORES ARTISTAS.

#### PLANO DE MATERIAS:

- I Sciencias de applicação ao alcance de todos.
- II Educação moral e religiosa.
- III Litteratura—Romances originaes, historia, viagens, poesia, etc.
- IV Hygiene publica e particular.
- V Bellas artes—Musica, desenho, gravura, architectura, etc.
- VI Invenções, descobertas e applicações da sciencia á vida social.
- VII Noticiario politico da Europa e andamento dos negocios publicos em Portugal.
- VIII Revistas litterarias e bibliographicas.
- IX Variedades. conhecimentos uteis, etc.

PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL—PEDRO ROCHA.

Redacção e collaboração dos primeiros escriptores portuguezes, semanario com 8 paginas de impressão em papel superior—formato do *Panorama*.

Por anno . . . . . 1\$200  
« tres mezes . . . . . \$300

Por seis mezes . . . . . \$600  
« mez . . . . . \$120

#### COM UM QUADRO LITHOGRAPHICO CADA MEZ.

Por anno . . . . . 1\$500  
« tres mezes . . . . . \$400

Por seis mezes . . . . . \$720  
« mez . . . . . \$160

Avulso com gravuras 30 réis. E com uma lithographia 60 réis.

Assigna-se nas principaes livrarias do reino. Em Coimbra em casa dos Srs. N. Moré, Orcel, Mesquita, e loja da Imprensa da Universidade.

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## A NOSSOS COLLABORADORES E ASSIGNANTES

Este numero, o segundo do 4.º trimestre da publicação d'este jornal, vae ser distribuido por occasião da abertura das aulas da Universidade, e, por conseguinte, quando todos aquelles, que devem constituir a academia, no presente anno lectivo, se acham já reunidos em Coimbra.

Não poderíamos portanto escolher melhor ensejo, do que este, para dizer duas palavras tanto a respeito do que conseguimos e esperámos conseguir de nossos collaboradores e assignantes, como de nosso proprio jornal, que vamos continuar a dirigir debaixo de sua intelligente e immediata protecção.

Os PRELUDIOS-LITTERARIOS têm, quanto é possivel a uma instituição nova, preenchido o fim, que seus redactores se propozeram: *educar agradando*.

Considerados desde o principio como uma *escola práctica*, para aquelles, que, sentindo vocação e necessidade de manifestar por escripto seus pensamentos, o não podem fazer, já por falta d'exercicio, já de relações com a imprensa e outros recursos, de que quasi sempre se carece, quando nosso valimento não poude ainda ser experimentado, — OS PRELUDIOS-LITTERARIOS ganharam desde logo tantas sympathias, tanta protecção, que nem a ausencia de seus collaboradores, nem as mil necessidades do coração a satisfazer no seio da familia, durante o longo prazo das férias, poderam contribuir para seu esquecimento, a ponto de causar-lhes uma *interrupção*, até aqui impossivel d'evitar, em Coimbra, em jornaes d'esta ordem.

É um acontecimento este, que nos en-

che d'orgulho, e nos fortifica as crenças nos resultados, que sempre esperámos tirar d'esta publicação.

Não nos faltaram portanto nem assignaturas, para cobrir as despesas, a que estamos obrigados; nem mestres, para nos guiar com seus bons escriptos; nem materia, para encher convenientemente nossas columnas: basta dizer, que, em dez mezes, perto de cem collegas nossos estrearam nellas suas pennas com incontestaveis resultados, e que os progressos feitos por tão jovens escriptores foram taes, que, com desvanecimento o dizemos, producções houve, em que alguém de merecimento pretendeu descobrir uma práctica de muitos annos, uma certeza de mestre!

Com taes esperanças a principio, e com estes resultados depois, a existencia d'um jornal da mesma indole dos PRELUDIOS não podia deixar de ser considerada por todos como uma necessidade da época, que era urgente satisfazer 'num paiz, em que a litteratura patria parecia morta, emquanto que em muitos outros ella tomava ousados vóos e descobria novas regiões.

A experiencia havia já mostrado por muitas vezes, que era preciso *liberdade e confiança*, para que o talento se desinvolvesse; e o leitor deixou de ser menos exigente na *arte*, para considerar as tendencias, os impulsos, os nobres desejos d'uma geração nova, que começa a envergonhar-se do silencio, abandono e inercia das que a precederam; e que vae tendo consciencia de quanto poderá fazer em bem da instrucção de seu paiz, sem a necessidade exclusiva d'um auxilio estrangeiro.

A critica mordaz, irreflectida, louca, invejosa de toda gloria — bem poucas vezes

atacou nossos escriptos: a verdade de nossas ideias calára-lhe no coração.

Por outro lado, — tantos foram os elogios, que a imprensa portugueza e hespanhola nos prodigalisaram, que, tocando 'neste ponto, pareceríamos ingratos, senão fizéssemos sentir aqui, e bem fortemente, todo nosso reconhecimento pela justiça, que nos fizeram, não na apreciação de nosso merito litterario, que é limitado, mas na interpretação de nossos desejos, que são tão bons, como o de vêr a prosperidade de nossa patria em todo seu desinvolvimento.

Um outro acontecimento, finalmente, que com indizível prazer aqui registámos, como prova dos bons resultados, que se vão colhendo de nossos esforços, é — a subita apparição de dois novos jornaes litterarios em Coimbra — *A Litteratura Illustrada* e o *Atheneu*, jornaes dirigidos e escriptos quasi exclusivamente por estudantes da Universidade, cujo merecimento nos leva a agou- rar-lhes um brilhante futuro.

Não sendo o interesse individual, que os movêra a emprehender estas publicações espinhosas e sempre difficilmente apreciadas por um povo, que apenas vae acreditando em sua regeneração pelo poder surdo, mas irresistível da imprensa; sendo elles, como dissemos, academicos; e tendo toda possibilidade de escrever em nosso jornal, seu procedimento ficaria sem explicação, se não se acreditasse, que ella só fóra aconselhada pelo conhecimento profundo, que têm, de que o limitado campo dos PRELUDIOS-LITTERARIOS já não basta hoje para recolher tantas ideias, tantos pensamentos aproveitaveis, que começam a refferer na mente de nossa mocidade estudiosa, e a que é preciso dar uma passagem rápida e facil, para que improductivamente se lhe não murchem 'nalma; se não conhecessem, ainda, que todo paiz, apesar de sua resistencia, se vae achando cada dia mais predisposto, para auxiliar taes empresas, pelo sentimento que um grande numero já tem, de que, para haver *verdadeiro* progresso material, — é necessario, que o espirito se acostume primeiro a consideral-o debaixo das fórmas colossaes e brilhantes, que a

poesia, só a poesia, póde dar a todos os seres da natureza.

Os PRELUDIOS-LITTERARIOS, conjunctamente com esses dois jornaes e a *Estreia*, que os precedêra, vão pois proseguir em sua nobre missão civilisadora. O campo das sympathias está egualmente aberto para todos. Por nossa parte continuaremos a forcejar por não desmerecel-as, procurando cumprir, ao menos, com o que annunciámos desde o principio.

V. DA SILVEIRA

## REVISTA

O estado actual de Coimbra define-se em duas palavras: ruinas e poeira. Quem não gostar d'isto emmale e vire de rumo. Esta é a realidade, e realidades gostosas são zero 'neste valle de frioleiras. Deixemos dar mais um passo ao *progresso*, e ficámos nós sem ter onde pôr pé. Sem tropeçar já se não anda, e ainda agora é agora. Ha um anno a esta parte, Coimbra tinha um bom passeio no caes, um soffrível na ponte, um pasmatorio na calçada, um Guido na Sophia. Hoje que ha?

No caes ruinas e poeira; na ponte ruinas e poeira; na Calçada ruinas e poeira, e na Sophia poeira e ruinas, para variar a phrase.

E ainda nem ha um anno completo que o progresso cá entrou ao som de musica e foguetes. Ha de fazel-o a quatorze de setembro. É um dia que se vae tornando digno de eterna commemoração; e já que estamos de pachorra, lá vae.

Afigurem-se os leitores um dia de sol esplendido ás onze horas da manhã, mais minuto menos minuto. Na Calçada achava-se reunida a nata da população conimbricense, quasi toda de casaca e luvas; e ao longo de toda a rua formava em duas alas o destacamento da guarnição com uma das philarmonicas na frente. Em derroda de tudo isto apinhava-se um mar immenso de povo, agitando-se, debatendo-se e sussurrando. Depois de boas duas horas de muito enfasiar, começou a ouvir-se ao longe um rumor, a principio mal distincto, mas logo depois salientissimo, e a avistar-se uma

nuvem de poeira caminhando a toda a pressa. Foi esse um grande momento, deixem-me assim dizer. Todas as respirações se comprimiram, todos os corações almejavam, todas as vistas tomaram uma só direcção.

Ainda um minuto d'ancias, e depois... desfez-se o encanto.

!Era a *mala-posta!*

Seguiu-se um horrendo brado de todo aquelle povo illudido, logo abafado pelo estalar de centenaes de foguetes, pelo hymno da Carta e por alguns vivas entusiasmaticos.

'Num instante calou-se tudo: Tinha voltado a esperança. «¿Que será?» — pensavam todos, e ninguem via nada.

Entretanto erguera-se um mastro enramalhado de giestas d'onde pendia uma roldana. Repetiram-se os foguetes, e a multidão viu descer vagarosa uma pedra do antigo edificio da Misericordia, e no alto da parede, de camartello em punho, campeando soberbo um pedreiro!...

Era tudo:

A reunião desfez-se como se tinha feito, e de tarde dizia-se por ahi: «Chegou finalmente o progresso a Coimbra».

Aprendi então duas coisas importantissimas: primeira, que todo aquelle espalhado fôra em honra do *progresso*: segunda, que o tal progresso é um pedreiro a desmanchar paredes. Tomei nota d'ambas num recanto da minha carteira, e ajuntei por debaixo: «o progresso do seculo desenove é semelhante ao Judeu Errante: por onde passa leva comsigo destruição e morte».

Tudo isto são modos de vêr, está claro.

E não nos venham á mão pelo que dizemos, nem nos alcunhem já de *retrogrados*, ou cousa mais feia ainda. Nós descrevemos, não commentâmos.

De todas essas ruinas, de toda essa poeirada, de todo este incommodo, ha de surgir mais tarde a *regeneração* da nossa terra, e nós mesmos tomaremos a vanguarda em a apregoar por esse mundo; mas o futuro não destróe o presente, e a revista deve ser o daguerreotypo dos factos.

Vamos á feira do S. Bartholomeu, que lá está para o Rocio, e á noite iremos ao theatro da Graça.

A feira está magnifica de semsaboria. Em vez de grupos doudejantes, que outros annos alli nos enfeitiçavam; em vez de olhares de magnete, travessos e buliçosos, que nos roubavam alma e coração; em vez do sorrir magico das bellas, que nos eram delicias e vida nesses oito dias, a feira está litteralmente envolvida em turbilhões de poeira, provavelmente para não desdizer do plano geral da cidade.

Fujamos depressa, que não queremos dizer nada. Tudo está muito bom.

Vamos ao theatro:

A companhia do gymnasio veio ahi dar duas récitas, e d'ellas apenas diremos, que muito sentimos ver assassinar *O Pavilhão negro*, que é bem digno de melhor sorte.

O sr. Romão não tinha consciencia nenhuma do que dizia, e em casos taes é mais prudente não comprometter o crédito proprio e a reputação da companhia, que felizmente assenta em seguras bases de merecimento reconhecido.

Tambem ha a registrar duas noites de *Floresta do Mondego*, divertimento da nossa terra sedição para todos, para nós inteiramente novo.

As fragosas terras onde estavamos lá nos foi noticia d'esta novidade conimbricense, que effectivamente seria uma cousa soffriavel, se não cheirasse tanto a cabaços e a tomates. É mau fadario d'esta pobre terra, que tudo assim ha de ser. O *bom* aqui parece impossivel. As grandes ideias vêm sempre abafadas por mesquinhas considerações, e por interesses mais mesquinhos ainda, que as deixam sempre muito abaixo do que podiam e deviam ser. O sr. Domingos é um homem emprehendedor, e mesmo torna-se digno de elogios, porque tem feito mais do que ninguem; é pena que tenha a grande pécha de ser tão *utilista*. Tome mais um pouco d'animo, e substitua-nos os cabaços por qualquer outro genero de trepadeiras menos enjoativo. Aconselhamos-lhe *boas noites*, mesmo porque *boas noites* na *Floresta* é o que a todos nós mais convem.

Tambem lhe não perdoamos a burla de não dar-nos fogo de artificio, como tinha annunciado. A falta de concorrência não

o desculpa, porque uma só pessoa, que lá estivesse tinha direito ao espectáculo completo. Mais mesquinhice.

A musica tocou realmente bem: era gósto ouvir-se.

E deu termo. Coimbra em Setembro não tem revista possível, porque não ha *que*, nem *quem* revistar. Coimbra passa a tomar as suas férias, e nós, como bom filho, seguimos nossa mãe.

Até á vinda.

J. SIMÕES FERREIRA

## THEATRO

AO EX.<sup>mo</sup> SR. J. DE M. GIRALDES SAMPAIO E BOURBON

I

Imagem fiel do homem a arte dramatica é a fórmula mais expressiva e completa da civilisação. Consultando o oraculo humano da verdade, abrindo a historia, lá encontramos energicos e claros documentos, de que é absolutamente exacto este principio, que hoje corre o mundo como axioma de primeira intuição. Mais convencidos ficamos, pondo a mão nas obras, em que o dedo das nações escreveu a sua vida; examinando e estudando as venerandas reliquias dos monumentos, de que a afiada fouce do tempo debalde tem querido apagar os nomes de Sophocles, Eschylo e Plauto, cujos vultos grandes e sagrados pela gloria o espirito illustrado do viajante crê vêr vagueando ainda, com a solemne e religiosa magestade, que lhes imprime o passado, por esses logares, a que acorriam a Grecia e Roma para dar fervidos applausos, e coroar de viridentes palmas as nobres frontes dos poetas illustres, que abrilhantavam os feitos e engrandeciam o renome aos povos, que, extasiados, se orgulhavam de ver 'nelles os seus filhos mais queridos.

A historia, consignando no seu largo inventario os variadissimos phenomenos, e os acontecimentos extraordinarias, que tem influido nas condições, que regem e dominam o viver da humanidade — archivando nas suas páginas as vastas e complicadas transformações, por que tem passado a sociedade, e as graves revoluções, que a têm

abalado, dizendo, o que o homem tem sido, e o que tem feito, satisfaz e allivia o espirito, que anciado volta os olhos para o passado, e procura com ardor saber o modo, por que as gerações, que o precederam 'nesta custosa e incessante peregrinação, desempenharam o papel 'nesse longo drama por ellas começado, ha seis mil annos. Se a intelligencia é a faculdade, que mais nobilita e eleva o homem, se a Providencia lh'a outorgou como sceptro, que lhe dá o direito de com dignidade se assentar no solio da creação, é natural e justo o desejo, que n'alma lhe entra, de conhecer, que applicação a humanidade deu a essa intelligencia, que conquistas fez com esse sceptro, que para mui altas cousas lhe devera ser dado.

E os trabalhos aprimorados das artes, e os inventos uteis e as luminosas ideias, as obras grandes, e o rico patrimonio, que nós possuímos, respondem que é isso o fructo de aturadas, e longas fadigas, e de profundas e penosas investigações. O progresso, de que nós sentimos a salutar influencia, e de que gosamos os beneficos resultados, attesta e comprova, que a realidade do sentido d'essa palavra é devida ás luzes da intelligencia racional, á força do braço do homem, á constancia d'animo e a uma perseverança heroica, que o tem feito triumphar de tremendas e angustiosas luctas com que elle tem arcado, rompendo obstaculos, e vencendo difficuldades, que seriam insuperaveis para outro ente, que não fosse a imagem de Deus. O homem de senso e de religião deve agradecer a Deus o beneficio d'è o fazer pertencer a uma raça, que tem concebido e feito tão admiraveis obras. Recebemos uma rica herança, que o dever, a gratidão e a necessidade nos obriga a guardar com cuidado, e a augmentar com novos esforços. Viajantes 'numa terra onde cada passo custa uma dôr, e em que cada victoria é ganha por meio d'um combate, devemos ter brios, e mostrar valor 'nesta sancta crusada, onde se milita por um grande principio, senão queremos depois ouvir palavras de maldição áquelles, que com honra terminaram já a sua tarefa! Chamado e impellido para a sociedade pelo instincto

e pela razão, que lhe diziam, que só lá podia educar as faculdades, completar o ser, e alcançar os seus fins; o homem, conhecendo as suas vantagens, e disfructando os seus commodos, viu, que só ella podia realisar a justiça, sustentar a ordem, e dar-lhe a felicidade, ministrando-lhe as condições para ser o que devia ser. E o homem tractou de formular os principios, de aperfeiçoar as relações, e de firmar e robustecer os vinculos, que deviam prendel-o ao seu semelhante: e o estudo da sua entidade moral, da sua origem e destinos; a attenta observação do universo, e as grandes e fecundas impressões, que elle lhe gravava no espirito, deram-lhe amplo estadio, e abriram-lhe largo campo ao exercicio da intelligencia, ás meditações e ao trabalho. É então, que surgem as artes, e apparecem as sciencias, e tudo aquillo, que devia ensinar-lhe a verdade, guial-o para o bem, amenisando-lhe o difficil e fragoso caminho, que tinha a percorrer. Quando o puro e radioso sol da civilisação allumiu o horisonte da vida dos povos, a arte dramatica nasceu logo e foi bem acolhida, e não deixou mais de ser cultivada. É que ella satisfazia uma necessidade, pondo em relêvo o sentimento esthetico, que Deus implantou até no coração do selvagem.

A arte dramatica estava ainda na sua tenra e debil infancia, e já com amor e respeito era escutada a sua voz. Ainda no berço, e cantava logo as grandes acções, que illustravam a historia das nações, offerecia nobres exemplos, ensinava a virtude, pintava as scenas da natureza, accendendo na alma do homem o amor do bem, e os sentimentos, que o tornam grande. E os povos cahiam fascinados ante o brilho e a magia d'esses quadros. Simples e rudes não tinham a intelligencia esclarecida; mas o coração era nelles mui disposto para as fortes e duraveis impressões. Apaixonavam-se, porque sentiam muito.

## II

Em Lacedemonia não havia theatros. O Spartiaco como todos os povos, cuja civilisação ainda infantil é o ultimo e decisivo esforço contra a barbaria, dava excessiva

importancia á força, e divinisa o valor, que devia ser sempre a sua expressão, e as instituições de Lycurgo a outra cousa não eram destinadas, senão a assegurar-lhe o triumpho. Lá o theatro era a praça pública, onde se debatiam os negocios de momento, eram os campos de batalha, em que a obediencia á lei, o incentivo da gloria e o amor da patria obravam prodigios, e em que heróes ganhavam sepulturas nas Thermopylas. O Lacedemonio assistia aos jogos Olympicos, porque elles significavam o benefico e generoso principio da associação, porque lá se exercitavam as virtudes militares, e se abria uma grande eschola á educação rigida e guerreira de homens, que escravos do dever morriam por elle.

As letras, e as artes não lhe affeioaram o character, nem suavizaram os costumes, mas esse character e esses costumes mesmo no que tinham por vezes de fero, de duro e intolerante, oppondo um forte muro á corrupção dos costumes, elevou a uma altura, e deu-lhe um brilho, que só pode mais tarde eclipsar Athenas e Roma. As suas leis são o epitaphio mais digno de ser exarado na terra, onde dormem as cinzas d'um grande povo. A brandura da indole do Atheniense, a salutar e maravilhosa influencia das instituições livres, o crescimento das riquezas, além d'outros muitos accidentes, deram azo e muito concorreram, para com tanto ardor se desinvolver e radicar no seu espirito o amor das letras, e o gôsto pelas artes. O entusiasmo pelo theatro converteu-se a final em loucura e delirio, e a febre pelos espectaculos, absorvendo-lhe as attenções, matando-lhe a energia e attenuando o patriotismo, foi uma das causas da ruina d'este povo, que, insaciavel de prazeres e sacrificando-lhe tudo, se corrompeu e degradou. Todos sabem, que na simplicidade, na nobreza, e na correção a tragedia grega ascendeu a um ponto de perfeição, que ainda hoje admira. Os Romanos subjugando a Grecia ganharam muito. Conquistando a terra, e vencendo o habitador, alargaram os dominios da intelligencia, cousa, que tem mais valia, que uma extensão territorial de fronteiras.

Os Romanos abraçando e chamando irmãos aos povos, que venciam, deram 'nisto uma inequivoca prova da alta politica, que todos, com sobrada razão e justo fundamento, lhes reconhecem, louvam e admiram. Aproveitavam o que elles tinham de bom recebiam o que criam util, e não desprezavam nunca aquillo, que podia tornal-os maiores. Aprendendo com a Grecia, mais velha no saber e na illustração, admittiram sem custo e honraram com distincção a arte dramatica. Ninguem ignora o que foi e o que fez Roma em tudo, a que applicou a sua attenção. Rainha do mundo pelo poder, pelas riquezas, pelas sciencias e pela grandeza, ella é o marco, que a Providencia assentou no meio dos seculos, para extremar duas civilisações. Quando ella desceu todos os degraus na escada do vicio, da prostituição e do aviltamento, a paciencia de Deus cançou-se; porque cheio e a transbordar estava o vaso das suas iniquidades. E o Juiz das nações suscita-lhe o flagello, que devia perdela, mandando sahir dos seus ninhos do norte os abutres, que só largariam a preza depois de morta. A aguia, cujas azas tinham cortado tanto espaço no seu vôo incansavel, subiu muito e não teve forças para se suster nas alturas, a que se elevára. Despenhou-se. A corrupção abriu-lhe ulceras, que, tirando-lhe o vigor, a reduziram ao triste e deploravel estado d'uma enferma debilidade, em que já se não póde nada. Os barbaros não mataram o imperio romano, embrulharam-no 'numa mortalha e atiraram para o tumulo com um cadaver, que exhalava já incomportavel podridão. A arvore, cujo cimo se mirava soberbo nos céus, vegetava enfesada e rachitica 'num solo coberto de urzes, que devoravam a substancia, que devia alimentar-lhe a seiva. Seccaram as raizes, carcomiu-se o tronco, murcharam as folhas, estragaram-se os fructos, e, quando veio o vendaval, a arvore gemeu, estoirou e cahiu com um fragor immenso, porque vastas eram as arrancas, que se estendiam pelo universo. O barbaro, que divinিসava em si a força, revia-se vaidoso na sua espada, que elle nunca esperou ver refulgir ao sol da velha Europa. Contemplava ebrio de feroz prazer os reverbérios aver-

melhados, que da lamina tincta de sangue lhe resaltavam na face, allumiando-a com uma aureola digna d'elle. E o ferro não lhe vacillava nas mãos ao contemplar a dolorosa agonia d'uma civilisação, que se extorcía nos ultimos paroxismos. Experimentava o valor e brincava com elle talando os campos, saqueando as cidades, incendiando as searas, roubando, trucidando, destruindo e deixando após si só silencio, desolação e morte. A luz da civilisação apagou-se, e começou então a noite, que por tão largo tempo demorou as suas trevas no horizonte do velho mundo. O barbaro despresava a sciencia, porque a não conhecia. Estupido e cruel não comprehendia nem queria comprehender o, que ella era. Foi uma revolução cahotica, em que nada ficou de pé.

Qual impetuosa torrente, que descendo da encosta leva o arbusto, arranca a planta, lambe tudo, e só deixa, como vestigios da sua devastadora passagem, areia, pedras, e escabrosidades, as cohortes desenfreadas retalharam o solo da Europa, derribaram, e anniquilaram tudo o, que 'nelle vivia, desmoronando as instituições, acabando com as leis, e espargindo por toda a parte pó e ruinas. As letras fugiram espavoridas, e foram acoitar-se em logares, onde viveram vida morbida e incerta; porque deslocadas e desprotegidas não havia lá, quem lhes comprehendesse o valor, apreciasse as bellezas, e lhes dêsse o cultivo, que ellas mereciam.

(Continúa)

J. ALVES MATTEUS

**O NOBRE E O MENDIGO**

ROMANCE ORIGINAL

DA

SR.<sup>a</sup> D. H. L. DE VILCHEZ

TRADUCÇÃO DE V. DA SILVEIRA

I

'Numa das aldeias mais pitorescas da bella Andaluzia, jardim perpétuo, em que a mão de Deus derramou, com mais prodigalidade, do que em nenhuma outra parte, a formosura das flores, a abundancia e pu-

reza das aguas, e a riqueza e louçania da vegetação, vivia, pelo anno de 1830, o rico e bondoso marquez de São Telmo, que, fatigado do boliço da cõrte e desconsolado pela recente perda de sua boa esposa, se havia retirado á vida pacifica e solitaria do campo, com seu filho Fernando, joven de 16 annos, que herdára a sympathica belleza de sua mãe, mas cujos excellentes dotes e nobres sentimentos se achavam viciados e quasi extinctos 'naquelle coração tão terno, em virtude dos máus exemplos d'alguns companheiros da infancia, e da excessiva ternura e descuido, com que fõra educado.

Fernando era toda a esperanza, toda a alegria de seu pae; era, por assim dizer, o ultimo raio de sol, que dava vida áquelle pobre coração. Amimado, porém, em demasia, adulado por seus inferiores, que viam 'nisto o melhor meio de captar a vontade de seu senhor, menosprezava o carinho e o respeito, que devia ao auctor de seus dias, e, se alguma vez o procurava, era com o objecto de manifestar-lhe o profundo desgosto, que lhe causava a vida de campo, e instal-o, cada vez com mais empenho, para que o deixasse voltar ao seio de sua brilhante sociedade, cousa que o marquez lhe recusava sempre, temendo, com sobrada razão, que, entregue só ás suggestões de seus companheiros e a seus proprios instinctos, acabasse de perder-se.

Pae e filho viviam pois, desde a morte da marqueza, privados dos doces e sanctos gozos, que offerece o amor da familia; porque, se Fernando passava sua existencia entre a caça, alguns passeios solitarios e os livros de recreio, o ancião, só, em seu gabinete, opprimido mais ainda pelo pêso de seus desgostos, do que pelo decurso dos annos, arrastava uma vida assás tristissima e difficil.

A casa ou palacio do marquez, como geralmente lhe chamava aquella boa gente, achava-se situada logo á entrada da povoação. Era espaçosa e bella, e ainda conservava o faustoso luxo e as minuciosas commodidades, com que, em melhores tempos, a decorára seu dono. Suas janellas de saccada e suas extensas varandas davam-lhe um aspecto alegre e encantador: á direita,

e juncto ás salas de recepção, ficavam os quartos, que haviam sido occupados pela fallecida marqueza, e que se achavam agora hermeticamente fechados e deshabetados completamente: á esquerda, e com a frente para o campo, estavam os aposentos do marquez e de Fernando: do mesmo lado habitava tambem seu criado particular e mais dous ou tres criados de confiança: as lojas, finalmente, eram occupadas por Joanna Maria, criada antiga da mallograda senhora; e sua inseparavel companheira, todas as vezes que, durante o verão, vinha passar alguns tempos em sua formosa casa de recreio.

Joanna era uma mulher de seus 45 annos: sua tez, posto que tostada pelo sol, como acontece sempre ás laboriosas filhas da aldeia, revelava uma saude admiravel; e a franca e risonha expressão de sua phisionomia deixava conhecer a honradez de seu character e a bondade de seu excellente coração. Era viuva, e vivia só com seu filho e uma formosa joven de 13 a 14 annos, de quem ninguem sabia a origem, mas a quem Joanna amava, como a seu proprio filho. Verdade é, que Angela, com seu candido semblante, seu ar humilde e affectuoso, e sua applicação aos trabalhos proprios de seu sexo e mui superiores á sua idade, não podia deixar de atrahir os carinhos de sua boa mãe adoptiva.

O marido de Joanna havia sido, durante muitos annos, rendeiro das terras do marquez; até que, vendo este sua rectidão e desinteresse, lhe entregou a guarda de sua casa durante todo tempo, que d'ella se achava ausente. Depois, quando resolvêra fixar sua residencia na povoação e Joanna enviuvára, confiou d'esta o cuidado e asseio de seu palacio.

Nos primeiros dias, que succederam ao da chegada de seus nobres amos, a timida Angela apenas se deixava ver. Convencida de sua humilde condição, pouco curiosa, posto que joven e mulher, ella passava todo seu tempo na habitação de Joanna, ajudando-a em suas occupações ordinarias, e sem se atrever a sahir de casa, com medo de encontrar-se com os senhores.

Comtudo, uma tarde, a joven filha dos

campos, triste por falta d'espaco e ar, resolveu deixar seu retiro e voltar a seus antigos costumes, indo ver occultar-se o sol por detraz das montanhas, e contar as estrellas á medida, que appareciam no firmamento.

Era este seu maior divertimento; pois que, como Joanna era pobre, e mais pobre ainda depois da morte de seu marido, os vestidos de Angela eram sempre inferiores aos das outras jovens, suas vizinhas, que a desdenhavam e se riam d'ella.

Angela apacivel e boa não se offendia do tractamento de suas companheiras; porém evitava seu encontro, para não ser o alvo de seus motejos e de suas risadas.

Na tarde a que nos referimos, depois de concluida sua costura e de haver pedido licença áquella, que chamava sua mãe, saiu só e foi procurar um sitio, onde podesse sentar-se, não longe de sua casa.

Apenas havia dado alguns passos no caminho, que conduzia ao rio, chegaram a seus ouvidos alguns lamentos dolorosos e prolongados, que partiam d'um barranco proximo. Vencendo sua natural timidez, desviára-se da direcção, que seguia, e encaminhou-se para o sitio, onde julgára ter ouvido os gemidos.

Seu coração não a enganára; um desgraçado necessitava de soccorro, e acaso Deus a conduzira áquella sitio para proporcionar-lhe o merito d'uma boa acção.

Angela percorreu com seus olhos o fundo do barranco, e viu derribado sobre as pedras e sem poder mover-se, um ancião, que indubitavelmente 'nelle havia caido de sua maior altura; pois que seu fato e suas mãos estavam manchados de sangue.

Com a ligeireza da ave, que cruza o espaco, desceu a joven pelas estreitissimas veredas, que lhe offereciam caminho, e se aproximou d'aquelle, que debalde pedia soccorro havia já uma hora.

Era um ancião miseravelmente vestido; mas a quem os cabellos brancos, que apenas desciam até sua espaçosa frente, davam um aspecto grave e venerando. Em seus olhos havia ainda uma expressão cheia d'intelligencia, cuja melancolica ternura commovia profundamente; suas encurva-

das costas demonstravam sua idade; e o pobre sacco e o rustico bordão, a que se apoiava, manifestavam claramente sua profissão de mendigo. Apesar d'isto, certo asseio, que se lhe notava, seu ar abatido e a doçura de suas palavras, tudo deixava advinhar, que nem sempre havia vivido na miseria, e que grandes desgraças teriam motivado seu estado actual.

Quando viu a joven, agradeceu a Deus por aquelle auxilio, que, posto que debil, lhe enviava.

Angela chegou-se ao ancião, e ajudando-o a levantar-se, o sentou sobre a herva. Em seguida e por diferentes vezes, formando com as mãos uma especie de concha, lhe foi buscar agua ao proximo rio, para humedecer-lhe os labios e laval-o do lodo, que lhe manchava a frente e quasi lhe encobria os olhos.

— Só sinto, minha boa filha, disse por fim aquelle homem, que teus tenros braços não possam ajudar-me a subir até o caminho, e muito menos amparar-me até chegar á morada, que hontem, ao entrar na povoação, me offerecêra um excellente camponez.

— Mas se quizerdes, eu irei sósinha chamar vossos filhos.

— Meus filhos! Não tenho familia: sou só no mundo; e por elle vou errando para mendigar um pedaço de pão, que meus annos, me não permitem adquirir d'outro modo.

— ¡ Meu Deus! que vida tão triste! Mas eu não quizera deixar-vos ao desamparo 'neste logar, principalmente sendo quasi noite. Será talvez melhor esperar que passe alguém; se passar, chamarei para que nos ajude. E se até o escurecer houvermos esperado em vão, eu irei 'numa corrida avisar minha mãe; e ou ella ou meu irmão virá comigo, para vos tirar d'este barranco.

— ¿ Mora's perto d'aquí minha filha?

— Sim, muito perto: no palacio do marquez, cujas janellas quasi que se avistam d'este logar.

— ¡ Do marquez! E ¿ quem é esse marquez?

— O marquez de São Telmo, senhor muito bondoso, e que talvez quizesse prestar-vos algum soccorro.

O mendigo não escutou as ultimas palavras de Angela, pois ao ouvir o titulo de *São Telmo* experimentára uma agitação impossivel de descrever.

— É elle! meu Deus! murmurava o ancião, é elle!... certamente; tinha aqui terras, propriedades... Ha tanto tempo que deixei estes sitios! demorei-me 'nelles tão pouco!... E dize-me, minha filha, ¿és porventura parenta do dono d'essa casa?

— ¿Eu? Não senhor: sou filha de Joanna, antiga criada de nossos amos, e que presentemente está encarregada de tractar do palacio.

— ¿E como é que tua mãe te deixa andar assim sózinha por estes caminhos?

— Minha mãe! disse a joven suspirando, minha mãe observa-me por toda parte; porque está no céu. Assim m'o tem dito Joanna mil vezes.

— Pois que ¿não és sua filha?, perguntou com solicitude o mendigo, que, por um sentimento desconhecido, professava um affecto cheio d'interesse por todas as orfãs.

— Não senhor: sou estimada por ella, devo tudo á sua bondade; porém não me deu o ser. Todavia, eu a respeito e estimo sôbre todas as cousas do mundo; e visto que, sem ser minha mãe, tem cuidado de mim, meu coração deve consagrar-lhe a gratidão e o amor filial, que não pude oferecer áquella, que me deu a existencia.

— ¡Excellentes e sábias maximas! ¿Quem são teus mestres?

— ¿Meus mestres? Joanna, com quem aprendi a cozer e a cuidar da casa, e o senhor cura, que me ensinou a ler, e que todos os domingos prega na capella de N. Senhora. Quando minha mãe me dá licença, vou ouvi-lo, presto muita attenção a suas palavras e procuro depois fazer o que ellas dizem. Assim conseguí saber, que as creanças devem ser humildes a seus paes, respeitosas para com os anciãos e caritativas para com os necessitados. E nem ambiciono saber mais nada, nem invejo outra sorte.

— ¡Deus te abençõe, filha, que com tua doce ignorancia podes dar licções a um velho. Porém dize-me ¿como te chamas?

— Maria dos Anjos, como a Rainha do céu.

— ¡Maria dos Anjos! ¡oh! meu Deus!

O tio Pedro quasi que ia caindo desmaiado ao ouvir este nome, e olhou para a joven ao mesmo tempo com certo espanto e amor difficil de pintar. Seus tremulos labios já se abriam para dirigir-se a Angela, quando esta exclamou:

— Se não me engano, creio que sinto passos na vereda. ¡Se fosse alguém, que podesse ajudar-me!...

E ligeira e ousada subiu até o caminho; porém ao estender a vista, para descobrir quem era que passava, encontrou-se diante do joven Fernando, que acompanhado de seu cão Dric, voltava d'um de seus estensos passeios. Angela duvidou se devia chamar o filho do marquez ou esperar ainda. Com seus olhos azues observou o sol, que já começava a occultar-se, pobre de raios e de luz; e lembrando-se de que sería tanto mais difficil ao bom velho encontrar a vereda, quanto mais se aproximasse a noite, se resolveu por fim a pedir ao joven seu auxilio; e, interpondo-se na sua passagem, lhe disse:

— Perdoai-me, Sr. Fernando, que vos interrompa; porém no fundo do barranco cahiu um pobre velho; e nem me atrevo a deixal-o só, nem posso ajudal-o a subir por essa senda tão estreita e tão íngreme. Se quizesseis dizer a minha mãe o logar onde estou, e pedir-lhe que viesse aqui ter, ella ou meu irmão André...

— E ¿quem é tua mãe? lhe perguntou Fernando, fixando seus olhos no afogueado rosto da joven, recordando-se de ter visto já aquella pura e angelical phisionomia.

— Minha mãe é Joanna, vossa criada, que mora nas lojas do palacio.

— ¡Ah! ¿tu és filha de Joanna? ¿tu vives tão perto de mim? ¡Pois bem: vou comprar-te, ou, para melhor dizer, vou acompanhar-te, e ambos conduziremos a sua casa esse infeliz.

— ¿Vós?, murmurou Angela cheia de surpresa.

— Sim, eu. ¿Tantó te admira? ¿Porventura não me julgas capaz de socorrer a quem é pobre e de levantar a quem cahiu? Vamos: guia-me depressa.

(Continúa)

## PROTESTO

Ha de vir um dia a morte  
Da vida a fonte esgotar,  
E a mão secca e descarnada  
Ao frio peito encostar;  
E ao seu gelido contacto  
Ha de este sangue parar,  
E o coração tão ardente  
Cessará de palpar...

— Mas só então alma e vida  
Deixarei de te offerar;  
Só então... que tu bem sabes  
Como eu só te sei amar...  
Quantas provas d'este affecto  
Queres tu que te vá dar?...  
Não conheces que esta chamma  
Jámais se póde apagar?...  
Que este laço nunca o fado  
Póde em vida desatar?...  
Que se o triste que te adora,  
Que só vive do te amar,  
Tu deixasses um momento...  
O podesses tu deixar...  
Não sabes que só podias,  
Só o podias matar?...  
E que o ultimo suspiro,  
Inda assim te iria dar?...  
Que no seu extremo arranco,  
Sentindo a vida estalar,  
Seu alento derradeiro  
Por ti só ia soltar?...  
Se acaso a vida que goso  
Te não puder consagrar,  
É que me veio a agonia  
Com mão pesada e sombria  
Do meu derradeiro dia  
Ultimo instante riscar...  
De certo que só a morte  
T'a poderia roubar...

Não será porque desfeito  
Seja meu unico amor;  
Unico amor que meu peito  
Te votou com vivo ardor:  
Não será, que nunca muda  
O peito do trovador;  
E a jura que um dia fez  
Conservará em vigor.  
Se te jurou a teus pés  
Constancia firme e leal,

É que o amor que te vota  
Será eterno, immortal;  
É porque esse sentimento,  
Que lhe inspiraste na vida,  
Nunca na vida um momento,  
Nem um só se apagará,  
Que nunca a fé promettida,  
Dos seios d'alma nascida,  
Deixará de ser cumprida,  
Nunca, nunca quebrará.

Tu, por ventura, já viste  
No orbe celeste pender  
Uma estrella sempre triste,  
Ou quasi exsangue a morrer?...  
Nunca viste, não, d'onzella,  
Uma estrella esmorecer,  
Porque o brilho é proprio d'ella,  
Não póde o brilho perder:  
Meu amor é como a estrella,  
Nunca póde perecer.

— Mas se á noute a tempestade  
Vier altiva a rugir,  
Ha de vir a escuridade  
A luz da estrella encobrir;  
Ha de então a estrella linda  
Seu lindo brilho esconder;  
Meu amor mais forte ainda  
Sem vacillar nem tremer  
Ha de conservar constante  
Da fé o fogo brilhante,  
Ha de fulgir e viver.

Setembro de 1859

A. A.

**A um homem do povo que por suas proprias mãos adornava o feretro de sua filha**

Eu vi-o triste! — no rosto  
Vi-lhe a furto borbulhar  
Esse pranto do desgosto,  
Que em vão q'ria suffocar;  
E juncto á filha sem vida,  
No feretro adormecida,  
Mostrava bem seu amor,  
Quando, triste e compungido,  
Comprimia esse gemido,  
Que d'alma incitava a dor!...

Vêde-o alli!... esse homem rude  
Não se peja de chorar,

Quando de filha o ataúde  
 'Stava elle mesmo a adornar!...  
 Que o pranto, que seja abrolhos,  
 Jámais deshonrou os olhos  
 D'um pobre pae que o verteu,  
 Quando o pranto o rosto lava  
 Do filhinho, que elle amava  
 E que vóa — anginho — ao céu!...

Vêde-o alli pondo a capella  
 Na frente ao anjo dos céus!...  
 Era elle proprio!... e ao vél-a  
 Lhe dizia o extremo adeus!...  
 Mas como affaga o anginho!...  
 Quasi um sorrir de carinho  
 Os seus labios lhe entre-abriu!...  
 Achava-o bello!... tão lindo!...  
 Julgou-o talvez dormindo  
 E então o triste sorriu!...

Que affecto tão excessivo  
 Que alli põe o pobre pae!...  
 Parece que o anginho é vivo  
 E que p'rá festa lhe vae!...  
 Ao desvelo, com que o adorna,  
 Dir-se-ia que em breve torna  
 A filhinha em casa a entrar!...  
 Julgar-se-ia, que, brincando,  
 A adornára em sonho brando,  
 P'rá ver mais bella acordar!...

Illusão!... a filha q'rida  
 É um cadaver!... mais não  
 Lêde-o na dor comprimida  
 No paterno coração!...  
 Como em caricia tão maga  
 Da filha o rosto inda afaga  
 Como beija os olhos seus!...  
 Como não contém seu pranto  
 Que um pae já não póde tanto,  
 Dando á filha o extremo adeus!...

A. M. DA CUNHA BELLEM.

### LEMBRAS-ME

Se ao enlaçal-a no peito  
 Me cae desfeita uma flor...  
 Lembras-me, sonho desfeito!  
 Sonho d'amor!

Se a borboleta do calix  
 D'um lyrio aos ares se ergueu...  
 Lembras-me, estrella dos valles!  
 Lyrio do céu!

Se inda um affecto em mim vive  
 Entre os que mortos possuo...  
 Lembras-me, sonho que eu tive!  
 Lembras-me tu!

JOÃO DE DEUS

### O AMOR E A MORTE

(IMITAÇÃO)

Arcos em punho, e no hombro a aljava,  
 Co'Amor, a Morte um dia viajava:  
 'Num denso bosque a noite os surprehende;  
 E quando os lassos membros  
 Em terra descansaram,  
 As settas por engano misturaram.  
 E quiz a fatal sorte,  
 Quando a aurora raiava no céu,  
 Que Amor se apossasse das armas da Morte,  
 E esta, por outro lado,  
 De algumas do deus alado,  
 Que junctas co'as suas na aljava metteu.

E foi este engano  
 Origem funesta de muita desgraça;  
 Pois desde este dia o Amor inclemente  
 As almas dos jovens fere mortalmente;  
 E a Morte traspassa,  
 Com riso traidor,  
 O peito dos velhos co'as settas do Amor.

S. DA GAMA

### CHARADA

Não me distingues entre ellas? }  
 Queres saber quem eu sou? }  
 Não sou amor, nem belleza, }  
 Mas uma e outra me gastou. } 1

Talvez, assim, não conheças }  
 O rogo que eu sei fazer? }  
 Pois então não me accentues, }  
 Juncto aos nomes irei ter. } 1

Com vida o sangue pisado }  
 A minha côr imitou: }  
 Com côr me tomam as damas } 1  
 Fraco e doce como sou. }

Dizem que um grande guerreiro }  
 Comigo já se entreteu }  
 É mentira: assassinou-me, } 1  
 Porque me não compr'endeu. }

Era escusado conceito  
 Dividido como estou;  
 Mas como é moda dizel-o,  
 E a moda não acabou:  
 — Sou homem, e sou amante,  
 — Fui militar e estudante.

K.

N.º 19.º — *Cachopucho*

## EXPEDIENTE

Rogâmos aos Sr.º assignantes, que ainda não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, se sirvam mandar pagar a esta redacção ou a seus commissarios, na fórma já annunciada; isto é, em estampilhas, ou vales do correio, quando não houver outro meio mais facil de pagamento.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

## PENSAMENTOS SOBRE O CHRISTIANISMO,

*Provas da sua verdade, seguido das confissões d'um philosopho christão, e da correspondencia entablada pelo auctor, sobre estes dois escriptos, com as primeiras dignidades do clero francez: — por J. Droz, vertido do francez e annotado.*

Está no prelo e vai sair á luz mais um livro de util e conveniente leitura para todos os que se filiam no gremio catholico. Não é um compendio de tneologia, nem um tractado de metaphysica; é um livro, amenamente escripto, em que são postas ao alcance de todas as intelligencias, as provas mais salientes da verdade dos dogmas e mysterios da religião christã.

Se o nome do auctor, sobejamente conhecido no mundo litterario pela clareza das suas ideias e imparcialidade da sua philosophia, é sufficiente garantia do valimento da sua obra, as cartas que sobre ella lhe foram dirigidas pelas primeiras auctoridades ecclesiasticas do seu paiz e que com ella correm impressas, podem dar testemunho da sua orthodoxia, e fazem suspeitar que a traducção que hoje se annuncia merecerá o favoravel acolhimento do público.

Corre porém ahí já publicado um pequeno opusculo, que, com o mesmo titulo, póde ser confundido com a presente edição. Previne-se portanto o público, que aquelle contém apenas a primeira parte do trabalho de M. Droz, e que a nossa edição, em lugar d'um folheto de 80 paginas em 16.º formará um bello volume de cerca de 300 paginas em 8.º francez.

O preço para os srs. assignantes é de 480 rs. pagos no acto da entrega; avulso 600. Todos os que sollicitarem dez assignaturas terão direito a um exemplar gratis.

Assigna-se em Aveiro em casa do editor Ernesto A. Ferreira, e em Coimbra nas lojas do sr. J. Orcei e José de Mesquita; e nas mais terras do reino e ilhas e nas casas dos sr.º commissarios dos sermões do Malhão, e Orador Sagrado, e Mil e uma Noites.

## JORNAL PARA TODOS

## LEITURAS DE INSTRUCCÃO E RECREIO

Publicou-se o 1.º numero d'este semanario illustrado, contendo os seguintes artigos: — Torre de Belem (com uma gravura) — Viagem á roda d'um vestido de folhos — Delhi — Engrandecimento da Inglaterra — A aurora boreal — O doutor Jenner, biographia (com uma gravura) — Descobrimento de várias ilhas portuguezas — As pragmaticas — Miscellanea — Logographo.

Assigna-se e vende-se na imprensa Industrial, Calçada do Combro, n.º 83; rua Augusta, n.º 1 e 8; rua do Arsenal, n.º 15, e em todas as mais lojas do costume.

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

	LISBOA	PROVINCIAS
Por um anno ou 52 numeros . . . . .	1\$000	1\$260
Semestre ou 26 numeros . . . . .	500	630
Avulso — 30 réis.		

## PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livreria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

## PREÇOS

	SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno . . . . .	1\$240	1\$480
Semestre . . . . .	660	780
Trimestre . . . . .	360	420
A vulso — 60 réis.		